

ÍNDICE

MEMORIAL

Dedicatória	47
Preliminar	48
Primeira parte: Relato	49
I ROSA VIRGÍNIA BARRETTO DE MATTOS OLIVEIRA E SILVA	
1. Primórdios fundadores	49
2. Os inícios	51
3. A confirmação das escolhas	53
4. Ouvir outras vozes: o aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa	56
5. A volta ao Brasil	60
II Profissionalização	60
1. O retorno a Brasília: uma experiência singular	60
2. A volta a Salvador: tempo morto	63
3. Voltando ao ponto de origem	65
4. Um novo patamar de estudo e pesquisa	68
5. O recrudescimento de trabalho na pós-graduação	72
6. O desenvolvimento de pesquisa e da produção	73
Segunda parte: Interpretações – Traços de uma trajetória	81
1. Explicação	81
2. Da Filologia para a Linguística	82
3. Os traços de uma trajetória de pesquisa	86
4. A trajetória de ensino	118
Terceira parte: outras atividades várias	134
1. Explicação	134
2. Atividades administrativas	134
3. Representações	135
4. Comissões acadêmicas	136
5. Conferências	138
6. Consultorias	141
7. Participação em associações científicas	141
8. Participação em associação sindical	142
Períodos	144
Referências bibliográficas	147

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS – ÁREA IV
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MATÉRIA: LÍNGUA PORTUGUESA

1999

ÍNDICE

Dedicatória	47
Preliminar	48
Primeira parte: Relatos	49
I Formação	49
1 Primórdios fundadores	49
2 Os inescrutáveis caminhos do destino	51
3 A confirmação das escolhas iniciais	53
4 Ouvir outras vozes: o aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa	56
5 A volta ao Brasil	60
II Profissionalização	60
1 O retorno a Brasília: uma experiência singular	60
2 A volta a Salvador: retorno incerto	63
3 Voltando ao ponto de origem	65
4 Um novo patamar de estudo e pesquisa	68
5 O recrudescimento do trabalho na pós-graduação	72
6 O desenvolvimento da pesquisa e da produção	74
Segunda parte: Interpretações – Traçados de uma trajetória	81
1 Explicação	81
2 Da Filologia para a Lingüística	82
3 Os traçados de uma trajetória de pesquisa	88
4 A trajetória de ensino	118
Terceira parte: outras atividades várias	134
1 Explicação	134
2 Atividades administrativas	134
3 Representações acadêmicas	135
4 Comissões acadêmicas	136
5 Comissões editoriais	138
6 Consultorias	141
7 Participação em associações científicas	141
8 Participação em associação sindical	142
Perspectivas	144
Referências bibliográficas	147

DEDICATÓRIA

para

- meu Pai, que sempre achou que eu estava certa. O que poderia ter me causado um grande mal;
- minha Mãe, que sempre esperou que eu parasse de estudar, a fim de ser mais companheira;
- minha Sogra, inesquecível exemplo da força de uma mulher.
(estão todos dormindo profundamente)

- meus Filhos – Oriana (Maria), (George) Olavo, João (Rodrigo), Lia (nor Maria), que me permitiram seguir o meu caminho;
- meus Netos – Joana, André, Maria Clara, Luca, Pedro, Mariana, que me fazem ver a vida.

- meus tantos Alunos, estímulo constante;
- meus Colegas, principalmente do Setor de Língua Portuguesa do IL-UFBa., companheiros amigos de longa jornada comum;
- meus Mestres Nelson Rossi e Luis Filipe Lindley Cintra: a eles devo o desvendar de caminhos.

- e tantos, tantos Amigos, a força da Amizade e da Ternura.

- por fim, mas principalmente, para Pedro (Agostinho), companheiro de muitas rotas *por mares nunca de antes navegados.*

Primeira parte: Relatos

I Formação

I Primórdios fundadora

Uma pergunta de aluno: - Por que precisamos de saber o lugar da Itália onde foi escrito o *Appendix Prosa*? A data em que foi escrito? Quem foi seu autor?

A pergunta advém, provavelmente, da minha falta de atenção no início da aula. A resposta parecia óbvia, mas, na aula seguinte, o Professor, com uma folha datilografada, preparada em matriz a álcool, que descrevia os dados (na minha folha escrevi a mão "Você é responsável por isto!"), voltou ao assunto da aula anterior, com mais detalhes, com

PRELIMINAR

Em um *Memorial* sobre a Vida Acadêmica, há que se desbastar a Vida. Neste retorno arqueológico, olhando o passado do presente, embora me concentre no que se requer para um Concurso de Professor Titular – os percursos nas atividades acadêmico-universitárias – deixarei, contudo, esgueirar-se a Vida, tentando um equilíbrio medido entre esta e aquelas, para que as últimas adquiram sentido no todo dos anos relatados e avaliados. Organizei este *Memorial* em quatro partes: *Relatos*; *Interpretações: traçados de uma trajetória*; *Outras atividades várias*; *Perspectivas*. Espero que consiga expressar, com clareza e sem frieza, essa busca do tempo vivido.

Corria isso no ano de 1969. Segunda semana no seu início. Tinha acabado de fazer 19 anos. No primeiro ano da Faculdade fizera com o mesmo Professor uma iniciação à Linguística, no âmbito da disciplina *Filologia e Língua portuguesa* (tão havia Linguística no currículo, o que só veio a acontecer, por lei, em 1962). Pululavam, pela primeira vez, as doutrinas saussurianas; as distrações wotrzykowskianas do Círculo Linguístico de Praga; as associações americanas de Bloomfield e Sapir. Tudo lido nos textos originais, isto é, sem a intermediação de traduções, que só viriam a aparecer muito depois. No primeiro semestre do 2º ano nos enfrentávamos, pela aula-guia do mesmo Professor, na questão do parentesco entre as línguas do mundo, fundamentalmente as do tronco indo-europeu. Lemos tudo o que de

Primeira parte: Relatos

I Formação

1 Primórdios fundadores

Uma pergunta de aluna: - Por que precisamos de saber o lugar da Itália onde foi escrito o *Appendix Probi*? A data em que foi escrito? Quem foi seu autor?

A pergunta adveio, provavelmente, da minha falta de atenção no início da aula. A resposta parecia óbvia, mas, na aula seguinte, o Professor, com uma folha datilografada, preparada em matriz a álcool, que distribuiu aos alunos (na minha folha escreveu à mão "Você é responsável por isto!"), voltou ao assunto da aula anterior: com mais detalhes, com outras hipóteses relativas a problemas semelhantes, para discutir e esclarecer por que razão localizar, datar, identificar o autor de um documento do passado. Sem isso, que valor lingüístico, numa perspectiva histórica, teria o *Appendix Probi*? Apenas uma lista de "erros correntes" nos alunos "corrigidos" pelo professor que seria Probus ou outro, um professor que pretendia transmitir o uso "clássico" a seus alunos, usuários do "vulgar" do Império Romano.

Compreendido o problema e o necessário detalhamento sobre o onde, quando, quem, deu-se o "estalo" e o aflorar de uma paixão intelectual: os dados lingüísticos para significar, numa perspectiva histórica, têm de ser localizados, datados, identificado socialmente o seu autor, na medida do possível, exigida pelo rigor permissível pelos séculos atravessados.

Corria isso no ano de 1959. Segundo semestre no seu início. Tinha acabado de fazer 19 anos. No primeiro ano da Faculdade fizera com o mesmo Professor uma iniciação à Lingüística, no âmbito da disciplina *Filologia e língua portuguesa* (não havia Lingüística no currículo, o que só veio a acontecer, por lei, em 1962). Pululavam, pela primeira vez, as dicotomias saussurianas; as distinções troubetzkoianas do Círculo Lingüístico de Praga; as orientações americanas de Bloomfield e Sapir. Tudo lido nos textos originais, isto é, sem a intermediação de traduções, que só viriam a aparecer muito depois. No primeiro semestre do 2º. ano nos enfronhamos, pela mão guia do mesmo Professor, na questão do parentesco entre as línguas do mundo, fundamentalmente as do tronco indo-europeu. Lemos tudo o que de

bibliografia havia disponível: o *vademecum* era *Les Langues du Monde*. Conheci então Antoine Meillet. Chegamos do proto-indo-europeu ao latim e ao *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Foi, contudo, no segundo semestre de 1959 que a diversidade espacial, social, cronológica da língua latina imperial aflorou e abriu-se assim um caminho para questionamentos inimagináveis antes – as línguas variavam e mudavam no tempo. A língua não era só aquela que queriam que soubéssemos, enquadrada nos compêndios gramaticais, tanto do português como das línguas estrangeiras que desde o ginásio estudávamos: latim, francês, inglês, espanhol. E, já na Faculdade, também o alemão.

O Professor era Nelson Rossi.

Por esse tempo se abria também em mim um gosto seletivo pelo texto literário, descoberto por conta própria, formando-se então um embrião de um cânone muito pessoal: Graciliano Ramos e Guimarães Rosa foram os autores de quem li toda a obra nesses anos de 1958 e 1959. O professor de Literatura Brasileira, um poeta baiano de valor, professor para resolver problemas circunstanciais, me perguntou: mas que graça Você acha em ler Guimarães Rosa? Por que esse interesse? A razão do interesse subjazia e eu não pude então explicitá-la. Depois, muito depois, é que percebi a conexão entre o que me despertara a leitura apaixonada pela curiosidade de *Sagarana*, *Corpo de Baile* (ainda em um só volume) e de *Grande Sertão: Veredas* e a compreensão inicial da variabilidade nas línguas e da variedade delas. E por que, também, Graciliano Ramos me tomou por inteiro? Será, talvez, uma antípoda de Guimarães Rosa. Só depois, muito depois, consegui perceber: pelo estudo das línguas no tempo e no espaço feito no 2º. ano da Faculdade, pela leitura de Guimarães Rosa percebi, por fim, que a mudança das línguas e a criatividade dos indivíduos, a partir da potencialidade de suas línguas, estavam interligadas. Graciliano Ramos entrou nessa estória por outra porta: era possível escrever com limpidez, clareza, “dignidade”, na simplicidade transparente da escolha da palavra adequada e, sem maiores complexificações sintáticas e retóricas. Achava-me insegura para escrever e precisava escrever: era a base do que queria fazer. Graciliano Ramos me dizia, quando o lia (percebi isso depois) que poderia ser clara, precisa, concisa e compreensível, sem volteios retóricos, sem palavras ou figuras rebuscadas. Acho que me encorajei para escrever, seguindo o exemplo, *modus in rebus*, de Graciliano.

Tudo isso ocorria pelos anos de 1958 e 1959. Hoje vejo que foi então que descobri a minha inclinação para a reflexão sobre a língua, enquanto objeto de estudo, e para a língua enquanto objeto de ensino. Nesses primórdios fundadores, decidi desistir de ser professora de inglês – para isso entrara na Faculdade – e escolhi ser professora de português. A descoberta da possibilidade de trabalhar sobre a língua como objeto de pesquisa desencadeou-se um pouco depois. Nesses primórdios estiveram ou eram Nelson Rossi, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, meus Mestres.

2 Os inescrutáveis caminhos do futuro

Há que fazer um breve excursão: em 1955 chegou à então Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia um jovem professor carioca, muito magro, vindo da França, onde estudara, para instalar naqueles tempos áureos e áulicos da Universidade um laboratório de Fonética à semelhança do que existia em Coimbra. Estava eu no Curso de Colégio, no Colégio de Aplicação, que funcionava no mesmo velho e querido prédio da Faculdade de Filosofia na Avenida Joana Angélica. Das salas do Curso de Colégio (1955-1957), víamos passar o Professor que diziam ser o terror dos cursos de Letras. Instaurou esse Mestre um esquema de trabalho em dedicação exclusiva, *avant la lettre*: oito horas de trabalho, pelo menos, por dia. Ele fazia pesquisa, dizia-se. Era pesquisador e professor. A sua originalidade e idiosincrasia no contexto da jovem, porém velha, Faculdade veio a criar-lhe muitas antipatias e inimizades. Era ele diferente; bastava. Chegou para ficar e criar uma nova mentalidade nos Cursos de Letras. E criou: o trabalho universitário não podia dissociar ensino e pesquisa. Fez viver a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, também *avant la lettre*, depois legalizada e legislada, até o dia de sua aposentadoria precoce em 1985.

Quando entrei no Curso de Letras Anglo-germânicas em início de 1958, já avançavam os trabalhos preliminares para o que viria a ser o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963, pelo Instituto Nacional do Livro, trabalho inaugural da Geografia Lingüística no Brasil, do qual participei na sua fase final, 1962, a da montagem manual das *Cartas Lingüísticas*.

Para formar novos e jovens pesquisadores, o Professor Nelson Rossi – longe estava o tempo das bolsas de Iniciação Científica – planejou e implementou a onerosa tarefa de, no 4º.

ano da Faculdade, em vez de dar curso livresco, fazer em equipe, com os estudantes, trabalhos de pesquisa de fato. É verdade que as turmas eram pequenas; os alunos, em geral, chegavam com uma formação razoável – nos hábitos de leitura, no uso adequado da língua escrita, pelo menos; e o trabalho de formação dos três primeiros anos – o regime era ainda anual e não semestral – permitiam um bom patamar para, no 4º. ano, investir-se em pesquisa que resultasse em sério trabalho de equipe. Foi assim que nasceu o APFB e foi assim que se fez a edição crítica do *Livro das Aves*, texto medieval português do século XIV, publicado em 1965, também pelo Instituto Nacional do Livro.

Quando, em 1961, cheguei com minhas companheiras de turma ao 4º. ano, o Professor Nelson Rossi nos colocou algumas possibilidades de trabalho coletivo de pesquisa no campo da Dialectologia ou então no campo da Filologia de textos medievais portugueses. Escolhida a segunda, começamos a nos preparar para fazer uma edição do *Livro das Aves*, manuscrito publicado alguns anos antes, 1956, em fac-símile, por Serafim da Silva Neto no seu livro *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Foi esse o trabalho escolhido, democraticamente, pelo grupo e a ele nos dedicamos durante o ano letivo. Depois de lido tudo de que se dispunha, e era muito, sobre Filologia Medieval Portuguesa e sobre edições de manuscritos medievais, passamos ao “corpo a corpo” (era esse o nosso termo “técnico”) com o fac-símile do manuscrito e, ao fim do ano, tínhamos a edição na sua primeira forma.

Entre assim no que viria a ser a minha mais antiga linha de pesquisa, no meu percurso de estudo sobre a língua portuguesa. Pesquisadoras em embrião, concluímos a Licenciatura em Letras, no meu caso, Letras Anglo-germânicas, em dezembro de 1961.

Como fizera o vestibular para Anglo-germânicas, não poderia, em princípio, fazer a Didática Especial e o Estágio para Licenciatura em Língua Portuguesa. O problema foi levado ao então Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia e a permissão foi dada para que me dedicasse à Didática e ao Estágio na matéria desejada. Assim, já em meados de 1961, antes de Licenciada, iniciei meu caminho de professora de português, substituindo no Colégio de Aplicação – primeira série de ginásio e primeiro ano colegial – a professora dessas turmas, Suzana Alice Marcelino da Silva, depois Cardoso – que seguira para o Leitorado de português na Universidade de Colônia, na Alemanha.

Portanto, no ano de 1961, aos 21 anos, defini, pelas circunstâncias relatadas, minhas primeiras orientações, tanto na pesquisa como no ensino: na pesquisa o campo da Lingüística Histórica e, no ensino, a Língua Portuguesa.

3 A confirmação das escolhas iniciais

Em 1962 a vida começaria a dar uma volta de 180 graus.

Criava-se em Brasília uma nova Universidade: planejada desde o nascedouro; financiada com abundância; orientada para ser modelo das futuras universidades a serem criadas no Brasil, para a qual estavam sendo escolhidos Mestres do mais alto gabarito, dentre os melhores do Brasil e também do estrangeiro. Para a matéria Língua Portuguesa foi o Professor Nelson Rossi o escolhido.

No ano de 1962, dividiu-se o Professor Nelson Rossi entre a Universidade da Bahia e a implantação da Universidade de Brasília. Já licenciada, juntamente com Vera Lúcia Reis Sampaio, depois Rollemberg, fui contratada pela Universidade da Bahia, na categoria de *Técnica Especializada* e, sob a supervisão do Professor Rossi, ficamos encarregadas, juntamente com Jacyra Mota, todas três da turma de 1961, de concluir com a turma da nova 4ª. série, a edição, o glossário do *Livro das Aves* e reunir dados necessários para o capítulo da *Introdução* à edição, que viria a ser escrita pelo Professor Nelson Rossi, nas férias de verão de 1963.

Em março de 1963, iniciaram-se os Mestrados do Instituto Central de Letras da Universidade de Brasília (UNB). Seriam os primeiros do Brasil, na área de Letras. Havia vagas possíveis e da Bahia fomos fazê-lo, na área de Língua Portuguesa: Dinah Isensee, depois Callou, da Turma de Licenciatura de 1959; Júlia Conceição Fonseca Santos, da Turma de 1960 (minha querida amiga que veio a falecer em 1968 em Besançon, onde fazia o seu Doutorado) e eu, da turma de 1961. Nadja Cruz Andrade seguiu também para Brasília, mas já para ser professora assistente e para fazer o Doutorado, enquanto nós três íamos na categoria de Instrutor-bolsista, para cumprir o Mestrado, só depois poderíamos entrar no quadro docente permanente.

Era um Mestrado a ser feito em dois anos, centrado na Dissertação, com créditos-aula complementares e com atividades de ensino para auxiliar o professor responsável pela matéria, que, no caso, era o Professor Nelson Rossi.

Fiz os créditos complementares exigidos em Teoria da Literatura (um curso com o Professor Hércio Martins e outro com o Professor Eudoro de Souza) e os outros em Lingüística (com o Professor Ayrton Dall'Igna Rodrigues, estruturalista formado na Alemanha e com os professores do Summer Institute of Linguistics, Sarah Gudschinsk, Lorraine Bridgeman e Irvine Davis, estruturalistas americanos da escola tagmêmica de Kenneth Pike). Os créditos nessas matérias deveram-se ao fato de terem entrado, exatamente em 1963, no currículo de Letras, como disciplinas obrigatórias, Teoria da Literatura e Lingüística, disciplinas que, obviamente, não cursara na minha licenciatura.

Escolhi como tema de Dissertação fazer uma outra edição crítica de texto medieval português, aproveitando o *know-how* adquirido com o trabalho sobre o *Livro das Aves* e o gosto que descobri ter pelo mundo medieval e pela expressão em língua portuguesa nas suas origens arcaicas. Editei o *Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório*, a primeira biografia de São Bento, tendo como base o manuscrito, parte do conjunto de manuscritos trecentistas de Serafim da Silva Neto, constituídos do *Livro das Aves*, dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* e de um *Flos Sanctorum*.

O Projeto de pesquisa coletivo da equipe de Língua Portuguesa da UNB, coordenado pelo Professor Nelson Rossi, era o *Atlas Lingüístico de Goiás*, que daria continuidade ao trabalho de Dialectologia e Geografia Lingüística, iniciado em Salvador, com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, já impresso e lançado em Brasília naquele ano de 1963. Iniciaram-se as pesquisas preliminares para identificação da rede de localidades a serem inquiridas. Os acontecimentos subseqüentes ao golpe militar de março de 1964, contudo, impediram o prosseguimento desse projeto.

Assim, no meu tempo de Mestrado, concluído em dezembro de 1964, convergiram na minha formação a orientação filológica aplicada aos textos medievais portugueses, a orientação dialectológica nos estudos preliminares para o interrompido *Atlas Lingüístico de Goiás* e a orientação, nova para mim, da Lingüística Descritiva Estruturalista, orientação essa

que viria a ser por mim aproveitada, muito depois, quando construí a minha pesquisa de pós-doutoramento, cujo resultado foi o livro *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*, publicado em 1989, em Lisboa, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Logo no ano seguinte ao da conclusão do meu Mestrado, em novembro de 1965, conseqüência publicamente conhecida do golpe militar de 1964, desmoronou a primeira Universidade de Brasília, em seqüência à demissão coletiva da maioria do corpo docente. Nessa altura ainda era Instrutora, não tinha ascendido ao quadro permanente, por aguardar o terceiro parecer sobre a Dissertação de Mestrado que, afinal, foi aprovada com distinção, em dezembro de 1965. Foram os examinadores: Nelson Rossi (orientador), Celso Ferreira da Cunha, da Universidade do Brasil, futura UFRJ e Albino de Bem Veiga, da Universidade do Rio Grande do Sul, futura UFRGS.

Na Universidade de Brasília, como Instrutor-bolsista, dei aulas de Língua Portuguesa como competia aos Instrutores: nos anos de 1963 e 1964 nos Cursos de Recuperação de Português da Universidade e em 1965 já no Curso de Licenciatura em Letras.

Voltando o Professor Nelson Rossi para a Universidade da Bahia, desfez-se a equipe de Língua Portuguesa em Brasília.

Permaneci em Brasília com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian (ano de 1966), ao abrigo do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da UNB, dirigido pelo Professor de Literatura Portuguesa, George Agostinho da Silva, para prosseguir na edição dos outros três livros dos *Diálogos de São Gregório*, seguindo-se a essa bolsa no Brasil, mais dois anos (1967 e 1968) como bolsista da mesma Fundação, para finalizar em Portugal a edição projetada. Os objetivos dessa bolsa de pesquisa em Portugal foram consultar e investigar, em Arquivos e Bibliotecas, um conjunto de questões necessárias à conclusão da edição completa dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*.

Com essa edição, que veio a ser, em 1971, a minha tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, cumpri o meu trajeto de filóloga e, como conseqüência dele,

entrei no campo da Lingüística Histórica nas suas vertentes propriamente lingüísticas, ou seja, a do estudo das sincronias do passado e do estudo de mudanças lingüísticas diacrônicas.

4 Ouvir outras vozes: o aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa

Segui para Lisboa, em janeiro de 1967, no último *Vôo da Amizade* da Varig, com Oriana e Olavo (que tinham, respectivamente, um ano e dez meses e seis meses), também com Pedro, como bolsista, mas do Instituto da Alta Cultura de Portugal.

O meu objetivo ao candidatar-me a uma bolsa de pesquisa da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, foi buscar respostas em Arquivos e Bibliotecas portuguesas para uma série de questões pendentes, de natureza filológica, para completar a edição da versão portuguesa mais antiga conhecida dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, em confronto com as versões quatrocentistas do acervo alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa. Precisava desvendar a história do manuscrito selecionado como base, o manuscrito de Serafim da Silva Neto, e das duas versões alcobacenses, com cujos manuscritos trabalhara; precisava localizar no tempo medieval português esses três manuscritos; precisava estabelecer a relação estemática entre eles; precisava descrevê-los paleograficamente; precisava estudar características lingüísticas desses documentos medievais portugueses. Para tanto precisaria de um orientador. Duas Cartas de Apresentação, a do Professor Nelson Rossi e a do Professor George Agostinho da Silva, me abriram as portas para o Professor Luis Filipe Lindley Cintra, o Catedrático de Lingüística Românica da Universidade de Lisboa e pesquisador, internacionalmente reconhecido, nos campos da hispanística medieval, da literatura medieval hispânica, da dialectologia portuguesa, pelo menos. O Professor Lindley Cintra, a sábia e encantadora pessoa, Mestre de tantos discípulos, indicou-me caminhos a seguir, mas sobretudo me mostrou como são a simpatia e a simplicidade as grandes virtudes dos verdadeiros sabedores.

De dezembro de 1967 a outubro de 1968, busquei o que procurava nos Arquivos da Torre do Tombo, nos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca do Centro de Estudos Filológicos, hoje Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, alcançando respostas para algumas das minhas buscas, como se pode ler no primeiro volume – *Introdução*, da minha tese de Doutorado. Além da pesquisa sistemática, fiz todos os

cursos ministrados, nesses tempos, pelo Professor Lindley Cintra – *Introdução aos estudos lingüísticos; Lingüística Românica; Literatura medieval*. Participei, por convite do Professor, das sessões, às 6^{as}. feiras à tarde, de discussão das dissertações de licenciatura em andamento, sob sua orientação (não havia ainda em Portugal a pós-graduação formal, mas os licenciandos só se tornavam licenciados com uma dissertação, tese de peso defendida). Participei, ainda por convite do Professor Cintra, de duas excursões para treinamento dialectológico, uma na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, outra nas regiões da Beira Alta e Beira Baixa. Experiência fundamental: a de ouvir de informantes rurais, sem escolarização, o português regional, tradicional de Portugal.

Transferei e redimensionei o saber adquirido no Curso de Licenciatura em Salvador e no Mestrado em Brasília, no campo tanto da Filologia como da Dialectologia. Completei a minha formação brasileira, adquirida pelas mãos do Mestre Rossi com uma formação portuguesa, conduzida por outro Mestre, o Professor Cintra.

Para além desses objetivos planejados, outra experiência inesperada aconteceu, decorrente da aproximação e posterior amizade, com a Assistente licenciada, ainda não Doutora, Maria Helena Mira Mateus. Buscava ela já então – 1967, novos caminhos para seus trabalhos e renovadoras orientações para os estudos lingüísticos em Portugal, fundamentalmente ainda devedores à tradição filológica iniciada do século XIX para os inícios do século XX por José Leite de Vasconcellos e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, embora orientações da chamada Lingüística Moderna já se veiculassem nos cursos de *Introdução aos estudos lingüísticos*, ministrados pelo Professor Lindley Cintra em Lisboa e nos trabalhos estruturalistas, ao nível da Fonologia, de José Herculano de Carvalho, de Coimbra, e de Jorge Moraes Barbosa, ambos tendo estudado com André Martinet na França. Vale lembrar também que nessas aberturas para a Lingüística Moderna, em Portugal, foram muito significativos os cursos dados em anos anteriores, na Universidade de Lisboa, por Joaquim Mattoso Câmara Jr., o chamado pai da Lingüística Brasileira.

Embora as orientações estruturalistas já marcassem ali os estudos literários, os estudos lingüísticos seguiam, predominantemente, a tradição historicista oitocentista que relacionava história do passado da língua à dialectologia, ou seja, o estudo dos dialetos regionais e sua arcaicidade. Desse modo, o quadro geral dos estudos lingüísticos em Lisboa

de 1967 e 1968 era análogo ao da minha licenciatura em Salvador, destacando-se, contudo, as novas orientações lingüísticas estruturalistas no meu Mestrado em Brasília. Tema que retomarei depois, vale contudo aqui ressaltá-lo, essas novas orientações no Brasil e novíssimas em Portugal, já caminhavam para a sua contestação tanto nos Estados Unidos, como na Europa (cf. *Segunda Parte*).

Maria Helena Mira Mateus, contudo, já nessa época começava a rever o tradicional no ensino e na pesquisa lingüística em Portugal. Com ela, que formou um grupo de estudos de Lingüística, comecei a estudar os lingüistas franceses contemporâneos e colaborei, no grupo, com o que aprendera do estruturalismo americano na UNB, entre 1963 e 1965.

Desse convívio em volta de interesses comuns, fui motivada por Maria Helena Mira Mateus a utilizar, tal como ela fizera para o texto que editara – *Vida e feitos de Júlio César* (ms. português do sec. XV), o conjunto mecanográfico clássico do Centro de Cálculo Científico da Fundação Calouste Gulbenkian, para que, com seu auxílio, dispusesse de listagens alfabéticas e por categorias lingüísticas codificadas, material que seria a base para análises lingüísticas posteriores. À tarefa da codificação dos dados da versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório* me dediquei no segundo semestre de 1967; eram eles perfurados, classificados, segundo a codificação feita, e impressos em listagens pelo Centro de Cálculo Científico da Fundação Calouste Gulbenkian e vieram a ser base da análise lingüística que, iniciada em 1968, depois interrompida, só veio a estar concluída no meu pós-doutoramento em 1981 e publicada como livro em 1989, o já referido *Estruturas trecentistas*.

No verão de 1968, ou seja, julho-agosto, participei do III Curso de Filologia Espanhola, realizado em Málaga, durante 40 dias, no qual tive oportunidade de seguir cursos de hispanistas renomados, como Badia Margarit, Martin de Riquer, Juan Lope Blanch, Bernard Pottier – que ministrou um curso de morfossintaxe do espanhol, Antônio Quilis e do grande romanista Iorgu Iordan, além de outros. Complementei assim meus estudos no âmbito da hispanística medieval, dialectologia e do estruturalismo. Fui para isso financiada por uma bolsa, para a qual me candidatei, do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) de Madrid.

Escrevi nessa altura o meu primeiro trabalho para um congresso – o Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas que, nesse ano de 1968, se realizaria em Bucarest, ao qual acabei por não ir por não ter obtido auxílio-viagem da Fundação Calouste Gulbenkian. Contudo, o trabalho feito veio a ser publicado em 1971 no *Boletim de Filologia de Lisboa* (n.º XXII, t. 1-2), pelo interesse demonstrado por ele pelo Professor Lindley Cintra. Intitula-se esse artigo *As versões medievais portuguesas dos Diálogos de São Gregório. Relação entre os mss.* Foi essa a minha estréia em publicações académicas. Fruto do meu trabalho de pesquisa em Lisboa, também publiquei, em 1973, mas em Salvador, na revista *Universitas* (no. 8-9), periódico da já UFBA. e não mais Universidade da Bahia, o artigo *O fichário macanográfico de um texto antigo.*

Além de ter concluído em Lisboa os estudos preliminares à edição crítica dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, apresentados no volume I, *Introdução* da minha tese de Doutoramento, dei início ainda lá, em 1968, ao estudo lingüístico da versão trecentista, cujas primeiras idéias apresentei em Comunicação ao II Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, realizado em janeiro de 1969 em São Paulo, sob o título de *O estudo lingüístico de um texto português do século XIV*, que viria a ser publicado em 1973, no *Boletim de Filologia de Lisboa* (n.º XXII, t. 3-4) e, posteriormente, nas *Atas* do Congresso que só vieram a público anos depois, em 1987, editadas em São Paulo.

Com essas três publicações iniciais dava notícia aos interessados do que realizara nas minhas atividades de aperfeiçoamento em Lisboa, sob os auspícios da bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian.

No período lisboeta, consegui, no primeiro semestre de 1968, uma bolsa da Cooperação Française para um estágio de três meses na França, de que não pude usufruir por razões de ordem pessoal-familiar. Seria para aperfeiçoar-me nos então chamados métodos de análise quantitativa, em voga, em algumas universidades francesas no âmbito da Lexicografia / Lexicologia.

Voltei para o Brasil com a edição da versão medieval portuguesa mais antiga conhecida dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* quase pronta: leitura crítica da versão trecentista, aparato crítico resultado da *collatio* entre a versão trecentista e as duas

versões quatrocentistas alcobacenses; com os dados organizados para a redação final dos capítulos introdutórios à edição; com os materiais classificados, listados e impressos para prosseguir no estudo lingüístico da versão trecentista dos *Diálogos*.

Essa era a bagagem da viajante, para além do que aprendeu com o Mestre desses anos lisboetas, o Professor Lindley Cintra e com o que lera, vira e ouvira do outro lado do mar. Retornara assim, com os dois primeiros filhos e o marido, em fins de 1968, para os trópicos brasileiros, convulsionados pelos Atos Institucionais da Ditadura Militar.

5 De volta ao Brasil

Chegamos na iminência do Ato Institucional nº. 5. O quadro político era aterrador: tantos amigos do tempo da Universidade, da política estudantil, da Juventude Universitária Católica (JUC), da Ação Popular (AP), envolvidos em tão obscuras situações, alguns deles logo desaparecidos para sempre: cabe-me aqui nomear o amigo-irmão Jorge Leal Gonçalves Pereira. Impossível deixar de mencionar tais acontecimentos que nos envolveram de saída, à chegada.

Não retornei ao velho aprisco da equipe de Língua Portuguesa, coordenada pelo Professor Nelson Rossi, na ainda Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, apesar do seu convite e da possibilidade de um contrato de trabalho. Fiz algumas palestras no âmbito da matéria Língua Portuguesa, no meu berço de origem acadêmica, sobre o que pesquisara em Lisboa. A ele só voltaria em 1973. O destino me traçara uma outra rota, que me levou a iniciar-me no campo da Sociolingüística, no que se refere à minha trajetória de pesquisa.

II Profissionalização

1 O retorno a Brasília: uma experiência singular

Decidimos, um grupo saído da Universidade de Brasília, criar à margem das Instituições oficiais um Centro de Pesquisas interdisciplinares de estudos indígenas – seria o Centro Brasileiro de Estudos Indígenas. Experiência de jovens antropólogos, entre eles eu, na

condição de lingüista. Dessa experiência que durou dois anos (1969-1970), financiada pelo mecenato de uma figura ímpar, idealista e amiga, Mariana Agostini de Villalba Alvim, enquanto se organizava uma Fundação (que não veio a criar-se), programamos um projeto interdisciplinar para estudar aspectos culturais e lingüísticos dos índios xinguanos. Dessa atividade academicamente marginal, saíram estudos sobre os índios xinguanos de autoria de Pedro Agostinho, Rafael Bastos, Olympio Serra, hoje conhecidos no âmbito da etnografia indígena do Brasil e do indigenismo e o meu trabalho sobre o português falado pelos índios kamayurá.

Tendo estado quatro semanas no Xingu, no Posto Leonardo Villas-Boas e na aldeia Kamayurá, inesquecível experiência, recolhi um *corpus* com base no meu conhecimento da metodologia da dialectologia de campo, que aprendera tanto com Nelson Rossi como com Lindley Cintra e do que lera, já em Brasília, sobre teoria do contato lingüístico e do bilingüismo, nomeadamente a obra clássica de Uriel Weinreich, *Languages in Contact* (1968) e de materiais solicitados e recebidos do Canadá, enviados por Francis MacKay.

Desses materiais recolhidos do português kamayurá logo saiu um artigo na *Revista Brasileira de Antropologia* (n.º XVII-XX, 1972), intitulado *Informação preliminar sobre o português falado na aldeia Kamayurá*. Um segundo estudo foi elaborado por mim e por Pedro Agostinho para o Congresso da ALFAL de 1972, em Porto Rico, saído nas suas *Atas*, sob o título *Aculturação no plano lingüístico: notícia sobre pesquisa entre os índios kamayurá do Alto Xingu*.

Voltando a Salvador, pela impossibilidade (financeira) de manter uma utopia, desfeito o grupo do Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, continuei, ao longo da década de 70, a trabalhar com os dados desse *corpus*, coletado em 1969, já agora com a participação de minhas novas colegas do já Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Passara-se, portanto, a Reforma Universitária de 1968. Esses trabalhos foram apresentados em congressos no Brasil e depois o conjunto de sete estudos saiu como livro, em 1988, pelo Centro Editorial e Didático da UFBA., sob o título *Sete estudos sobre o português kamayurá*.

Nesse período de dois anos em Brasília, outra tarefa de pesquisa me ocupou. Tendo chegado de Portugal com uma “massa” de materiais sobre as versões medievais portuguesas dos *Diálogos de São Gregório*, meus inesquecíveis amigos, antigos colegas na desmoronada primeira Universidade de Brasília – Ada Natal Rodrigues e Albertino Rodrigues, falecidos prematuramente em 1991 em desastre terrível - perguntaram-me, muito pragmaticamente: “Para que fez tudo isto?”. A minha resposta inocente, mas óbvia para mim, foi: para concluir um trabalho iniciado.

Em fins de 1969 se encerravam as inscrições para o Doutorado na Universidade de São Paulo. Ada Natal Rodrigues ali professora e com prestígio, logo depois demitida por motivos de ordem política, correntes naqueles anos, conseguiu não só me inscrever para o Doutorado, mas também conseguiu a condição *sine qua non* para a inscrição: o orientador. Com gentileza e grandeza, o Professor Isaac Nicolau Salum, romanista conhecido e catedrático de Filologia Românica da USP, aceitou ser meu orientador, depois de examinar o que fizera em Lisboa e encaminhar ao Departamento de Linguística e de Línguas Orientais da USP a minha inscrição com o *curriculum* para exame e verificação, a fim de avaliarem se haveria necessidade de trabalhos complementares antes da apresentação da tese. O *curriculum* foi considerado suficiente, sobretudo por já ter Mestrado concluído, o que ainda não era comum à época; a inscrição foi feita e, decorridos dois anos da inscrição, era exigência da lei, defendi eu a tese de doutoramento, intitulada: *A mais antiga versão medieval portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório.'* 4 v. *Introdução. Leitura Crítica. Aparato Crítico. Índice Geral das Palavras Lexicais.*

A *Leitura Crítica* e o *Aparato Crítico* já trouxera prontos de Lisboa. Preparei em Brasília, em 1969 e 1970, a redação final da *Introdução* e o *Índice Geral das Palavras Lexicais* (nomes: substantivos e adjetivos; verbos e adjetivos de verbos), com base nas listagens trazidas de Lisboa. A tese foi aprovada com nota dez, distinção, por Isaac Nicolau Salum, Theodoro Maurer Jr., Antônio Cândido de Mello e Souza, Segismundo Spina e Dom João Melmann O.S.B. A tese continua inédita, mas aceita para publicação desde 1983 pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Lisboa.

O estudo lingüístico iniciado em Lisboa não fez parte da tese por ter o Professor Isaac Nicolau Salum, meu orientador, aconselhado a guardá-lo para “outra tese” (*sic*) já que

aquela apresentava muito avantajada dimensão. E assim foi. Isto é, não foi outra tese, tornou-se o tema de pesquisa do pós-doutoramento que realizei na UFRJ entre agosto de 1979 e dezembro de 1981, sob a orientação do Professor Celso Ferreira da Cunha.

O interessante desse retorno a Brasília foi que adquiri uma autonomia no meu trabalho de pesquisadora, uma profissionalização, já que entrei no campo da questão do contato lingüístico com as línguas indígenas por meu próprio pé e pela minha própria cabeça, sem o apoio dos Mestres já consagrados, como ocorrera até então. Esse fato me parece ter sido de fundamental importância para a construção do meu próprio caminho como pesquisadora, apesar de todos os medos e inseguranças que isso acarretava. Contudo, as experiências antes vividas sob a égide de um Mestre - Professor Nelson Rossi, Professor Cintra - deram-me a segurança mínima necessária para enfrentar um novo campo da Lingüística, embora também, a meu ver, participe da Lingüística Histórica, ou seja, daquela Lingüística que lida com dados datados, localizados, identificados, paixão já aflorada, como relatado, em 1959.

2 A volta a Salvador: retorno incerto

Mais uma vez Brasília não deu certo. Voltamos a Salvador. Pedro Agostinho, meu marido, com um contrato para ensinar no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Eu, sem emprego à vista, mas com a segurança da volta à casa. Iniciava-se o ano de 1971. Tinha uma grande tarefa a cumprir: dar o formato final à tese de doutoramento, que veio a ser entregue à USP em setembro e julgada em dezembro daquele ano.

Graças a amigos consegui trabalhos inesperados, já que, naquele momento, não havia possibilidade de contrato no Instituto de Letras da UFBa (perdera a chance de 1968!). Hetty Loretti, da Faculdade de Educação, conseguiu horas-aula no Curso de Letras da Universidade Católica de Salvador e também em um programa de capacitação de professores do ensino secundário em curso naquele momento, o PREMEM.

Foi a volta à sala de aula, de que estive afastada desde novembro de 1965, quando desmoronara a UNB. Sem dúvida foi um reencontro estimulante o voltar a conviver com os

estudantes. Na Universidade Católica de, durante 1971 e 1972, o curso de História da Língua Portuguesa e, no PREMEM, o curso era de adequação do uso do português para licenciados que estavam sendo treinados para gerir escolas do 1.º e 2.º. graus.

As duas marcantes lembranças que mantenho dessa experiência se relacionam ao despreparo dos alunos em ambos os casos. Saí eu da Universidade licenciada em 1961; em Brasília, na UNB, de onde saí em 1965, encontrei-me com estudantes que já tinham um nível alto de preparação ao serem selecionados para aquelas primeiras turmas da Universidade recém-formada. Na volta à sala de aula, em 1971, no curso de História da Língua Portuguesa, me preparei para usar com os estudantes a bibliografia com que me formara na licenciatura, livros em línguas estrangeiras. Os estudantes não mais liam línguas estrangeiras, no caso, inglês, francês. No curso do PREMEM, o embate maior estava no uso do português escrito, questão que não se punha para nós licenciandos de finais de cinquenta, inícios de sessenta. Algo de novo se passara no panorama do ensino no Brasil naquela década. Só comecei a interpretar com fundamento tais problemas na década de oitenta, quando investi na compreensão desse problema sociolingüístico e sócio-histórico. A escola de 1.º e 2.º. graus começara a sofrer uma metamorfose negativa, naqueles anos. Só depois é que descobri o que de positivo haveria nisso, e tenho procurado explicá-lo em sucessivos artigos e comunicações, a partir de 1983 e até vim a escrever um livro sobre o problema – *Contradições no ensino do português. A língua que se fala X a língua que se ensina* (1995). Apesar da decadência da qualidade da escola e da precária qualificação dos professores, a população que começava a alcançar a Universidade já não vinha apenas da classe média e alta, mas sim de camadas populares da sociedade que até os anos cinquenta não chegavam a esse patamar de escolarização. Era esse o aspecto positivo do problema: novas vozes chegavam à escola e à universidade e tinham de ser ouvidas. Voltarei a essa questão em outro momento deste *Memorial*.

O outro trabalho que consegui nesse tempo, também se deu através de Amigos: nesse caso foi Maria Nazaré Lins Soares, minha ex-colega da UNB e professora da UFRJ, que nesse momento trabalhava com Antônio Houaiss na realização da *Enciclopédia Mirador Internacional*, primeira enciclopédia escrita por brasileiros, que indicou meu nome a Antônio Houaiss, coordenador da *Mirador*, para escrever verbetes da *nominata* de Lingüística: foram onze verbetes sucessivos e de temática heterogênea. Deveriam eles ser entregues mês a mês,

ao longo do ano de 1972: *Saussure; Sapir; Estruturalismo americano; Léxico; Vocábulo; Sociolinguística; Patologia da Linguagem; Contato Lingüístico; Multilingüismo; Sistemas de escrita e Tipologia Lingüística*. Em 1974 saiu a 1ª edição da *Mirador*. A experiência adquirida no estudo para a redação desses verbetes foi realmente extraordinária: ministrou-me um inesperado curso intensivo de atualização em Lingüística. Além disso, nunca fui tão bem paga na minha vida profissional.

Ainda foi uma amiga, a já referida e querida, Ada Natal Rodrigues que de São Paulo indicou ao Professor Isaac Nicolau Salum meu nome para traduzir *Introduction to theoretical linguistics* (1969) do lingüista inglês John Lyons. Metade do livro seria traduzida por um professor de São Paulo, a outra metade (capítulos 7, 8, 9 e 10), por mim e a supervisão geral a cargo do Professor Salum. Sem dúvida, essa minha única experiência como tradutora valeu-me como outro curso intensivo de Lingüística e me permitiu aprender e admirar a clareza e a precisão de John Lyons. A tradução veio a ser publicada em 1979 pela extinta Companhia Editora Nacional.

Nesses anos de 1971 e 1972, de atividades heterogêneas, mas gratificantes, passou-se um sombrio episódio: precisava de um emprego fixo. Abriu-se uma vaga de concurso para Professor Auxiliar de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UFBA. Seria um concurso de candidato marcado, mas assim mesmo concorri. Tive a média mais alta que foi rebaixada para dar o primeiro lugar ao outro concorrente. Graças a um voto em separado de um dos cinco membros da Banca Examinadora – Suzana Alice Cardoso (que desde então passou a ser minha madrinha) – pude recorrer da arbitrariedade, processo que durou na Universidade entre 1971 e 1973, quando o concurso foi anulado. Curiosamente, nessa altura, já estava eu no corpo docente do Instituto de Letras da UFBA, mas como professora da matéria Língua Portuguesa, graças a outro concurso, também para Professor Auxiliar de Ensino, que ocorreu em março de 1973, no qual passei em primeiro lugar. Desde então sou do quadro de professores de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da UFBA.

3 Voltando ao ponto de origem

Em 1973 a UFBA., à semelhança do que ocorrera na UNB em 1963, instituiu os Cursos de Recuperação em Português, Matemática, Física e Química, para melhorar o

desempenho nessas matérias dos estudantes que, no Vestibular, indicavam ter possibilidades de cursar a Universidade, desde que “recuperados” nos “deficits” avaliados nas provas do Vestibular. Tinham a oportunidade de, em dois semestres – já vigorava portanto o sistema semestral – sanar as “deficiências” consideradas e prosseguir no curso universitário escolhido. Esse sistema dos Cursos de Recuperação durou pouco tempo.

Abriam-se quatro vagas para professor de português para os Cursos de Recuperação. Feito o concurso e aprovada, durante o primeiro semestre de 1973 ocupei o meu tempo na UFBA., com várias Turmas de Recuperação. À noite continuava com as aulas da Universidade Católica de Salvador.

No segundo semestre daquele ano, diminuídas as turmas de Recuperação, já que o número de alunos era constituído por aqueles que não tinham sido aprovados no primeiro semestre, foi-me dada a possibilidade de ministrar uma das disciplinas do Curso de Licenciatura e, para minha satisfação, a LET 104 – LP VI (que até hoje continua com esse código), *A língua portuguesa no Brasil*. Tive então a oportunidade de começar a estudar, sistematicamente, a complexa problemática da formação da língua portuguesa no/do Brasil, ainda não designada de “português brasileiro”.

Também foi nesse segundo semestre de 1973, que, além de voltar à equipe dirigida pelo Professor Nelson Rossi para atividades de ensino, para além do Curso de Recuperação, voltei às atividades de pesquisa em grupo, como acontecera nas minhas origens de Licencianda na Universidade da Bahia e de Mestranda na Universidade de Brasília. Entre fins de 1965 a 1973 fiz pesquisa individual, como busquei mostrar, em itens antecedentes. Nessa altura compunham a equipe de Língua Portuguesa da UFBA., além do Professor Nelson Rossi: Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Rollemberg, Suzana Cardoso, Jacyra Motta, Myriam Silva e Maria da Conceição Paranhos, as duas últimas tendo entrado comigo pelo mesmo concurso.

O Projeto coletivo então em curso, iniciado em 1969, era o Projeto Norma Urbana Culta (NURC), projeto nacional e interinstitucional, ainda em andamento, mas já agora em nova etapa, a da análise dos dados, naquela altura na fase de documentação: identificação dos informantes segundo os critérios do Projeto; negociação das gravações com os informantes;

documentação gravada e posterior catalogação para arquivamento adequado. Entre o segundo semestre de 1973 e o primeiro de 1979 fui pesquisadora de campo e de gabinete do Projeto NURC. Essa era a atividade de pesquisa no meu contrato de dedicação exclusiva e, para completá-lo, o mínimo de oito horas-aula semanais nas disciplinas da matéria Língua Portuguesa. Era norma do grupo cada professor passar por cada uma das disciplinas da matéria Língua Portuguesa, o que nos dava uma visão e uma formação de conjunto no âmbito da matéria.

Nesse tempo, portanto, a minha atividade de pesquisa estava no campo da Sociolinguística, já que o objeto de estudo do NURC era a variante culta urbana de indivíduos de escolaridade completa, incluído o nível universitário, de cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Abria assim o meu campo de conhecimento para outro aspecto da Sociolinguística, além do trabalho de pesquisa sobre o português dos índios kamayurá, ou seja, do português resultante do contato entre língua portuguesa/língua kamayurá nos falantes bilingües nessa duas línguas.

Ao longo desses anos da década de setenta, para além da pesquisa oficial no Projeto NURC, como toda a equipe coordenada pelo Professor Nelson Rossi, continuei *a latere*, juntamente com Myrian Silva e Maria del Rosário Albán, que entrara depois na equipe, nas horas vagas e fins de semana, a trabalhar com os dados recolhidos no Alto-Xingu, o que resultou em comunicações e artigos, depois reunidos no livro já referido, publicado em 1988.

Entre 1971, depois da defesa da tese de doutoramento e 1979, só voltei ao português arcaico para preparar uma comunicação – *Os verbos ser, estar, fazer, andar no português arcaico* para o Congresso da ALFAL de 1974, realizado em Lima (Peru), ao qual não pude comparecer, por razões de ordem pessoal-familiar, ficando inédito o trabalho, apesar de apresentado no Congresso pelo Professor Nelson Rossi.

Iniciado, entretanto, o Mestrado em Letras na UFBA., em 1976, fui indicada pelo Professor Nelson Rossi para compor o quadro docente permanente, já que tinha o título de Doutor. Desde então, além dos cursos de graduação, tenho participado, ininterruptamente dos cursos da pós-graduação do Instituto de Letras.

Na configuração inicial do Curso de Mestrado em Letras, com três áreas de concentração – Língua Portuguesa, Lingüística e Teoria da Literatura – fui credenciada na área de Língua Portuguesa e encarregada da disciplina obrigatória da área *Diacronia do português*. As outras três disciplinas então obrigatórias nessa área eram duas no âmbito da Dialectologia e outra de Sintaxe.

Iniciou-se nessa altura essa nova frente de trabalho, a pós-graduação e, conseqüentemente, um novo tipo de trabalho docente e de pesquisa, que é o da formação de novos docentes e pesquisadores através da orientação de dissertações de Mestrado.

4 Um novo patamar de estudo e pesquisa

Estando credenciada no Curso de Mestrado em Letras e responsável pela disciplina *Diacronia*, deveria também, como era exigido, definir uma linha de pesquisa. Surgiu assim a oportunidade de voltar às minhas origens historicistas, embora continuasse na equipe do projeto de natureza sociolingüística NURC. A linha de pesquisa que foi inscrita no CML intitulou-se *Morfossintaxe do português arcaico* e o objetivo era retomar o Projeto, interrompido em 1971, de estudar extensiva e descritivamente o *corpus* lingüístico da versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório*, que editara e apresentara como tese de doutoramento.

Tendo de ministrar no segundo semestre de 1977, pela primeira vez, o curso do Mestrado, *Diacronia*, considerei que deveria iniciá-lo enquadrando os fatos históricos do passado do português no contexto de teorias da mudança lingüística, temática em que nunca me aprofundara, mas que via então a oportunidade de fazê-lo.

De posse de uma bibliografia essencial sobre teorias da mudança lingüística, preparei-me para essa parte teórica do curso estudando a lingüística comparada da primeira metade do século XIX; a teoria neogramática da segunda metade daquele século; a teoria da mudança fonológica de André Martinet, no âmbito do estruturalismo, que, como se sabe, não deu prioridade aos estudos diacrônicos; teoria essa retomada, com base em outra concepção de língua, pela teoria exposta por Uriel Weinreich, William Labov e Mervin Herzog nos *Empirical foundations for a theory of language change*, publicado em 1968, teoria que depois

veio a ser designada de “variação e mudança” ou de “sociolingüística quantitativa” ou “sociolingüística correlacional”; estudei também nessa altura o que os gerativistas tratavam, embora sem prioridade, na fonologia e na sintaxe diacrônica. Dessas leituras, além de outras, resultou um artigo que veio a ser publicado em 1980 no *Boletim de Filologia* de Lisboa (n.º XXVI) sob o título de *A mudança lingüística: uma revisão histórica*. Pela primeira vez escrevi sobre teorias da mudança lingüística, tema que viria a retomar em alguns trabalhos, a partir de fins dos anos 80, e que, desde 1977, entrou nas minhas preocupações e interesses no âmbito dos meus estudos de Lingüística Histórica.

A esperança de ter orientandos na minha linha de pesquisa, *Morfossintaxe do português arcaico*, contudo, só veio a concretizar-se em 1989. Na minha primeira década na pós-graduação orientei sete dissertações da área de concentração Língua Portuguesa, mas em outras linhas de pesquisa da área, uma vez que, nesse momento, ainda não ocorrera o retorno ao interesse pelos estudos histórico-diacrônicos no Brasil o que começa a despertar à volta de 1984, como procurei mostrar no artigo que publiquei na Revista D.E.L.T.A., periódico da Associação Brasileira de Lingüística, em 1988, *Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Lingüística no Brasil*. Esse tema do retorno à Lingüística Histórica no Brasil tem voltado a ocupar-me, em outras publicações, desde então.

Nesse ínterim, devendo acompanhar Pedro Agostinho ao Rio de Janeiro – seguimos para lá com os filhos, e já eram quatro – que iria estudar na Pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional, descobri que a CAPES oferecia bolsas de pós-doutoramento, instância da pós-graduação que até então não conhecia. Inscrevi-me então para esse tipo de bolsa e, entre agosto de 1979 ao final de 1981, estive na Faculdade de Letras da UFRJ. Aceitando-me para orientar-me o Professor Celso Ferreira da Cunha, concentrei-me no projeto da descrição lingüística do *corpus* trecentista, já pré-analisado e organizado em listagens elaboradas no Centro de Cálculo Científico da Gulbenkian em 1968, como referido antes. Certamente nunca é tarde para cumprir uma meta almejada! Consegui que isso acontecesse.

Voltei para Salvador com o trabalho pronto e, por sorte e acaso, fui convidada em 1983 pelo Professor Lindley Cintra e por Maria Helena Mira Mateus para participar em Lisboa do *Congresso Internacional sobre a situação da língua portuguesa no mundo*.

Aproveitei então para levar o trabalho que iniciara em Lisboa, para mostrá-lo ao Professor Cintra, pelo qual ele sempre se interessara e muito me incentivou por considerar uma pesquisa significativa para conhecimento sistematizado, sobretudo da morfossintaxe, do português arcaico. O inesperado total aconteceu: o Professor Lindley Cintra apresentou à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, tanto a edição crítica dos *Diálogos de São Gregório*, de que já tinha um exemplar, como as *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, assim intitulada a pesquisa do pós-doutoramento. A IN-CM publicou em 1989 as *Estruturas trecentistas*, livro que me levou a candidatar-me, em 1990, para o Prêmio Pesquisador do Ano da UFBA., naquele ano destinado à área IV, ou seja, a de Letras, o qual me foi agraciado.

Com a finalização desse livro dei por concluída uma etapa de pesquisa que iniciara, certamente, em 1961, quando, com minhas colegas da 4ª. série de Licenciatura fazia a edição do *Livro das Aves*.

Ao longo do tempo do pós-doutoramento na UFRJ, embora não fosse de nenhum modo obrigatório, fiz todos os cursos da pós-graduação em Letras que me pareceram necessários ao meu aperfeiçoamento profissional: tanto cursos de Linguística Teórica, como de Filologia Portuguesa. Tive então a oportunidade de ser aluna-ouvinte de Miriam Lemle, Anthony Naro, Paul Teyssiér, que ali passara como Professor-Visitante e dos cursos de Filologia Portuguesa Medieval, ministrados por Celso Ferreira da Cunha, que em todos os semestres me convidou para ministrar módulos de seus cursos, substituindo-o por motivo de viagens. Também me convidou o Professor Celso Cunha para ministrar uma disciplina completa na pós-graduação, sobre aspectos lingüísticos da prosa medieval portuguesa, tema da minha pesquisa de pós-doutoramento.

Voltando a Salvador nos inícios de 1982, retornei a ministrar disciplinas da graduação na matéria Língua Portuguesa e, no Curso de Mestrado, continuei com a disciplina de *Diacronia*, acrescida da disciplina *Sintaxe do português*, ambas obrigatórias para a área de concentração Língua Portuguesa.

Desde então não interrompi a minha vocação primeira que foi a de trabalhar no campo da Linguística Histórica, no seu sentido estrito, ou seja, do estudo de sincronias passadas e do estudo da variação e mudança no tempo real de longa duração.

Foi ainda no período do pós-doutoramento que escrevi meus dois primeiros trabalhos sobre variação no português arcaico. Um sobre a variação na concordância verbo-nominal na versão trecentista dos *Diálogos de São Gregório*, que foi levado por gentileza do Professor Celso Cunha para o *Colóquio de Crítica Textual Portuguesa*, realizado em 1981 no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian e veio a ser publicado nas *Atas* em 1986. O outro apresentei, também em 1981, no *Encontro de Linguística da PUC-Rio*. Aí, pela primeira vez, tratei da variação e da mudança no português arcaico na comunicação *Pero e porém: mudanças em curso no período arcaico da língua portuguesa*, que veio a ser publicado no *Boletim de Filologia* de Lisboa (n.º XXIX, 1984).

A observação e análise dos dados documentados na versão trecentista dos *Diálogos* me permitiram detectar “lugares em variação” na morfossintaxe do período arcaico. Reformulei então, em 1982, quando voltei a Salvador, a minha linha de pesquisa, de *Morfossintaxe do português arcaico para Variação e mudança no português arcaico*.

A par dessa linha de pesquisa, inscrevi uma segunda, decorrente do meu trabalho como Professora de língua portuguesa, intitulada *Diversidade lingüística no Brasil e política de ensino*, motivada pelo trabalho que escrevi e apresentei em Mesa Redonda no Congresso sobre a situação da língua portuguesa no mundo, realizado em Lisboa, em 1983. Trabalho esse que veio a sair nas *Atas*, em 1985, intitulado *Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil*. Desde então venho escrevendo e publicando sobre essa questão, na tentativa de interpretar, do ponto de vista sócio-histórico, o impasse entre o *padrão* que a escola pretende (ou pretendia?) veicular e os usos vernáculos dos alunos que cada vez mais coincidem com os usos vernáculos dos professores. A partir de 1991, fiz convergir numa só linha de pesquisa *Constituição histórica da língua portuguesa* as duas linhas definidas em 1982. E esta é a linha de pesquisa que ficou inscrita quando reformulamos em 1995-1996 o Curso de Mestrado em Letras no *Programa de pós-graduação em Letras e Lingüística* do Instituto de Letras da UFBA.; é também nessa linha de pesquisa que se insere o *Programa para a história da língua*

portuguesa (PROHPOR), grupo de pesquisa que começa a organizar-se no Departamento de Letras Vernáculas da UFBA., a partir de 1990, até o momento sob minha coordenação.

5 O recrudescimento do trabalho na pós-graduação

Ao voltar, em 1982, mais uma vez à equipe de origem, não mais fiz parte do grupo de pesquisadores do Projeto NURC de Salvador, de que participei de 1973 a 1979. Assumi, semestralmente, as turmas que a mim cabiam na programação das disciplinas de Língua Portuguesa na graduação, mas se intensificaram as atividades na pós-graduação.

Nesse tempo éramos responsáveis pela área de concentração Língua Portuguesa o Professor Nelson Rossi e eu, uma vez que Myrian Silva, a outra professora do setor de língua portuguesa, credenciada na pós-graduação, estava completando seu doutoramento na UFRJ e Raquel Fiad, que estivera em Salvador na equipe de Língua Portuguesa e na pós-graduação, enquanto estive no pós-doutoramento, transferiu-se para UNICAMP.

Nessa altura, além de duas das quatro das disciplinas obrigatórias da área (*Diacronia* e *Sintaxe*), substituí o Professor Nelson Rossi na representação da área *Língua Portuguesa* no Colegiado do Curso de Mestrado, onde permaneci de 1982 a 1988, voltando a ele em 1994. Durante quatro anos (1982-1986), fui vice-coordenadora da pós-graduação, enquanto foram coordenadores Celina Scheinowitz e Evelina Hoisel. Coordenei também, nesses anos, a atividade extra-curricular do Curso de Mestrado em Letras, os *Seminários Livres de Pesquisa* e entrei, em 1984, no corpo editorial da *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, periódico do Instituto de Letras e da pós-graduação em Letras, iniciado em 1983, onde permaneço. Esse periódico já se encontra com vinte números publicados, o que é raro em revistas brasileiras na área de Letras.

As dissertações de Mestrado da área de concentração *Língua Portuguesa* que não fossem de *Dialectologia rural* ou *urbana* ficavam sob minha orientação. Não foram tantas quanto poderiam ter sido porque, felizmente, o nosso Mestrado fazia seleção bienal. A seleção anual só vai iniciar-se em 1995.

Em 1985, cumpridos os seus trinta anos de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa da língua portuguesa, o Professor Nelson Rossi se aposentou e, radicalmente, afastou-se de suas atividades de pesquisador e de professor. Ficamos responsáveis pela pós-graduação, na área referida, Myrian Silva, Suzana Cardoso e eu, ainda ministrando a *Diacronia* e a *Sintaxe*.

Entre 1991 e 1995 houve uma reestruturação curricular na organização interna do Mestrado, com duas macro-áreas, *Estudos Lingüísticos* e *Estudos Literários*, ficando na macro-área de *Estudos Lingüísticos* as áreas *Língua Portuguesa*, *Lingüística* e *Filologia Românica*. Na área de *Língua Portuguesa*, modificou-se a grade curricular com as disciplinas *Dialectologia Aplicada ao Português*, *Sociolingüística Aplicada ao português* e *Lingüística Histórica Aplicada ao Português*, *Sintaxe* e *fonologia*. Dessas disciplinas ministrei a *Sociolingüística*, a *Lingüística Histórica* e continuei com a *Sintaxe*.

O ensino contínuo na pós-graduação, desde 1976 – sem nunca deixar a graduação, que sempre para mim dá um retorno singular, que é o de saber o que se passa na realidade escolar brasileira, além do ânimo e interesse que a juventude transmite – funcionou e continua a funcionar como um processo constante de *feed back* na minha atualização na extensa e diversificada bibliografia que se ia e vai publicando no campo da Lingüística, principalmente nos estudos referentes à Lingüística sobre a Língua Portuguesa. Tenho que deixar testemunhado que devo a essa rota de trabalho no ensino pós-graduado a informação organizada que consegui acumular sobre o desenvolvimento da Lingüística e dos estudos lingüísticos realizados sobre o português. E assim continuo, não só pelo gosto pessoal, mas pelas exigências desse tipo de atividade que perdura.

Em 1994 voltei ao Colegiado da pós-graduação, entre 1989 e 1993, as representantes da área *Língua Portuguesa* foram Myrian Silva e Suzana Cardoso. Nessa altura, começou-se a reestruturar o Curso de Mestrado em Letras em um programa integrado de pós-graduação em três níveis – Especialização, Mestrado e Doutorado. Esse novo modelo veio a funcionar a partir do início de 1996. A pós-graduação *lato sensu* ficou estruturada em três áreas, *Lingüística Histórica*, *Lingüística Teórica e Aplicada* e *Teorias e Crítica da Literatura*, com suas respectivas linhas de pesquisa. Passei então a ser responsável pela linha *Constituição histórica da língua portuguesa*, uma das três linhas da área de *Lingüística Histórica*, e dela

representante no Colegiado do *Programa de pós-graduação em Letras e Linguística* (PPGLL).

Nessa nova configuração tenho sido responsável pela coordenação dos *Seminários Avançados III* (LET 678), obrigatório para os doutorandos das áreas de *Linguística Histórica* e de *Linguística Teórica e Aplicada* e pelas disciplinas optativas vinculadas à linha de pesquisa sob minha responsabilidade: *A língua portuguesa das origens ao período arcaico*; *Mudanças morfossintáticas e sintáticas na história do português* e *Constituição histórica do português brasileiro*.

Com esse novo formato da pós-graduação, foi-me permitido concentrar-me em disciplinas histórico-diacrônicas, essas referidas e, na coordenação dos *Seminários Avançados III* do doutorado, curso modulado, tenho tido a oportunidade de trazer professores visitantes para alargar e aprofundar a formação dos doutorandos e, conseqüentemente, a minha própria, já que participo dos Seminários na sua totalidade e não apenas do módulo que ministre.

Nos três primeiros semestres em que os *Seminários III* ocorreram (1996,1997 e 1998) tive a satisfação de poder convidar ao Instituto de Letras os professores visitantes: Ian Roberts, da Universidade de Banghor; Anthony Kroch, da Pennsylvania; Alan Baxter, da La Trobe, Austrália; Ana Maria Martins, de Lisboa; Mary Kato, da UNICAMP; Ataliba Castilho, da USP; Dinah Callou, da UFRJ; Ilza Ribeiro, da UEFS/FACS, também do corpo docente do nosso Programa de pós-graduação.

Sem dúvida, a meu ver, a implementação do Doutorado vem enriquecendo e alargando as perspectivas no interior do nosso Instituto de Letras. Um bom exemplo disso é o fato de que os *Seminários III*, obrigatórios para doutorandos, mas aberto a ouvintes, têm tido, além do público principal, um público não só de mestrandos como de graduandos interessados, principalmente estudantes bolsistas de Iniciação Científica.

6 Desenvolvimento da pesquisa e da produção

A partir de 1982, como já referido, me concentrei em dois campos de pesquisa: o da Linguística Histórica no seu sentido estrito, tanto numa perspectiva teórica como na

explicação à história da língua portuguesa, sobretudo no seu período arcaico, mas, a partir de 1991, direcionando-me também para a história do português brasileiro; e o da diversidade do português brasileiro e sua relação com o ensino, o que também, a meu ver, se situa no âmbito da Linguística Histórica, no sentido amplo.

Escrevi muitos artigos e comunicações a Congressos, em vários deles a convite para participar em Mesas Redondas ou para fazer Conferências, todos arrolados no *Curriculum Vitae* que acompanha este *Memorial*. Buscarei aqui me deter nas publicações em forma de livro e em alguns outros trabalhos localizadores.

Como já referido, em 1988 tive a satisfação de ver publicados os sete estudos sobre o português dos índios kamayurá do Alto-Xingu, em que fui autora de todos, sendo que, do segundo ao sexto, tive a companhia estimulante dos colegas Pedro Agostinho, Myrian Silva e Maria del Rosário Albán. Em 1989, como relatado, vieram a público as *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Ambos resultantes de pesquisa dos anos anteriores a 1982.

Em 1998, Ataliba de Castilho, coordenando a *Coleção Repensando a língua Portuguesa* da Editora Contexto de São Paulo, convocou os colegas a publicarem nessa *Coleção* sobre pesquisas em andamento ou realizadas, em textos pensados para o público-alvo de professores do ensino médio e estudantes dos cursos de Letras. Entusiasmei-me com o projeto do Colega e, também, com a possibilidade de ter livros publicados, o que por vezes é muito difícil em nossa área e em nosso país.

Para essa *Coleção* preparei dois livros direcionados ao ensino do português – *Tradição gramatical e gramatical tradicional* de 1989 e, complementar a este, *Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina*, pronto em 1993, mas só publicado em 1995, portanto dentro da minha linha de trabalho relativa à diversidade lingüística do português brasileiro, relacionada a seu ensino no Brasil. Mais dois outros livros, esses no âmbito dos meus estudos sobre o primeiro período documentado da língua portuguesa, ou seja, o período arcaico: *O português arcaico: fonologia* de 1991 e *O português arcaico: morfologia e sintaxe* de 1994. Esses livros, excetuando o último referido, já estão na

terceira edição, como rotula a Editora Contexto, mas, de fato, são antes novas tiragens da primeira edição.

Só a partir de 1989 tive orientandos nas minhas linhas de pesquisa sobre o português arcaico (primeiro: *Morfossintaxe do português arcaico* - de 1976 a 1982, depois *Variação e mudança no português arcaico* - 1982-1991). Tendo orientado essas dissertações no campo de diacronia e outros mestrados vindo a interessar-se em realizar suas dissertações nesse campo da Linguística, nos organizamos, no interior do Departamento de Letras Vernáculas e da pós-graduação no Instituto de Letras, em um *Grupo de Pesquisa*, intitulado *Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)*, aprovado em 1990 na instância departamental.

Em fevereiro de 1992 nos apresentamos como um grupo de pesquisa ao CNPq, para solicitar o nosso primeiro auxílio-integrado, com um conjunto de projetos em função da história da língua portuguesa no seu período arcaico (séculos XIII a XVI) e, a partir do século XVI, infletindo na história do português brasileiro.

Já era pesquisadora-bolsista IC do CNPq desde 1990, o que, certamente, facilitou o solicitado, bolsa para o pesquisador Doutor (naquele momento só eu tinha o Doutorado no grupo), bolsas de iniciação científica e auxílio pesquisa, que nos chegou em 1993 e com ele equipamos o PROHPOR com computador e impressora, além de comprarmos livros da especialidade. Diga-se que foi o nosso o primeiro grupo de pesquisa do Instituto de Letras a estar informatizado. Voltamos ao CNPq para novas solicitações em 1995 e 1997, tendo sido atendidas as solicitações de bolsas – em 1995 já outro membro do grupo era Doutor, Ilza Ribeiro. Pelas restrições financeiras conhecidas para Ciência e Tecnologia, não mais recebemos auxílio-pesquisa, apesar de aprovadas as solicitações feitas. Ascendi a Pesquisador IB em 1995 e, em agosto de 1998, fui reclassificada no nível IA pelo CNPq.

O grupo de pesquisa PROHPOR hoje conta com o núcleo da UFBA. (eu, Sônia Borba Costa, Therezinha Barreto, Tânia Lobo, Dante Lucchesi, Anna Maria Nolasco de Macedo, todos do Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras) e o núcleo de Feira de Santana (Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro, Norma Lúcia Fernandes, Sílvia Rita Olinda) e ainda a Doutoranda, Rosauta Poggio, professora de latim do Departamento de Fundamentos do

Instituto de Letras e, no momento, três Mestrandos. Neste último ano contou com a participação de um bolsista de Desenvolvimento Científico Regional (DCR), Permínio Ferreira, Mestre em nossa linha de pesquisa. O grupo está ascendendo em qualificação acadêmica. No momento estão em Programas de Doutorado Tânia Lobo, na USP; Dante Lucchesi, na UFRJ; Therezinha Barreto, na UFBA.; Rosauta Poggio, na UFBA. e a iniciarem o seu Doutorado, em 1999, Sônia Bastos Costa e Anna Maria Nolasco de Macedo. Se tudo correr bem, o grupo PROHPOR que, em 1991, se iniciou com um único doutor, terá no ano dois mil mais quatro novos doutores, além de Ilza Ribeiro que doutorou-se em 1994 na UNICAMP. Dos oito bolsistas de Iniciação Científica que passaram pelo PROHPOR, dois já são mestres (UNICAMP e UFBA.) e já estão inscritos em doutoramento (um em Maryland, Maximiliano Miranda e outro na USP, Permínio Ferreira), outra já é Mestranda na UFBA.

O trabalho em equipe, no qual fui formada e tem sido a forma principal, embora não única, com que desenvolvi a minha vida de pesquisa é altamente estimulante e inter-alimentador: faz crescer a semente como em terreno fértil. De 1991 até o ano passado, o conjunto de pesquisadores do PROHPOR já publicara (entre tese, dissertações, artigos e comunicações) mais de setenta títulos, divulgados em Comunicação ao III Seminário do Grupo de Trabalho de Sociolinguística da ANPOLL, realizado em outubro de 1997 em Curitiba, cujas atas estão em fase de impressão.

Em 1996 publicamos o primeiro livro coletivo do PROHPOR, organizado por mim e fruto do primeiro projeto coletivo do grupo intitulado *A 'Carta de Caminha': testemunho lingüístico de 1500*, editado pela EDUFBA., com a colaboração da Universidade Estadual de Feira de Santana, do CNPq e da Empresa Gráfica da Bahia.

Em 1996, também, por indicação de Ataliba de Castilho, organizamos um grupo de trabalho *História da língua portuguesa* no XI Congresso Internacional da ALFAL, ocorrido em Las Palmas, Gran Canária. Esse grupo contou com o trabalho de membros do PROHPOR, mas também com trabalhos de outros pesquisadores brasileiros, que pesquisam nessa linha, além de alguns estrangeiros.

Em 1997 pude organizar o n.º 19 da *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, número temático sobre *Lingüística Histórica e História da Língua Portuguesa*, no qual

colaboraram não só membros do PROHPOR, mas também pesquisadores brasileiros e estrangeiros que trabalham nesse campo e que têm mantido intercâmbio com o grupo PROHPOR: Alan Baxter (La Trobe), Giampaolo Salvi (Budapeste), Ian Roberts (Banghor), Rita Marquilhas e Ana Maria Martins (Lisboa), Charlotte Galves (UNICAMP), Ataliba de Castilho (USP), Maria Aparecida Moraes (USP), Sônia Cyrino (Londrina), Carlota Rosa (UFRJ).

O grupo tem um novo projeto coletivo, no momento, sobre aspectos morfossintáticos e sintáticos do português quinhentista e é meta desse projeto a publicação de um novo livro coletivo do PROHPOR.

Considero que o trabalho que, ao longo do tempo, venho desenvolvendo sobre *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa* começou a adquirir evidência externa com a publicação das *Estruturas trecentistas* em 1989. Talvez possa recuar um pouco essa data para 1987, quando fui convidada pelo Presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) para fazer a conferência de abertura na Reunião Anual da ABRALIN, durante a SBPC, em Brasília. Nessa altura presidia a ABRALIN Carlos Alberto Faraco da Universidade Federal do Paraná. O tema proposto foi uma retrospectiva da Linguística Histórica no Brasil, que veio a ser publicada na secção de *Retrospectiva* da Revista D.E.L.T.A. (nº. 4 (1)) da ABRALIN. Creio que essa evidência se reforçou quando fui convidada para coordenar um Grupo de Trabalho sobre *Linguística Histórica*, na IX reunião da ALFAL, realizada em Campinas em 1990, onde apresentei o texto base do GT, intitulado *A Linguística Histórica e seus reflexos nos estudos históricos sobre o português*, publicado nas Atas (v. I, 1993). No Congresso da ALFAL de 1996 voltei a ser convidada, como já referido, para coordenar um GT, esse especificamente sobre a *História da Língua Portuguesa*. Nesse mesmo ano, o Encontro Nacional VARSUL (Variação Sul), reunido em Porto Alegre, me convidou para fazer uma conferência sobre a questão da retomada dos estudos histórico-diacrônicos no Brasil, tema retomado ainda naquele ano no Encontro de outubro da Associação Portuguesa de Linguística, realizado em Braga. Nas Atas (v. II, 1997) desse congresso saiu o texto pronunciado tanto em Porto Alegre como em Braga, intitulado *Desenvolvimentos recentes no Brasil dos estudos histórico-diacrônicos sobre o português*.

Nesta década de 90, para além do trabalho interno ao Instituto de Letras, fui convidada para atividades em outras pós-graduações: em 1992, participei de uma banca de doutoramento na UFRJ; na UNICAMP, em 1994; na Universidade de Lisboa, em 1993, em três bancas de Mestrado, duas delas como orientadora – as de Tânia Lobo e Dante Lucchesi; em 1996, numa banca de Mestrado em Coimbra. Dei cursos como Professor Visitante na Universidade de Lisboa, para o Mestrado de Lingüística e Educação sobre o tema: *O papel da escola perante a norma* (1993) e em 1997 na UFRJ sobre o tema: *O uso de fontes documentais no estudo de mudanças de longa duração*.

Desde 1997 o grupo PROHPOR está integrado a outros pesquisadores do Brasil, que têm como meta a reconstrução da história do português brasileiro, com vistas a um *Projeto temático nacional para a história do português brasileiro*. Para tanto já ocorreram dois Seminários Nacionais, um em março de 1997 na USP e outro em maio de 1998, em Campos do Jordão, ambos sob a coordenação do Professor Ataliba de Castilho. No primeiro fui convidada a fazer a conferência de abertura que intitulei *Idéias para a história do português brasileiro. Fragmentos para uma composição posterior*, publicada nas *Atas* do I Seminário, publicadas sob a forma de livro pela Editora Humanitas da Faculdade de Filosofia da USP. Nesse Seminário e nesse livro estão também mais três trabalhos de pesquisadores do PROHPOR, sobre aspectos dos estudos históricos do português brasileiro de autoria de Ilza Ribeiro, Tânia Lobo e de Zenaide Carneiro e Norma Lúcia Fernandes.

Dentre os projetos individuais apresentados já em 1991 ao CNPq, vigorava um, intitulado *Fontes para a sócio-história do português no Brasil*, de Tânia Lobo. No momento tanto Tânia Lobo como Dante Lucchesi, membros do PROHPOR, estão elaborando suas teses de doutoramento sobre temas referentes à história do português brasileiro. Estão cumprindo-se assim os objetivos gerais do PROHPOR, desde o seu redimensionamento em 1991, que visam à história da língua portuguesa do período arcaico para o século XVI e daí por diante incidir na história do português brasileiro.

Para além desse desenvolvimento individual e coletivo no âmbito da Lingüística Histórica e da História da Língua Portuguesa, não posso deixar de dar realce neste *Memorial* às orientações de dissertações de Mestrado a que tenho tido a satisfação de orientar, desde 1976, também orientações de teses de doutoramento, porque, no meu modo de trabalhar, cada

orientando e seu trabalho pessoal passam a ser parte da minha vida acadêmica, não sendo a orientação um trabalho apenas cartorial e mecânico. Até o momento já passaram por mim dezesseis Mestrados com dissertações concluídas e aprovadas, duas delas defendidas no Mestrado em Lingüística Histórica da Universidade de Lisboa. No momento há duas dissertações de Mestrado em andamento e, entregues para julgamento, as duas primeiras teses de doutoramento na linha que coordeno, *Constituição histórica da língua portuguesa*, a de Rosauta Poggio e a de Therezinha Barreto, mais duas outras em fase inicial.

Não posso deixar de assinalar para finalizar esses *Relatos* que, sem dúvida, a constituição de um Grupo de Pesquisa, para realizar o trabalho coletivo, foi para mim o melhor que poderia ter acontecido por significar, a meu ver, que consegui passar para outros o gosto e o entusiasmo para o tipo de estudo e pesquisa que busquei, mesmo sem o saber, desde meus inícios de estudante-pesquisador, em 1961, ao finalizar a Licenciatura, quando devia, para a nota final da 4ª. série da disciplina Filologia e Língua Portuguesa, para além da edição coletiva do *Livro das Aves*, realizar uma monografia sobre um aspecto lingüístico daquele texto do século XIV. Senti-me, naquela altura, manietada porque não sabia como lidar com os dados levantados – escolhera o uso do subjuntivo. Faltava-me então uma base teórica lingüística para dar conexão e interpretação ao que encontrara sobre o tópico no texto. Essa base de análise de dados lingüísticos só comecei a adquirir, de fato, no Mestrado em Brasília, como relatado.

Recuando mais ainda no tempo, perscrutando do presente o passado, entrevejo hoje que, naquela aula de 1959 sobre o *Appendix Probi*, em que levei, sem o querer, o Professor Nelson Rossi a contextualizar com mais detalhes a problematização que desenvolvia sobre o autor, o tempo, o lugar daquela fonte histórica para o conhecimento do Latim Imperial, abria-se um caminho futuro: longe estava então de supor que seria o dos estudos lingüísticos localizados no tempo, no espaço e na sociedade, ou seja, o da Lingüística Histórica, no seu sentido estrito e no seu sentido lato, campo da Lingüística a que sempre me dediquei, tendo como objeto de estudo sempre a língua portuguesa.

Segunda parte: Interpretações

Traçados de uma trajetória

1 Explicação

Embora algumas interpretações tenham se esgueirado nos *Relatos* apresentados na *Primeira parte* deste Memorial, têm eles por objetivo funcionar como um conjunto de dados históricos sobre a minha trajetória acadêmico-universitária, sobre os quais buscarei fundamentar as *Interpretações* que se seguirão e que se configurarão como uma auto-avaliação da busca de coerência que pretendi dar ao trabalho que tenho realizado, tanto na pesquisa como no ensino. Coerência que esteve sempre subjacente às minhas escolhas, desde o meu tempo na graduação e que foi se tornando consciente, no meu processo de amadurecimento profissional no campo escolhido – a Língua Portuguesa, tanto como objeto de estudo, como objeto de ensino – no enquadramento teórico filológico e lingüístico que se foi construindo e elaborando ao longo do meu percurso, tanto por escolhas intencionais, como por acasos surgidos nas circunstâncias da minha Vida.

de acordo
Buscarei mostrar nesta *Segunda Parte* que a minha formação acadêmica formal, que decorreu, como relatado, entre 1958, quando entrei na Licenciatura de Letras Anglo-germânicas na Universidade da Bahia, e 1971, quando concluí o meu doutoramento em Letras, na Universidade de São Paulo, situou-se num período que chamarei de transição nos estudos lingüísticos no Brasil, período em que, de uma abordagem designada então de filológica, se passou para uma abordagem lingüística. Ao longo dos anos subseqüentes, os anos de profissionalização, os estudos lingüísticos nas suas vertentes próprias aos desenvolvimentos da Lingüística na segunda metade do século XX, tomaram orientações diversificadas.

Refletem-se assim, nos traçados de minha trajetória, a interveniência dos rumos tomados pela chamada *Lingüística Moderna*, que superou a abordagem tradicional filológica, no Brasil. Naveguei por esses caminhos tumultuados, mas com um rumo que sempre me pareceu claro: meu objetivo foi sempre a tentativa de compreender a construção histórica da

Língua Portuguesa, com bússolas selecionadas de teorias e métodos lingüísticos que iam surgindo em nosso mercado acadêmico e na minha experiência pessoal.

Assim planejei esta *Segunda parte* buscando mostrar, em rápidos traços, o desenvolvimento dos estudos lingüísticos no século XX e, especificamente, os reflexos deles no Brasil, para aí contextualizar os traçados da pesquisa que desde 1961 desenvolvo e suas relações possíveis com o ensino da graduação, em que atuo na UFBA., desde 1973, mas sobretudo na pós-graduação, em que passei a atuar em 1976, quando começou a funcionar o Curso de Mestrado em Letras.

2 Da Filologia para a Lingüística

Na historiografia da Lingüística parece haver consenso em que é a publicação do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure em 1916 que marca os inícios da chamada Lingüística Moderna. Posso assim admitir que só então se pode compreender, com clareza, a oposição conceitual e prática entre Filologia e Lingüística.

Embora a designação *Lingüística* já remonte ao século XIX, ou mesmo a momento anterior, é com o *Curso* e também com os desenvolvimentos americanos dos estudos lingüísticos que têm seus pais fundadores em Franz Boas, Leonard Bloomfield e Edward Sapir, nas primeiras décadas do século XX, que se instaura e se expande um novo paradigma nos estudos das línguas que se caracterizava pelo entendimento de que essas são fundamentalmente estruturadas, ou seja, que os elementos que compõem essas estruturas só ganham significação ou valor nas relações que se estabelecem entre eles no interior da estrutura ou sistema. Para além desse princípio básico inicial, isto é, desse recorte do *objeto teórico* próprio aos estruturalismos, o *objeto observacional* dessa primeira orientação da Lingüística Moderna privilegiará os dados sincrônicos das línguas, para deles abstrair ou depreender a estrutura ou sistema.

Assim, estrutura/sistema e sincronia são posições chaves que opõem a *Lingüística* que se iniciava aos estudos lingüísticos dominantes no século XIX, que eram hegemonicamente históricos, e que não tinham como princípio teórico de base a concepção das línguas como estruturas ou sistemas. Além desses dois pontos destacados, irá a

Linguística Moderna privilegiar os dados de língua falada para apreensão das estruturas, enquanto os estudos oitocentistas, sendo históricos no sentido estrito, ou seja, trabalhavam fundamentalmente com a mudança das línguas no tempo, tinham de se estear em documentação escrita, como testemunho de fases passadas das línguas. Sendo o texto escrito a fonte primária do historicismo, tanto dos comparativistas da primeira metade do século XIX e, conseqüentemente, dos neogramáticos da segunda metade daquele século, os estudos lingüísticos desenvolvidos por eles estavam necessariamente vinculados à tradição da Filologia, a antiga ciência do texto, rico legado que se iniciou em Alexandria, à volta do século II antes de Cristo. Desse modo, nos estudos lingüísticos oitocentistas estão imbricadas a orientação filológica de antiga tradição e as abordagens teóricas e metodológicas de natureza histórica desenvolvidas tanto pelos comparativistas como pelos neogramáticos ao longo do século XIX.

No *Curso* de Ferdinand de Saussure, a busca da *autonomia* da Linguística como ciência, não só em relação à tradição histórico-filológica, mas também em relação a outras tradições como as que relacionavam os estudos lingüísticos à Lógica e à Filosofia, será uma tomada de posição essencial para definir o *objeto teórico* da Linguística que virá a ser chamada de *Moderna*, o qual, na definição saussuriana, será o sistema lingüístico homogêneo, estático, abstrato.

O paradigma estruturalista, apesar das diferenças entre as várias escolas estruturalistas conviventes na primeira metade do século XX, privilegiando a estrutura, o sincrônico, os dados da língua falada, como base para análises abstratas, tornou-se a orientação hegemônica da Linguística e dominará a cena, tanto na Europa como nos Estados Unidos, até fins da década de sessenta deste século.

Já quando os estruturalismos perdiam a sua hegemonia na cena lingüística do exterior é que começa a despontar no Brasil a *Linguística Moderna*.

Como já tive oportunidade de externar em alguns artigos publicados (1983, 1988, 1993a,b, 1997a) e entregues para publicação (1997b, 1998) sobre os encontros e desencontros da Filologia e da Linguística no Brasil e sobre o seu reencontro com a volta da *Linguística Histórica* renovada nos anos oitenta deste século, considero os anos sessenta como um divisor

de águas nos estudos lingüísticos no Brasil, da mesma forma que o foi, por outras razões na América e nos Estados Unidos.

Fora do Brasil, nos principais centros de Lingüística da América e da Europa, as refutações ao paradigma estruturalista surgiram decorrentes dos próprios limites daquele paradigma, tanto pela via do gerativismo chomskiano que começa a ter evidência nos anos sessenta, como pela via de teorias *transfrásticas* ou *hipergramaticais* (Maingeneau 1990) que introduziram no estudo das línguas os “excluídos” pelos estruturalismos, como sejam: o sujeito, o discurso, a historicidade, a transdisciplinaridade (Dosse 1993, v. II).

É nesse momento do ocaso do paradigma hegemônico da *Lingüística Estrutural* na Europa e nos Estados Unidos, em que novos recortes no *objeto teórico* e no *objeto observacional* redefinem a Lingüística e a pluralidade do seu objeto de estudo (M. Dascal e Borges Neto 1991) que se desencadeia no Brasil o embate entre a tradição filológica e a Lingüística Moderna que só então começa a tornar-se evidente aqui. Estávamos com quase meio século de atraso!

Por toda a primeira metade do século XX os estudos lingüísticos no Brasil se pautaram pela tradição filológica veiculada através de Portugal que, por sua vez, seguia principalmente modelos alemães ou franceses. Certamente o grande modelo de filólogo em que se espelharam muitos dos filólogos brasileiros foi José Leite de Vasconcellos que unia no seu extraordinário trabalho de pesquisador, para além de outras atividades em disciplinas afins, os estudos sobre a documentação antiga de fases da língua portuguesa, próprios às abordagens textuais-filológicas, com os estudos de campo sobre os dialetos rurais portugueses, em busca de sua arcaicidade. Representava assim Leite de Vasconcellos, em Portugal, a tradição nos estudos românicos e germânicos que na segunda metade do século XIX enlaçava os estudos filológicos propriamente ditos, de antiga história, e a Dialectologia que então se iniciava.

A título de exemplo, no Brasil, pelo menos Antenor Nascentes, Sousa da Silveira e Serafim da Silva Neto se definiam como discípulos do erudito português (Silva Neto 1957).

Assim, na primeira metade de nosso século, se implementaram no Brasil, conjuntamente, para além dos estudos gramaticais normativos, surgidos aqui no século XIX,

os estudos filológicos sobre textos antigos e recentes e os primeiros estudos dialectológicos regionais, basta lembrar os nomes de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes com os seus clássicos sobre o *caipira* e o *carioca*. Filologia propriamente dita e Dialectologia compunham o âmbito do que se designava até os anos sessenta de Filologia (Altman 1998).

Ainda na segunda edição do seu *Manual de filologia portuguesa*, de 1957, Serafim da Silva Neto, contrapondo a Lingüística – “ciência de princípios gerais aplicável a qualquer língua”, à Filologia, definia esta como a ciência que “encerra todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas... abrange os assuntos puramente sincrônicos, isto é, descrições de estado de língua” (1957: XII). Por aquele mesmo tempo, no seu *Dicionário de fatos gramaticais*, cuja primeira edição é de 1956, Joaquim Mattoso Câmara Jr. define a *Lingüística* como a ciência que interpreta os fenômenos lingüísticos numa dada língua, numa família de línguas, nas línguas em geral e a *Filologia* “que pressupõe uma língua culta e escrita” (s.v. *Lingüística*).

Quero mostrar que, com essas duas posições, se definia o embate que apontava no Brasil entre a tradição filológica e a nova Lingüística que despontava.

Nesse momento, Serafim da Silva Neto é o filólogo brasileiro *par excellence*. Estava com a palavra. Joaquim Mattoso Câmara Jr., que semeava aos poucos a *Lingüística Moderna* no Brasil desde 1938, quando, por dois anos, ensinou Lingüística na nascente e logo extinta, por razões políticas, Universidade do Distrito Federal e quando em 1941 publica a primeira edição dos seus *Princípios de lingüística geral*, manual pioneiro da Lingüística no Brasil, atuava em plano secundário, mesmo quando, a partir de 1958, vai ensinar a disciplina – não terá uma cátedra – *Lingüística* na Universidade do Brasil, a convite do eminente filólogo Sousa da Silveira.

Estava contudo, com anos contados, a hegemonia da tradição filológica no Brasil. Por lei entra a Lingüística como disciplina obrigatória nos currículos mínimos de Letras em 1962 e passa a aplicar-se a lei em 1963, mesmo sem ter lingüistas preparados para atender ao novo mercado que se abria.

A Lingüística que se inaugurava no Brasil na década de sessenta é a *Lingüística Estruturalista*, modelo que já perdia hegemonia na Europa e nos Estados Unidos. Mattoso Câmara Jr., o chamado “pai” da Lingüística brasileira, era estruturalista, um estruturalista plural, que conhecia as vertentes americanas e europeias dos estruturalismos, além de ter uma formação em culturas clássicas, embora na origem formado em arquitetura. Por ele, mas não apenas, se inicia o percurso da Lingüística no Brasil. Concomitantemente se difundiam correntes descritivistas americanas, principalmente voltadas para o ensino de línguas estrangeiras, difundidas pelo Instituto Yasigi de São Paulo (Altman 1998) e, para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, trazidos, a convite de Darci Ribeiro, chegam ao Brasil os lingüistas missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL), seguidores do estruturalismo tagmêmico de Kenneth Pike.

São esses últimos que, juntamente com Aryon Dall’Igna Rodrigues, estruturalista de formação alemã, vão implantar a Lingüística no primeiro curso de pós-graduação na área de Letras, de que fui Mestranda, como relatado, o da Universidade de Brasília que, no seu modelo inicial, vigorará apenas entre 1962 e 1965, quando se inviabiliza pelos eventos políticos decorrentes do golpe militar de 1964.

A necessidade de formação de novos lingüistas para preencher a exigência legal de 1962 vai fazer com que muitos brasileiros saiam para estudar Lingüística, tanto na Europa como nos Estados Unidos e que lingüistas americanos e europeus venham para o Brasil, sobretudo, a partir de 1968, quando, com a reforma universitária, começam a ser implantados nas universidades brasileiras os programas de pós-graduação *stricto sensu*, Mestrados e Doutorados.

Com esse intercâmbio diversificado, a Lingüística no Brasil, que despontava seguindo os modelos estruturalistas, quase concomitantemente vai lidar com outras formas de fazer Lingüística, vigorantes, como antes referido, a partir de meados de sessenta no exterior. Conforma-se assim no Brasil uma incipiente Lingüística de orientação plural, como reflexo dos modelos externos correntes.

Há, contudo, um ponto comum nessas formas de fazer Lingüística e que se contrapunha à tradição historicista filológica que se desenvolvera no Brasil, de maneira

orgânica, na primeira metade do século XX: esse ponto comum é a hegemonia dos estudos sincrônicos ou das interpretações abstratas, como foi o caso do gerativismo que já aqui começava a difundir-se na virada dos anos sessenta para setenta. Os estudos histórico-diacrônicos só recomeçaram a apontar na cena da Lingüística no Brasil, aos poucos, a partir de meados dos anos oitenta e tenho indicado como um marco nesse retorno – “a Fênix renascida” no dizer de Fernando Tarallo – o ano de 1984, quando a Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), fundada em 1969, dá espaço, na sua Reunião Anual, a uma Mesa Redonda sobre Lingüística Histórica, coordenada por Carlos Franchi da UNICAMP, da qual participaram Fernando Tarallo (UNICAMP), Marco Antônio Oliveira (UFMG) e Carlos Alberto Faraco (UFPr.).

Como já externei em trabalhos publicados (1997,1998), esse renovado fluxo da Lingüística Histórica no Brasil, a meu ver, se deve não só a modelos externos como a um problema nosso que é a interpretação histórica do português brasileiro. Esses modelos que motivam a volta aos estudos histórico-diacrônicos são a Sociolingüística laboviana, ou seja, a *Teoria da variação e mudança*, cuja proposta inicial é de 1966, publicada em 1968, os *Empirical foundations for a theory of language change* e a *Teoria de princípios e parâmetros*, modelo gerativista implementado a partir dos anos oitenta. Tratam eles, embora com motivações, teorias e métodos distintos, do problema da mudança lingüística no tempo. Mas a grande implementação do conhecimento sincrônico do português brasileiro nas décadas de sessenta e setenta, e que continua, conduziu a uma necessária volta para olhar o passado da língua que usamos para melhor interpretá-la na sua complexa variação sincrônica. Assim, a meu ver, a implementação de modelos lingüísticos externos, conjugada ao problema histórico do português brasileiro, motivaram os lingüistas brasileiros a quebrarem a hegemonia do sincrônico nos estudos lingüísticos do Brasil.

Embora os estudos histórico-diacrônicos não sejam, de nenhum modo, hegemônicos na Lingüística que se faz no Brasil, nem no exterior, nos tempos que correm, no cenário plural dos estudos lingüísticos brasileiros há hoje um espaço significativo e reconhecido para tal tipo de estudo.

Voltando-se assim a esse tipo de estudo, os histórico-diacrônicos, relegado pela Lingüística Moderna na sua fase inicial e pelos lingüistas brasileiros no momento da

implantação e difusão da Lingüística no Brasil, as formas de abordá-lo hoje se apresentam renovadas pelos desenvolvimentos ao longo do século XX nos estudos lingüísticos em geral e, o que é significativo, por essa via se faz um novo encontro com a Filologia, enquanto ciência do texto, uma vez que não se pode trabalhar com documentação escrita do passado, base empírica para os estudos histórico-diacrônicos, sem a companhia especializada da Filologia.

3 Os traçados de uma trajetória de pesquisa

Esse panorama que procurei apresentar dos desenvolvimentos dos estudos lingüísticos no nosso século, no exterior, mas principalmente em função do que se tem passado no Brasil, tem a intenção de ser uma base para fundamentar a interpretação e avaliação dos traçados de minha trajetória na pesquisa sobre a Língua Portuguesa que teve sempre, como procurarei mostrar, uma orientação histórica no seu sentido lato, ou seja, o trabalho com fatos datados e localizados, tanto no espaço como na sociedade. Essa compreensão dos estudos históricos no sentido lato e no sentido estrito venho externando conceitualmente desde 1987, quando fiz a conferência da ABRALIN, depois publicada como *Retrospectiva – Fluxo e refluxo da Lingüística Histórica no Brasil*, na revista D.E.L.T.A. (4(1)), em 1988. Também será esse panorama uma base para fundamentar os traçados de minha trajetória no ensino da Língua Portuguesa, como buscarei avaliar em 4.

Olhando, criticamente, para o meu passado de pesquisadora da Língua Portuguesa, vejo como **primeiro traçado** dessa trajetória uma orientação claramente filológica, no sentido referido em 2, em que, aqui no Brasil, por tradição herdada de Portugal, Filologia abrangia tanto o trabalho com texto escrito, como o trabalho dialectológico, sobre as variantes rurais do português brasileiro, ainda não assim designado, mas o *português no Brasil*. Esse traçado situarei entre os limites temporais que vão de 1961 a 1971.

Embora as disciplinas de Filologia e Língua Portuguesa ministradas no Curso de Letras da Universidade da Bahia pelo professor Nelson Rossi, curso que realizei entre 1958 e 1961, se iniciassem, como já relatado, com um primeiro semestre em que as novas orientações da Lingüística Moderna eram apresentadas, tanto nas suas orientações européias como americanas, mas também na incipiente brasileira – lemos nessa altura os já referidos *Princípios de lingüística geral* de Mattoso Câmara Jr. – o prosseguir do *Curso* era claramente

“filológico”, como busquei definir em 2. Coerente com essa orientação, a pesquisa que ali era desenvolvida também era “filológica”: a *Dialectologia* predominava, juntamente com a *Geografia Lingüística*; o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* já estava em andamento, veio a ser impresso em 1963 e nele participei de sua fase final, a de montagem manual das *Cartas*. Contudo o *estudo do texto antigo*, ou seja, a *Filologia stricto sensu* veio a ser a pesquisa do grupo que se licenciaria em 1961, o meu grupo, e dela resultou a edição crítica do *Livro das Aves* do século XIV.

Assim me iniciei na pesquisa tanto pela *Dialectologia* e *Geografia Lingüística*, como pela *Filologia*, aplicada a manuscritos medievais portugueses, portanto no âmbito da *Filologia*, tal como entendida no Brasil naquele momento.

O meu caminho pela *Dialectologia* teria ido avante se, na Universidade de Brasília, tivéssemos podido levar a cabo o projeto do *Atlas Lingüístico de Goiás*, que apenas se iniciara, na fase de seleção de localidades a serem inquiridas, quando a Universidade original foi desfeita.

Entretanto, a escolha do tema para a dissertação de Mestrado enveredou pela *Filologia* propriamente dita e, com a experiência adquirida com o *Livro das Aves*, editei o *Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório – Vida de São Bento*, também manuscrito do século XIV. Nesse trabalho busquei aplicar os mesmos métodos que informavam a edição do *Livro das Aves* e o modelo principal dessas duas edições, inclusive na escolha dos critérios editoriais para a fixação do texto, foi o de Serafim da Silva Neto, tanto no seu manual *Textos medievais e portugueses e seus problemas* (1956), como nas edições que realizou. Lembro que nesse tempo, como referido em 2, era Serafim da Silva Neto o mais destacado filólogo brasileiro.

Analisando-se essas duas edições – a do *Livro das Aves* e o *Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório* – vê-se que elas repetem a tradição da *Filologia Portuguesa* sobre os textos medievais: além da leitura crítica do manuscrito e do aparato crítico, acompanham-nas um glossário e estão precedidas, na *Introdução*, de estudos filológicos sobre as especificidades do texto editado e do “estudo lingüístico”. Esse tipo de “estudo lingüístico” é

o típico estudo da *Filologia* de então, em que se destacavam, atomizadamente, as características “arcaicas” do documento editado.

Dando continuidade a esse traçado filológico de minha trajetória, busquei completar a edição dos *Quatro Livros dos 'Diálogos de São Gregório'*, trabalho concluído quando o defendi como tese de doutoramento em 1971.

Nessa edição, os critérios editoriais já não foram os mesmos; foram, numa primeira versão. Já sob a orientação do Professor Lindley Cintra em Lisboa, e por seu conselho, selecionei critérios para ele “propriamente críticos”, já que considerava ele as edições na linha de Serafim da Silva Neto antes como edições *paleográfico-interpretativas* e não *edições críticas*.

A principal diferença entre esta edição e as duas anteriores está, contudo, no que não fiz, ou seja, o “estudo lingüístico”, que aguardei onze anos para considerá-lo pronto, nas *Estruturas trecentistas*, publicadas em livro, enfim e por sorte, em 1989.

Tendo sido introduzida nos estudos descritivos estruturalistas no meu Mestrado na Universidade de Brasília, tanto pelos *Seminários de Lingüística* de Aryon Rodrigues, como nos cursos dos lingüistas estruturalistas tagmêmicos do Summer Institute of Linguistics, professores da UNB, não me satisfazia mais com os “estudos lingüísticos” atomizados e seletivos da tradição filológica luso-brasileira que perduravam ainda nos anos sessenta, tanto em Portugal como no Brasil.

Como já relatei, os materiais classificados e listados, por recursos mecanográficos, ficaram prontos em 1968, e, com base neles, pude fazer um trabalho descritivo extensivo do *corpus* da versão mais antiga em português, a trecentista, dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* que editara, o que veio a constituir o livro de 1989 antes referido.

Para a tese de doutoramento, organizei em um capítulo da *Introdução* à edição, um estudo lingüístico, mas com um objetivo específico: a partir do que os estudos filológicos já tinham acumulado sobre o conhecimento do português na sua fase arcaica (séculos XIII a XVI), busquei avaliar em que momento da história da língua portuguesa, no seu período

arcaico, se situava aquele manuscrito de que não pude descobrir, por dados externos, nem onde nem quando tinha sido copiado, já que os estudos filológicos, sobre as três versões que cotejei, indicavam serem elas cópias e nenhuma fora modelo da outra. Situei a versão mais antiga, portanto, por dados intralingüísticos, na chamada primeira fase do período arcaico, que a filologia sobre o português medieval considera, como finalizando, nas duas últimas décadas do século XIV. Sem dúvida, naquele manuscrito estava representado o português anterior ao século XV, daí considerá-lo um texto *trecentista*.

Uma outra significativa diferença em relação às duas edições anteriores está no que elaborei para substituir o tradicional *Glossário*, apenso às edições de textos medievais. Complementei a tese de doutoramento com um IV volume (o I constituído da *Introdução* (143 p.); o II e o III, respectivamente, a *Leitura Crítica* do manuscrito trecentista (244 p.) e o *Aparato Crítico* com as variantes dos dois manuscritos quatrocentistas (207 p.). Nesse IV volume (437 p.) apresentei, substituindo o formato tradicional dos *Glossários*, o que designei de *Índice geral das palavras lexicais*, em que arrolei todas as ocorrências dos nomes substantivos e adjetivos, dos verbos e adjetivos de verbos, cada item no seu contexto frasal, do que se poderá apreender o valor semântico de cada vocábulo. Tal *Índice* só foi possível por dispor das listagens mecanográficas referidas e constitui o que na *Lexicografia* se costuma designar de concordância vocabular.

Com a defesa da tese em 1971, encerrei o meu *traçado de filóloga* no sentido estrito, ou seja, o do trabalho com o texto em si e sua problemática. Mas já então não me sentia uma filóloga propriamente dita, porque o trabalho filológico com o texto teve sempre para mim como meta a compreensão da língua portuguesa no seu constituir-se histórico.

Só agora, nos últimos anos, voltei ao trabalho filológico – edição de textos do passado – mas para orientar uma Dissertação de Mestrado sobre as *Inquirições de D. Dinis* do século XIII, defendida em 1996 por Permínio Ferreira e atualmente participo, mas como assessora e conselheira, do sub-grupo de pesquisadores do PROPOR que está editando documentos não-literários escritos no Brasil colonial, em função da construção de um banco de textos para a história do português brasileiro.

Considero como *segundo traçado* de minha trajetória de pesquisa o trabalho não mais de natureza filológica, mas lingüística, que realizei sobre o *corpus* do texto editado – *A mais antiga versão medieval portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório'*, que resultou no já referido livro *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico* (1989).

Esse trabalho, comecei a esboçá-lo em 1968, a partir, como já referido, dos dados classificados e listados pelo Centro de Cálculo Científico de Lisboa e também com base nos materiais elaborados no *Índice geral das palavras lexicais*, IV volume da referida edição.

Na sua origem seria o *estudo lingüístico* que acompanharia a edição crítica do manuscrito trecentista. A conselho do meu orientador no doutoramento, Professor Isaac Nicolau Salum – fato já antes relatado – não incluí essa primeira versão do *estudo lingüístico* no conjunto da tese, por já estar superdimensionada e suficiente para o objetivo, na opinião, que acatei, do meu orientador. O conselho do Professor Salum foi, sem dúvida, de muito bom senso e, avalio, deu um bom resultado, uma vez que, se tivesse, naquela altura, concluído o *estudo lingüístico* planejado, teria feito algo ainda pouco amadurecido e, certamente, mais restrito.

Esse esboço inicial permaneceu em estado de gestação por uma década, entre 1968 e 1979, quando o retomei e concluí em 1981, na pesquisa que me ocupou durante o pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que tive por orientador o Professor Celso Ferreira da Cunha, sem dúvida, naquele momento, o principal estudioso no Brasil do período medieval da língua portuguesa.

Nesse trabalho busquei aplicar a um *corpus* sincrônico do século XIV uma análise descritiva estrutural nos níveis morfológico, morfossintático e sintático. Embora nesse período – anos setenta para inícios de oitenta – os modelos de análise estrutural já estivessem refutados também no Brasil, como esbocei em 2, mantive-me fiel ao meu projeto inicial que tinha como objetivo organizar taxionomicamente os dados de um extenso *corpus* de um momento passado da língua portuguesa. Essa orientação foi, sem dúvida, fruto da minha formação com os estruturalistas de Brasília e das muitas leituras subseqüentes que fiz sobre os estruturalismos nos anos sessenta e setenta.

A minha motivação vinha do antigo desejo, aflorado e pouco consciente ainda em 1961, quando tive de fazer uma monografia final do curso de graduação, como já relatado, sobre um aspecto lingüístico (no caso o uso do subjuntivo) do texto, também trecentista do *Livro das Aves*. Hoje posso dizer que faltavam elementos tanto teóricos como dados organizados, sobre a sintaxe do período arcaico, para funcionarem como elementos balizadores para o estudo de um aspecto específico do português arcaico.

A bibliografia acumulada pela tradição filológica sobre o português medieval concentrou-se sobretudo em questões gráficas, gráfico-fônicas e mórficas. Pouco se fez, e o que foi feito é rarefeito, sobre a sintaxe do período arcaico. Em face disso, o meu objetivo com esse estudo descritivo extensivo foi organizar – não só para responder a meus próprios questionamentos sobre a língua portuguesa nesse período, mas, como cais de embarque, um ponto de partida para navegar o devir da história de nossa língua – sistemática e exaustivamente os *dados* oferecidos pelo texto editado.

E assim fiz, mesmo consciente de que esse tipo de trabalho seguia um modelo de análise lingüística que já não tinha grande cotação no nosso mercado da Lingüística, o que teria acontecido, talvez, se o tivesse concluído nos fins da década de sessenta. Não foi portanto sem razão o “jeu de mot” de Fernando Tarallo quando, em carta pessoal de 1990, me dizia que lera, de orelha a orelha, num fim de semana, o meu ET. Mas ele ficou muito interessado nos dados do ET, porque forneciam informações lingüísticas organizadas e quantificadas úteis para os que estavam, como ele, a fazer história da língua portuguesa, nesses anos de retorno aos estudos histórico-diacrônicos. De fato, os dados das *Estruturas trecentistas* têm sido fundamentalmente práticos para os jovens historiadores da língua, sem a formação filológica tradicional, terem um ponto de referência sobre o passado da língua portuguesa.

Organizei a análise descritiva em três partes – *O sintagma nominal*; *O sintagma verbal* e *Aspectos do enunciado*, precedidas de um capítulo preliminar, essencial, sobre aspectos gráficos do manuscrito, uma vez que a grafia arcaica é, a meu ver, a barreira principal para o leitor de hoje introduzir-se num texto do período arcaico. Numa longa

Introdução discuti questões relativas ao *corpus* escrito remanescente do período medieval do português e questões metodológicas que me pareceram necessárias para o possível Leitor.

O centro do trabalho, que tomou uma inesperada forma de manual, é, contudo, a morfologia, a morfossintaxe e a sintaxe, níveis estruturais como definidos pela análise estruturalista. Como se pode avaliar pelas *Referências bibliográficas*, tive a companhia de muitos especialistas, mas ressaltam-se nelas as referências aos trabalhos filológicos sobre o período arcaico de Lindley Cintra, os trabalhos estruturalistas de Mattoso Câmara Jr. para o português e os de Bernard Pottier para o espanhol. Apliquei à morfologia nominal e verbal as análises que Mattoso Câmara Jr. propôs para o português contemporâneo, transferindo-as para a realidade lingüística representada no texto do século XIV. Para os aspectos morfossintáticos, que envolviam avaliações semânticas, os estudos de Bernard Pottier para o espanhol foram extremamente esclarecedores. Busquei um caminho descritivista para a terceira parte, referente a aspectos do enunciado. Sendo uma análise da estrutura superficial, seguindo a orientação estruturalista, excluí orientações que conhecia dos modelos gerativistas, que já se sucediam e se transferiam para o Brasil. Fui intencionalmente uma descritivista taxionomista sincrônica do português do século XIV.

Nesse percurso descritivista descobri, na prática, lugares em variação no português arcaico, que viriam a me levar, da década de oitenta em diante, a outro traçado da minha pesquisa, este de natureza diacrônica, a partir da variação nos dados observados do *corpus* do século XIV.

Retomei a orientação descritivista sobre o português arcaico em dois dos livros que publiquei na Coleção '*Repensando a Língua Portuguesa*', da Editora Contexto de São Paulo. São eles: *O português arcaico: fonologia* (1991) e *O português arcaico: morfologia e sintaxe* (1994).

Atendendo ao convite feito por Ataliba de Castilho, como já relatado, para participar da *Coleção*, que tem por objetivo levar pesquisa acadêmica para o público de professores do ensino secundário e para estudantes de Letras, aproveitei a oportunidade para fazer dois livros "leves" sobre a fase arcaica da língua portuguesa, já que as *Estruturas trecentistas*, além de

serem um “tijolo” de 870 p., têm tido pouca circulação no Brasil, como ocorre, em geral, com publicações do exterior.

Busquei, nesses dois livros, retomar o meu tema, ou a minha paixão mais antiga em pesquisa, com a intenção de difundir para as gerações mais jovens o passado remoto da língua portuguesa.

Em *O português arcaico: fonologia* investi num aspecto – a *fonologia* – que não abordara nas *Estruturas trecentistas*, por falta, naquele momento, de balizas seguras. Em 1990, já dispunha da grande obra de Clarinda de Azevedo Maia, *História do galego-português* (1986), que me permitiu construir esse pequeno manual de fonologia estrutural sobre o português arcaico, além de nele discutir problemas referentes ao trabalho com a variável grafia antiga. Surpreendentemente este livro tem tido uma penetração inesperada, já está na terceira edição, o que não seria de esperar para uma temática tão distanciada das questões quotidianas que ocupam professores e estudantes da área de Letras.

Em *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, retomei as *Estruturas trecentistas*, em um formato mais simples e também mais geral, uma vez que não me fixei apenas no *corpus-base* das *Estruturas trecentistas*. Além disso aproveitei dos desenvolvimentos que, ao longo da década de oitenta, vêm sendo implementados por pesquisadores, sobretudo brasileiros, sobre a sintaxe histórica do português, decorrente do já referido retorno aos estudos histórico-diacrônicos no Brasil.

Esses três livros avaliados compõem o resultado mais significativo da minha linha de pesquisa *Morfossintaxe do português arcaico*, primeira das linhas que inscrevi na pós-graduação em Letras da UFBA., quando se iniciou o Curso de Mestrado em 1976.

Nesse conjunto de trabalhos desenvolvi pesquisa do tipo individual e não em equipe, como me iniciei, no meu período de licenciatura e recém-licenciada. O que voltará a ocorrer no que caracterizarei como *terceiro traçado* da minha atividade de pesquisa.

O *terceiro traçado* na minha trajetória de pesquisa, em termos cronológicos, co-ocorre com o que descrevi e avaliei como *segundo traçado*. Compõem esse *terceiro traçado*

trabalhos que desenvolvi no âmbito da Sociolingüística, disciplina de caráter histórico, no sentido lato, já que trata com dados datados e socialmente localizados. Nessa altura a Sociolingüística, disciplina lingüística que tem tido, nessa segunda metade do século XX, um grande avanço, desde que se superou o *sistema homogêneo* saussuriano, chegara ao Brasil e irá reorientar os estudos que até então se faziam sobre a realidade falada do português do Brasil, sobretudo de orientação filológico-dialectológica. O primeiro grande projeto de base sociolingüística foi o conhecido projeto NURC (*Norma Urbana Culta*) que teve como seu primeiro coordenador geral o professor Nelson Rossi e, como coordenadores locais, os professores Celso Ferreira da Cunha (Rio), Albino de Bem Veiga (Rio Grande do Sul), Isaac Nicolau Salum (S. Paulo) e José Brasileiro Villanova (Recife), todos, certamente, se reconheciam como filólogos e/ou dialetólogos.

Nesse campo da Lingüística, na década de setenta, desenvolvi dois tipos de pesquisa de natureza diferenciada: o trabalho que realizei com o português como “língua de contacto” entre os índios kamayurá do Alto-Xingu, no Parque Nacional do Xingu e o trabalho realizado como membro da equipe NURC-Salvador, coordenada pelo professor Nelson Rossi.

Como já foi relatado, ao voltar dos anos de aperfeiçoamento em Lisboa, não me estabeleci em Salvador, mas, com um grupo saído da Universidade de Brasília, fomos tentar realizar um trabalho interdisciplinar à margem das instituições acadêmicas brasileiras, ao findar os anos sessenta. Essa utopia de jovens idealistas – o *Centro Brasileiro de Estudos Indígenas* – durou apenas os anos de 1969 e 1970.

Entre os jovens antropólogos que compunham o grupo me encontrei como lingüista. A idéia era desenvolver um conjunto de trabalhos interdisciplinares entre os índios do Alto-Xingu, área indígena já estudada pelo “senior” do grupo, o antropólogo Pedro Agostinho.

Naquela altura me inscrevi para o doutoramento na USP, graças à interveniência dos amigos Ada Natal Rodrigues e Albertino Rodrigues, como já relatado, e deveria entregar a tese para julgamento em fins de 1971. Ao mesmo tempo em que concluía a edição crítica da *Mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro Livros de São Gregório'*, me iniciava em campo novo de pesquisa, sem a companhia de orientadores oficiais e sem a sombra protetora de instituições estabelecidas.

Definido o papel que desempenharia nesse *Centro de Pesquisa* em formação, comecei a preparar-me para enfrentá-lo.

Já tinha alguma iniciação quanto a questões de *contacto de línguas* e *bilingüismo* quando, no III Curso Superior de Filologia Espanhola realizado em Málaga, em julho-agosto de 1968, fizera, entre outros cursos, como já relatado, o de Badia Margarit sobre o bilingüismo catalão/castelhano na Catalunha; já tinha também a experiência da obra clássica de Uriel Weinreich, *Languages in contact* (1968). Parti então para me informar sobre a realidade histórica xinguana e sobre a situação lingüística no Parque Nacional do Xingu. Para isso contei com a assessoria de Pedro Agostinho e de outros do grupo.

O trabalho de campo para conhecimento daquela área indígena e para recolha dos dados para a pesquisa ocorreu entre julho-agosto de 1969. Para esse fim, reuni a minha experiência nos estudos dialectológicos realizados na Bahia, em Brasília e em Portugal, também a adquirida com os lingüistas do S.I.L. em Brasília. Construí um questionário em que me vali dos questionários dialectológicos para a língua portuguesa, tanto os brasileiros como os portugueses e também do questionário padrão do S.I.L. Preparei ainda, com a assessoria de Pedro Agostinho, uma ficha-padrão para fazer um “censo demográfico-lingüístico” que serviria como base para avaliação do uso do português entre os índios kamayurá. Esses instrumentos para a pesquisa de campo estão apensos ao primeiro dos sete estudos sobre o português kamayurá reunidos em livro em 1988.

Voltei da pesquisa de campo com um *corpus* lingüístico gravado, resultante da aplicação do questionário, também das “conversas livres” e ainda com o “censo demográfico-lingüístico” realizado.

Com base nesse censo realizei o primeiro dos sete estudos sobre o português kamayurá – *Informação preliminar sobre o português kamayurá*, publicado em 1972 pela *Revista Brasileira de Antropologia* em que se apresenta um diagnóstico de natureza sociolingüística sobre o grau de fluência no uso do português por aquela população indígena.

O segundo trabalho, feito juntamente com Pedro Agostinho – *Aculturação no plano lingüístico: notícia sobre pesquisa entre os kamayurá* – foi apresentado ao III Congresso da ALFAL em 1971, realizado em Porto Rico e saiu nas suas *Atas* em 1976. Tem essa comunicação uma abordagem sobre o processo aculturativo daquele grupo indígena e também descreve a pesquisa feita.

Voltando à Universidade Federal da Bahia em 1973 e me integrando, mais uma vez, à equipe do Professor Nelson Rossi, o material lingüístico recolhido no Xingu foi sendo explorado *a latere* da pesquisa coletiva e oficial da equipe de Língua Portuguesa que estava centrada no Projeto NURC.

Contudo, não abandonei o projeto iniciado em 1969 no Centro Brasileiro de Estudos Indígenas. Ao longo dos anos setenta e com uma das colegas da equipe de Língua Portuguesa, Myrian Barbosa da Silva, elaboramos três estudos sobre os dados gravados, dois sobre aspectos fônicos – *Um traço do português kamayurá: um momento no processo de aquisição do português*, apresentado em 1976 na X Reunião Brasileira de Antropologia, depois publicado na revista *Universitas* da UFBA. (nº. 34:1985) e *Observações sobre fatos fonéticos em um dialeto de transição*, comunicação à XXVIII Reunião da SBPC de 1976 e publicado no *Boletim ABRALIN* (nº. 5:1983) – e outro sobre aspectos da morfossintaxe – *Manifestações do processo de simplificação em um dialeto de contacto*, apresentado à XXX Reunião da SBPC de 1978, publicado no *Boletim de Filologia* de Lisboa (nº. 36:1982). Ainda com Myrian Silva e também Maria del Rosário Albán, colega da equipe de Língua Portuguesa da UFBA., fez-se outro estudo sintático – *Fatos sintáticos sobre o português kamayurá*, apresentado em 1977 ao XV Congresso Internacional de Lingüística e Filologia, realizado no Rio de Janeiro.

O último dos estudos realizados sobre o *corpus* – *A formação de uma área dialetal do português*, realizei-o sozinha e foi apresentado na XII Reunião Brasileira de Antropologia realizada no Rio em 1980 e veio a ser publicado na revista *Ciência e Cultura* da SBPC (nº. 35(6):1983). Nesse trabalho desenvolvo um ponto de vista de caráter dialectológico e histórico em que cogito se, para aquela área se expandisse – como, aliás, aos poucos está ocorrendo – a sociedade nacional, ter-se-ia ali no futuro uma área dialetal do português, em

que traços próprios às línguas indígenas xinguanas identificariam aquela variante regional do português brasileiro.

Nesse conjunto de trabalhos, que compartilhei com colegas que tinham interesses semelhantes, utilizei orientações da sociolingüística, da dialectologia e da lingüística descritiva, esta última nos quatro estudos em que se analisam fatos lingüísticos desse dialeto de contato.

Pelo que conheço da bibliografia sobre o português brasileiro, esses trabalhos sobre o português de contato em comunidades indígenas têm um caráter pioneiro e exploratório. Posteriormente a sociolingüista Charlotte Emmerich da Universidade Federal do Rio de Janeiro se dedicou, em função de sua tese de doutoramento, ao português de contato do Xingu, em estudo do tipo variacionista e, atualmente, com base no grande *corpus* recolhido por ela, outros sociolingüistas da UFRJ vêm trabalhando sobre esse tema.

No meu modo de ver, desde aqueles anos de 1969, o estudo do português em áreas indígenas brasileiras, que são muitas, apesar da pouca representatividade demográfica no contexto geral do Brasil, se constitui num aspecto relevante para o conhecimento da diversidade do português brasileiro. Além disso, para a compreensão histórica da formação da variante brasileira da língua portuguesa, o estudo sincrônico do português dessas áreas poderá fornecer indicações para o que ocorreu no passado, durante o processo de expansão da língua portuguesa, língua hegemônica da colonização que, glotofagicamente, fez desaparecer, num grande naufrágio, se não milhares, pelo menos centenas de línguas. Assim sendo, a recuperação de “histórias de contato” de línguas indígenas com o português é uma pauta de pesquisa que deveria ser implementada no Brasil. Sobre esse tema e, confrontando o que estudei sobre o Xingu com dados históricos da área do Tocantins, escrevi um artigo – *Língua portuguesa: novas fronteiras, velhos problemas*, publicado em 1988 na *Revista Lusitana* de Lisboa (nº. 21).

O correr da minha trajetória de pesquisa me levou para outras pautas, mas, na reconstrução da história do português brasileiro, que agora começa a implementar-se, um percurso que, a meu ver, deve ser extensivamente investigado é o do avanço do português sobre as áreas indígenas brasileiras, no passado e no presente.

Uma outra vertente do *terceiro traçado* da minha trajetória de pesquisa, no âmbito da Sociolinguística, se liga a minha atuação entre 1973 e 1979 como um dos pesquisadores da equipe do Projeto NURC-Salvador, sob a coordenação do Professor Nelson Rossi.

Iniciado esse projeto no Brasil em 1969 – o primeiro grande projeto no âmbito do português urbano brasileiro – nos moldes em que se desenvolvia na América espanhola, estava ele, quando reingressei na equipe do Professor Rossi, na fase de documentação, ou seja, de constituição do *corpus*, que deveria atingir 400 horas de gravação e 600 informantes. Colaborei, portanto, nessa fase de “trabalho de campo” urbano e subsequente catalogação e arquivamento.

Esse meu trabalho no Projeto NURC, durante os seis anos em que foi a minha pesquisa oficial no regime de dedicação exclusiva em que estava contratada, valeu-me como o retorno à disciplina da equipe do antigo e querido Mestre, mas restringiu-se apenas ao que se fazia naquela fase do *Projeto* em todas as capitais brasileiras em que se aplicou – Salvador, Rio, São Paulo, Recife, Porto Alegre: a documentação gravada da amostra de fala urbana, representada nos informantes de nível universitário dessas capitais. Só nos anos oitenta, já não estava mais na equipe do *Projeto*, é que esse grande *corpus* linguístico passou a ser aberto para análise e, subsequente, a bibliografia sobre ele tem se multiplicado geometricamente.

Contudo, nada analisei do NURC, mas tenho orientado dissertações de Mestrado que se valeram desse *corpus*, a de Sônia Borba Costa e a de Tânia Lobo e agora, também uma tese de doutoramento, a de Therezinha Barreto e outra dissertação de Mestrado, a de Sílvia S. Silva.

Sem dúvida, a experiência de ouvir falantes “cultos” baianos, somada à experiência de ouvir falas rurais, tanto brasileiras como portuguesas, além do português kamayurá, e a de ver, refletida na escrita, o português do período arcaico, me concederam a possibilidade de entrever com alguma clareza o desenvolvimento histórico da língua portuguesa.

Afastando-me de Salvador para o pós-doutoramento na UFRJ, onde concluí, como referido, as *Estruturas trecentistas*, desliguei-me do Projeto NURC e, ao voltar, em inícios de 1982, optei por me concentrar, com a concordância do Professor Nelson Rossi, nos estudos histórico-diacrônicos da língua portuguesa, na linha de pesquisa *Morfossintaxe do português arcaico*, reformulada nos anos oitenta para *Variação e mudança no português arcaico* e nos anos noventa reestruturada na linha *Constituição histórica da língua portuguesa*, base do Programa para história da língua portuguesa – PROHPOR.

Antes porém de avaliar a minha concentração nos estudos histórico-diacrônicos, considerarei como o *quarto traçado* na minha trajetória de pesquisa aqueles estudos que desde 1983 venho fazendo sobre o ensino do português correlacionado à diversidade lingüística brasileira que, oficialmente, se vincularam à linha de pesquisa inscrita no Mestrado em Letras intitulada *Diversidade lingüística e política de ensino*.

O *quarto traçado* da minha trajetória de pesquisa, que vinculei, nos inícios dos anos oitenta, à linha de pesquisa nomeada *Diversidade lingüística e política de ensino* da nossa pós-graduação, se situa, como o *terceiro traçado*, no âmbito da Sociolingüística. Os trabalhos que sobre essa temática tenho escrito – dez, entre artigos e comunicações (1985, 1986, 1989, 1990, 1991, 1995, 1996a, b, c, 1998) e dois livros na *Coleção Repensando a língua portuguesa* (1989 e 1995) – têm sido motivados por uma conjunção de fatores e, embora diretamente vinculada essa temática à minha condição de professora de língua portuguesa, tem ela sido elaborada numa perspectiva sócio-histórica.

Tem essa linha de reflexão e pesquisa sua origem na orientação que sempre direcionou o ensino de Língua Portuguesa no grupo de professores do Instituto de Letras da UFBA., desde a chegada do Professor Nelson Rossi, ou seja, aquela orientação caracterizada por encarar, explicitar e discutir, na sala de aula, a diversidade dialetal – regional, social – do português e olhar criticamente o tradicional ensino pautado pela tradição normativa que proclama como objeto de ensino a *norma padrão*. Somam-se a essa orientação geral de nosso trabalho como professores, as orientações de pesquisa do grupo, tanto no que se refere à dialeção regional do português brasileiro, no âmbito da Dialectologia, como a dialeção social urbana, em que convivem as designadas como *normas vernáculas* e *normas cultas*. A esses fatores que caracterizam nosso grupo de ensino e pesquisa – no qual me formei e ao

qual retornei em 1973 – acrescento o avanço que ocorreu no Brasil nos estudos sociolingüísticos, a partir dos fins da década de sessenta e se implementam até hoje, que têm permitido ver que a questão social, posta por muitas instâncias da sociedade, na formulação “os jovens não sabem mais português”, decorre da própria configuração social sincrônica e histórica do Brasil.

Relembro um fato interessante, que bem caracteriza esse conjunto de trabalho que tenho feito nesse *traçado*. Meu estimado colega e amigo português, da Universidade de Lisboa, Ivo Castro, certa vez me disse que quando lia meus trabalhos sobre *ensino de português* sentia que neles eu estava sempre polemizando contra algo; avaliava assim, sem o dizer, que eu não me mantinha neutra, objetiva, diante da questão, como se esperaria de um trabalho científico.

Gostei muito dessa avaliação crítica, porque, de fato, esse conjunto de trabalhos são de natureza sociolingüística e sócio-histórica, mas são também, e talvez principalmente, trabalhos de natureza política, já que não descarno do ensino do português, língua materna da maioria da população brasileira, do entorno social em que se formou e em que se constituiu o português brasileiro e da qualidade precária da educação em geral no Brasil ao longo de sua história até os nossos dias.

Desde o primeiro trabalho que sobre essa temática escrevi, para uma Mesa Redonda, sobre ensino do português no *Congresso Internacional sobre a situação da língua portuguesa no mundo*, realizado em Lisboa em 1983 e publicado em suas *Actas* em 1985 – *Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil: reflexões sobre a língua portuguesa e seu ensino*, até o mais recente, apresentado em 1998, também em Mesa Redonda, sobre o ensino do português, no *V Congresso Internacional de Didática da Língua e da Literatura*, realizado em Coimbra e reapresentado, também em Mesa Redonda sobre o português brasileiro em perspectiva histórica, no *IV Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários* da Universidade Estadual de Feira de Santana – *O que corrigir no português de nossos alunos? O fator escolarização na compreensão histórica do português brasileiro* – defendo o seguinte ponto de vista: se nós brasileiros usamos a língua portuguesa tal como usamos, ou seja, com marcas bem distanciadas da chamada *norma padrão*, de tradição lusitana, deve-se isso à nossa história passada e à nossa história presente. Não poderia ser diferente, como já nos ensinava Antoine

Meillet, na década de vinte deste século, no seu *Esquisse d'une histoire de la langue latine*: a história de uma língua reflete a história do povo que fala essa língua.

No conjunto desses trabalhos tenho procurado sempre apresentar um diagnóstico sócio-histórico do Brasil e um diagnóstico da questão da escolarização no Brasil para defender a proposição de que cada vez mais se torna impossível que, nas salas de aula de português, se imponha uma *norma padrão*, não só porque as *normas cultas* e as *normas vernáculas* que chegam à escola cada vez mais se distanciam da *norma padrão*, sobretudo no que se refere à variável sintaxe brasileira e, além disso, como tenho argumentado nos trabalhos mais recentes, porque a grande maioria dos professores de português não têm como dominar o *padrão idealizado*, uma vez que, na sua grande parte, vêm das classes populares, portadores das *normas vernáculas* e têm a sua escolarização realizada em escolas cuja qualidade é, reconhecidamente, precária. Além disso, com base em estatísticas oficiais, tenho mostrado que, se uma boa formação lingüística/sociolingüística fosse dada a esses professores nos seus cursos de 3º. Grau, talvez a situação do ensino do português pudesse ser reformulada. O que de fato ocorre, contudo, é que grande parte dos professores do 1º. e 2º. graus não têm formação de 3º. grau (cf. Os dados estatísticos referidos nos trabalhos – *Alfabetização hoje no Brasil* (1996) e *O que corrigir no português de nossos alunos?* (1998)).

Indiferente a essa realidade sócio-histórica e sociolingüística, ainda predomina, como orientação no ensino do português como língua materna no Brasil, a orientação normativa de tradição plurissecular.

No livro de 1989, *Tradição gramatical e gramática tradicional*, fruto de parte de um curso da disciplina *Sintaxe*, que ministrara no Curso de Mestrado em Letras – área de Língua Portuguesa, busco demonstrar as razões históricas dessa tradição de ensino que remonta a Alexandria, à volta do século II antes de Cristo, e a dificuldade de desenraizar essa tradição de ensino normativo, mesmo com toda a reformulação teórica que a chamada *Lingüística Moderna* introduziu na concepção de língua enquanto fenômeno histórico e, conseqüentemente, nas possibilidades de reformulação no ensino das línguas.

Tenho, também, nesses trabalhos, buscado mostrar o descompasso que existe entre o que a Lingüística, em geral, e a Sociolingüística brasileiras têm demonstrado sobre a realidade

lingüística do Brasil e a ausência de materiais disso decorrentes para uma renovação adequada do ensino da língua portuguesa no Brasil.

No livro de 1995 – *Contradições no ensino do português: a língua que se fala X a língua que se ensina*, na sua origem um curso ministrado no Mestrado em Educação da Universidade de Lisboa em 1993, intitulado *O papel da escola perante a norma*, depois de discutir questões teóricas referentes ao conceito de norma lingüística, procurei, a partir de fatos fônicos e sintáticos, mostrar a variação nos usos do português brasileiro e dar indicações sobre as variantes socialmente prestigiadas e as variantes socialmente estigmatizadas, como sugestão para os professores melhor poderem enfrentar a heterogeneidade do português com que se defrontam nas suas salas de aula.

Como vêm demonstrando, nos últimos anos, tanto a Sociolingüística – veja-se, por exemplo, o artigo de Dante Lucchesi, *Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português brasileiro* (1994) – como os sintaticistas gerativistas – veja-se, por exemplo, o trabalho de Mary Kato, *Português falado: aquisição em contexto de mudança lingüística* (1996), o português brasileiro se apresenta polarizado em *normas cultas* e *normas vernáculas* (Lucchesi 1994) ou *diglósico* (Kato 1996). É esta a “realidade” depreendida por cientistas da linguagem no Brasil; tal “realidade” precisa ser assumida no processo de ensino da língua portuguesa como língua materna no Brasil, para tornar os seus usuários conscientes desses problemas, a fim de adequarem os usos permissíveis por sua língua às exigências das avaliações da sociedade. É esse um outro ponto que venho discutindo, sobretudo nos trabalhos realizados sobre o tema na década de noventa, por exemplo no livro de 1995 e na *Comunicação Convidada no Congresso Internacional sobre o português*, realizado em Lisboa em 1994 e publicado nas suas *Actas* em 1996, sob o título – roubado a um verso de poema de Drumond, *Aula de Português – O português são dois*.

Esse *quarto traçado* de minha trajetória de pesquisa, que tem um viés político bem claro – como bem viu Ivo Castro – de crítica a aspectos sócio-políticos do Brasil, ultrapassa o que tenho formalmente escrito, em geral por solicitações; ele acompanha, indissociadamente, o direcionamento de minha atividade contínua e constante como professora de português, tanto na graduação como na pós-graduação. Embora tenha desativado, como linha de pesquisa inscrita na pós-graduação, desde inícios dos anos noventa, a questão da diversidade lingüística

do Brasil relacionada à política de ensino do português, essa problemática continua a fazer parte de minha atividade profissional, não só como professora de português, mas também no que se refere à questão da constituição histórica da língua portuguesa, neste caso em relação à constituição do português brasileiro.

Assim, tendo formalizado em textos publicados desde início de oitenta esse *traçado* da minha trajetória de pesquisa, perdura ele até hoje, mesmo que sem vinculação formal a uma linha de pesquisa.

O que designarei de *quinto traçado* de minha trajetória de pesquisa se inicia quando voltei do pós-doutoramento na UFRJ, como já referido, e me desvinculei do grupo de pesquisa do Projeto NURC, passando a ter como linha de pesquisa oficializada, em substituição à *Morfossintaxe do português arcaico*, a linha *Variação e mudança no português arcaico* que, na minha pauta de estudos e publicações, convive com o *quarto traçado*, decorrente este, basicamente, da minha atividade de professora de português, como busquei mostrar.

O *quinto traçado* na minha trajetória de pesquisa se apresenta como um desenvolvimento, a meu ver, orgânico, decorrente do que realizei no que classifiquei de *segundo traçado*. Enquanto o *terceiro* e o *quarto* se situam no âmbito dos estudos sociolinguísticos, que considero Linguística Histórica no sentido lato, o *segundo* e o *quinto* se constituem de pesquisas no âmbito da Linguística Histórica no sentido estrito: no *segundo* investi em um trabalho descritivo sobre a morfologia, morfossintaxe e sintaxe do português arcaico, com base em *corpus* trecentista; como procurei mostrar, esse tipo de trabalho significou para mim uma organização descritiva de fatos linguísticos documentados daquele momento da história da língua portuguesa, que funcionou como elemento balizador, um cais de embarque, metáfora já antes utilizada, para daí partir para observar o fazer-se da língua portuguesa no tempo. Esse caráter “dinâmico” dessa nova etapa de meus estudos sobre a história passada do português se torna evidente quando substituo, no meu Departamento e no Curso de Mestrado em Letras, a linha de pesquisa *Morfossintaxe do português arcaico* para *Variação e mudança no português arcaico*.

Quanto a limites cronológicos formais, essa linha de pesquisa, concomitante à linha do quarto traçado – *Diversidade lingüística brasileira e política de ensino* – se estende de 1982, quando voltei do pós-doutoramento com a pesquisa das *Estruturas trecentistas* concluída, a 1991, momento em que a substituo pela linha mais abrangente, que será o meu sexto e último traçado, sobre a qual se organizou o *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), programa coletivo de um Grupo de Pesquisa do IL-UFBA.

Entretanto, questões relacionadas à variação morfossintática e sintática do período arcaico, mesmo antes de concluir as *Estruturas trecentistas*, já vinham aflorando na minha pesquisa e foram externadas em uma *Comunicação* ao Congresso da ALFAL, em Lima, de 1974, em que tratei, pela primeira vez, da variação e focalizei os usos variáveis dos verbos *ser, estar, fazer, andar*, *Comunicação* que ficou inédita, apesar de apresentada. Ainda na década de setenta, preparei outra *Comunicação* para o *Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas* da Societé de Linguistique Romané, realizado em 1977 no Rio de Janeiro, sobre a questão do *tempo composto* no período arcaico, em que avalio a seleção dos verbos *haver/ter* nesses contextos com participio passado e a questão da marcação do plural nesses participios, o que seria um indicador de que, em tais estruturas, ainda não se gramaticalizara.

Concomitante a essas explorações iniciais sobre a dinâmica da variação no português arcaico, comecei a tomar conhecimento, motivada pela disciplina de *Diacronia do português*, que deveria dar no Curso de Mestrado em 1977, de teorias da mudança lingüística, dentre elas a da *Varição e mudança*, também identificada como Sociolingüística *Correlacional ou Quantitativa*, de Uriel Weinreich, William Labov e Mervin Herzog, no já agora clássico da Lingüística na Segunda metade do século XX, *Empirical foundations for a theory of language change* (1968).

Foi, portanto, à volta de 1977 que comecei a me iniciar, também por minha própria conta, tal como aconteceu nos meus estudos sobre *contacto lingüístico*, como antes já referido, no estudo de teorias da mudança lingüística que começaram com os neogramáticos no século XIX. Com base nessas leituras escrevi um artigo que veio a sair em 1980 no *Boletim de Filologia* (n.º XXVI) de Lisboa, intitulado *Sobre a mudança lingüística: uma revisão histórica*. Das teorias estudadas, sem dúvida, aquela que me deu mais clareza sobre a

questão da mudança lingüística foi a da *Variação e mudança*, inaugurada com a já referida obra *Empirical Foundations*.

Considero, então, que, a par dos “lugares em variação” detectados na análise descritiva do *corpus* trecentista, foram as minhas leituras e reflexões sobre *teorias da mudança*, sobretudo a laboviana, que me conduziram para essa nova linha de trabalho – a variação e a mudança no período arcaico do português.

Nesse campo escrevi um conjunto de nove artigos e comunicações ao longo dos anos oitenta, publicados entre 1980 e 1995 (nomeadamente 1980, 1981, 1984, 1986, 1987, 1990, 1991, 1994, 1995).

Esses estudos que considero exploratórios, numa nova vertente teórica e metodológica, já que não mais me restrinjo a um trabalho descritivo sincrónico do período arcaico (como no traçado *segundo*), mas compõem um trabalho diacrónico sobre documentação diversificada do período arcaico, se centraram em alguns tópicos em variação no *corpus* trecentista, nomeadamente: os verbos *ser* e *estar* e outros correlatos em estruturas atributivas (1987); os verbos *haver* e *ter* nas estruturas em que variavam no período arcaico, possessivas e de participio passado (1981 e 1995); os contextos facultativos na concordância verbo-nominal (1986 e 1990, este último publicado em 1998), o último ainda inédito, mas apresentado como *Comunicação* no Congresso da ALFAL em Campinas; a variação em itens conjuncionais (1984) e dois outros gerais, em que discuto o que nesse tempo vinha pesquisando: um de 1990 – *Rastros de velho mistério: sobre estudos de variação e mudança na fase arcaica do português* e outro de 1991 – *Caminhos de mudanças sintáticas no português arcaico*.

Tendo sido convidada por Mary Kato, que organizava um simpósio sobre diacronia no Congresso da ABRALIN de 1992, em São Paulo, para uma Mesa Redonda sobre “Fases na história da língua portuguesa”, preparei um estudo sobre as delimitações intralingüísticas do período arcaico, em que busquei capitalizar não só o que a Filologia tradicional sobre o período arcaico diz sobre características gráfico-fônicas e mórficas, mas também o que os meus próprios estudos e, já nessa altura, de meus orientandos, nessa linha de pesquisa, informavam sobre características morfossintáticas e sintáticas que tipificam o período arcaico

e começam a desaparecer, como têm mostrado esses estudos, ao longo do século XVI. Esse trabalho veio a ser publicado em 1994, na *Revista D.E.L.T.A* (n.º 10), em um número especial em homenagem póstuma a Fernando Tarallo, sob o título *Para uma caracterização do português arcaico*.

Na década de oitenta começou, como já referido, o retorno ao interesse pelos estudos histórico-diacrônicos da língua portuguesa, motivados não só pela grande penetração no Brasil, tanto da Sociolingüística laboviana como da teoria gerativa paramétrica, mas também como consequência do avanço dos estudos sincrônicos sobre o português brasileiro que, necessariamente, levaram para um questionamento de natureza histórica, já que, confrontado com o português europeu de que é um continuador, é o português brasileiro, em muitos aspectos, dele divergente. É no final dessa década que comecei a ter orientandos interessados na abordagem histórica do português. Até então meus orientandos tinham sempre selecionado temas de natureza sincrônica para suas dissertações de Mestrado na área de Língua Portuguesa. Só então, portanto, começaram a somar-se ao meu trabalho individual sobre o período arcaico o trabalho dos mestrandos, nas suas dissertações.

Na primeira delas, concluída em 1989, a de Maria do Socorro Sepúlveda Netto, retomou-se o tema do meu artigo de 1987 – *Ser, estar, jazer e andar no português trecentista*, um estudo de variação entre esses verbos no *corpus* das *Estruturas trecentistas* e foi elaborado um estudo de variação e mudança, a partir de documentos dos séculos XIII ao XVI, intitulado *Ser/estar: um estudo de variação e mudança no português antigo*. A seguinte, no tempo, foi a de Sílvia Rita Olinda que, na linha do meu artigo de 1984 – *Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa*, estudo esse de variação e mudança do século XIV ao XVI – trabalhou com outro par de conjunções em competição no período arcaico, sobre documentação dos séculos XIII ao XVI, na dissertação – *Ca e pois: mudanças em curso no português antigo*. Decorrente do interesse histórico da formação de conjunções no seu dinamismo diacrônico, uma terceira dissertação de Mestrado, a de Therezinha Barreto, retomou o tema das *conjunções* nos inícios dos anos noventa, numa perspectiva histórica, para tratar desse subsistema fronteiro entre léxico e gramática na dissertação – *Conjunções: aspectos de sua constituição na história do português*.

Esboça-se assim, ao iniciarem-se os anos noventa, a possibilidade de se organizar uma equipe de pesquisa para trabalhar integradamente sobre a língua portuguesa numa perspectiva histórica, trabalho que, embora não exija muito dinheiro, requer muito tempo e, sem dúvida, muitas cabeças e mãos. Surgiu então, em 1990, com Maria do Socorro Netto, Therezinha Barreto, que eram (e são) minhas colegas do Setor de Língua Portuguesa e também com Sônia Borba Costa, também ex-orientanda, mas em dissertação de caráter sincrônico, uma primeira formalização de um grupo de pesquisa para a história da língua portuguesa, no âmbito do Departamento de Letras Vernáculas, que foi o germe do *Programa para a história da língua portuguesa*, que se definiu de 1990 para 1991 e que será o foco do *sexto traçado*, na minha trajetória de pesquisa.

O *sexto traçado* da minha trajetória de pesquisa, no qual me encontro neste momento, se configura como um trabalho coletivo de pesquisa, tal como nas minhas origens no tempo do *Livro das Aves* (1961-1962), quando finalizava a graduação e iniciava minha vida profissional; tal como no trabalho sobre o *português de contato* no Alto Xingu, no seu início pesquisa individual, depois compartilhada com outros colegas (1969 a 1981); tal como na minha atividade no Projeto NURC (1973-1979) e diferentemente do que ocorreu no desenvolvimento das linhas de pesquisa *Diversidade lingüística brasileira e política de ensino do português* (1983-1991), *Morfossintaxe do português arcaico* (1976-1982) e *Variação e mudança no português arcaico* (1982-1991), em que fiz pesquisa individual.

O esboçar-se do grupo de pesquisa que veio a denominar-se, a partir de 1991, de *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR), começou em fins de 1990, como antes referido, com um núcleo inicial constituído por mim e as três colegas, já nomeadas, do Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas do IL-UFBa. Ao longo de 1991 se integraram ao grupo quatro docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana: Sílvia Rita Olinda, que já fizera Mestrado sob minha orientação, como referido, mas que logo se desvinculou do PROHPOR, por razões de ordem profissional; Ilza Ribeiro, que foi minha aluna no Curso de Mestrado e já estava doutorando-se na UNICAMP, e veio a doutorar-se em 1995, no campo da sintaxe gerativa diacrônica sobre questões referentes à *ordem sintática* no português arcaico; Dante Lucchesi e Tânia Lobo, depois concursados na UFBa., que faziam o Mestrado em Lingüística Histórica na Universidade de Lisboa, sob a orientação do professor Lindley Cintra (falecido em 1991), mas que vieram a

fazer a dissertação sob minha orientação, já que não obtiveram mais tempo de bolsa CAPES-PICD em Lisboa. Dante Lucchesi trabalhou sobre um percurso da Lingüística no século XX, o que resultou na dissertação, hoje livro – *Sistema, mudança e linguagem* (1998) e Tânia Lobo que trabalhou sobre a questão dos clíticos em *corpus* do século XVI, em comparação com o uso brasileiro em elocuições formais do Projeto NURC. Ambas as dissertações concluídas e aprovadas na Universidade de Lisboa em 1993.

Portanto, é esse grupo de oito pesquisadores, naquela altura já com experiência reconhecida em pesquisa e formação no campo da Lingüística em geral, da Lingüística Histórica e da história da língua portuguesa que, sob minha coordenação, dá origem ao PROHPOR, fundado na linha de pesquisa intencionalmente abrangente – *Constituição histórica da língua portuguesa*, vinculada ao Departamento de Letras Vernáculas e à pós-graduação do IL-UFBa. No momento também fazem parte do grupo Anna Maria Nolasco de Macedo e Rosauta Poggio, da UFBa.; Permínio Ferreira, mestre pela UFBa. e, da UEFS, Zenaide Carneiro e Norma Fernandes de Almeida.

Em janeiro de 1992 nos apresentamos ao CNPq, para solicitação de Auxílio Integrado, com o *Projeto Geral do Programa para a história da língua portuguesa*. Auxílio aprovado em forma de Bolsa de pesquisa para o Coordenador, no caso eu, que já era, desde 1990, pesquisador 1C do CNPq (Proc. 300.004), bolsas de Iniciação Científica e auxílio pesquisa, pago em duas etapas entre 1993 e 1994 (Proc. 500.038/92-9), que permitiram informatizar o PROHPOR e comprar alguns livros especializados para o trabalho do grupo. Nas edições do *Diretório dos grupos de pesquisa* do CNPq, o PROHPOR tem sido reconhecido como tal pelo CNPq (código 8-UFBa. 024).

Com base no *Projeto Geral* referido, o nosso grupo vem se pautando. O objetivo geral do PROHPOR é contribuir com novos dados analisados, sem desconhecer o já feito, para a reconstrução histórica da língua portuguesa. O seu recorte diacrônico vai das origens escritas do português ao século XVI, para daí infletir em direção à constituição histórica do português brasileiro. O seu posicionamento teórico-metodológico é plural, já que se partiu do princípio segundo o qual teorias e métodos conviventes na Lingüística contemporânea podem contribuir para a compreensão das mudanças históricas que ocorrem no constituir-se de uma língua, definidos, contudo, o recorte teórico e metodológico, a depender do recorte

observacional que se selecione em cada projeto e, também, a depender da formação de base do pesquisador por ele responsável.

No *Projeto geral* definimos ainda quatro grandes *campos de atuação* do PROHPOR: estudos morfossintáticos e sintáticos na história do português; estudos da sócio-história do português brasileiro; construção de um *corpus* informatizado, como base para os estudos diacrônicos do português e um quarto campo que designamos como formação contínua dos pesquisadores em teorias e métodos da Linguística Histórica.

A par dessas proposições abrangentes do *Projeto geral*, apresentamos um conjunto de projetos – um *coletivo* sobre a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, com o objetivo de afinar o trabalho do grupo e *projetos individuais*, sob a responsabilidade dos pesquisadores do grupo, todos conseqüência do interesse específico de cada um no âmbito da história da língua portuguesa.

Em linhas gerais, esses projetos individuais tiveram como objetivo estudos de aspectos morfossintáticos e sintáticos na história do português: o de Therezinha Barreto sobre as conjunções e locuções conjuntivas; o de Sônia Borba Costa sobre advérbios e locuções adverbiais; o meu próprio sobre a variação dos verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* no período arcaico; o de Maria do Socorro Netto sobre os verbos *ser* e *estar* na segunda metade do século XV (que veio a ser desativado pelo desligamento da pesquisadora do PROHPOR, por razões de ordem profissional); o de Tânia Lobo sobre fontes para a sócio-história do português brasileiro e o de Dante Lucchesi, em função da construção de um *corpus* informatizado para a história da língua portuguesa.

O *Projeto Coletivo* sobre a *Carta de Pero Vaz de Caminha* ficou concluído em 1995 e foi publicado em forma de livro, por mim organizado, em 1996 – *'A Carta de Caminha': testemunho lingüístico de 1500*, em que reunimos um conjunto de doze estudos lingüísticos sobre o português da *Carta*, precedidos de uma *Apresentação – A Carta de Caminha no tempo da língua portuguesa*, realizada por mim, em que avalio se o português do escrivão/escritor seria ainda medieval ou já moderno. Um novo *Projeto Coletivo* está em andamento sobre *Aspectos morfossintáticos e sintáticos do português quinhentista* em que, com base em *corpora* dos meados do século XVI para o século XVII, estamos estudando

alguns tópicos lingüísticos – a ordem sintática; a colocação dos clíticos; a variação *ser/estar/haver/ter*; preposições e locuções prepositivas; advérbios e locuções adverbiais; conjunções e locuções conjuntivas; a morfologia dos verbos de padrão especial – e pretendemos torná-lo livro coletivo do PROHPOR, planejado para finais de 1999.

Os *projetos individuais* vêm se desenvolvendo ininterruptamente e têm tomado direções próprias, a depender da história individual de cada pesquisador. Neste momento, sete dos pesquisadores estão investindo nas suas teses de doutoramento, todas no campo da Lingüística Histórica e da história da língua portuguesa; são eles: Therezinha Barreto (na UFBA); Rosauta Poggio (na UFBA), com as teses já entregues para julgamento; Tânia Lobo (na USP); Dante Lucchesi (na UFRJ), todos já em fase adiantada de elaboração de suas teses; Sônia Borba Costa (na UFBA); Anna Maria Macedo (na UFBA) e Perminio Ferreira (na USP), em fase inicial.

Assim está o PROHPOR a qualificar a sua equipe, uma vez que, ao iniciar-se o grupo, só eu própria tinha o doutorado e, logo depois, em 1995, Ilza Ribeiro se doutorou pela UNICAMP. A formação desse conjunto de pesquisadores é diversificada no âmbito de orientações teóricas aplicáveis à Lingüística Histórica e à história da língua. Todos, contudo, partem de uma base empírica descritiva, a partir de dados selecionados de *corpora* previamente definidos: os trabalhos sobre a *ordem sintática* têm percorrido uma pauta gerativista e, partindo do período arcaico do português, se volta para o passado, ou seja, para a fase da relativa unidade galego-portuguesa e em direção ao presente, a partir de documentação histórica escrita no Brasil colonial; estão esses estudos sob a responsabilidade de Ilza Ribeiro. Os trabalhos de Tânia Lobo têm se pautado por uma análise do tipo variacionista, focalizando a *posição variável dos clíticos*, do século XVI em direção ao português brasileiro e por reflexão sócio-histórica sobre a variante brasileira do português; o de Dante Lucchesi, decorrente de sua associação a Alan Baxter, especialista em crioulos de base portuguesa, no Projeto *Vestígios de descrioulização em comunidades afro-brasileiras isoladas*, tem se direcionado para a questão da *crioulização prévia* do português brasileiro; está, portanto, no caminho dos estudos da *crioulística*, em grande desenvolvimento na atualidade, preocupação tanto de gerativistas como de sociolingüistas. O conjunto de trabalhos que vêm sendo elaborados sobre conjunções, advérbios e preposições e suas respectivas locuções, a partir da descrição de um *corpus* histórico previamente determinado,

têm ultimamente se fundamentado em teorias funcionalistas sobre *processos de gramaticalização*. Nessa orientação estão Therezinha Barreto, Rosauta Poggio, Sônia Costa, Anna Maria Macedo. Desde o ano passado, com o objetivo de constituir *corpora* de documentos não-literários escritos no Brasil, entre os séculos XVI e XIX, a orientação filológica tem sido necessária e, nesse tipo de trabalho, estão envolvidos Tânia Lobo, Permínio Ferreira, também os bolsistas de Iniciação Científica – Klebson Oliveira e Uilton Gonçalves, editando documentos da segunda metade do século XVIII do Arquivo Público do Estado da Bahia e ainda Zenaide Carneiro e Norma Almeida, editando documentos de outros arquivos baianos.

Em outubro de 1997, apresentei um balanço do que tinha sido produzido pelo grupo PROHPOR ao Seminário Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL, realizado em Curitiba – *Contribuições do PROHPOR para a renovação dos estudos histórico-diacrônicos do português* – e arrolei, nessa altura, setenta e quatro títulos de trabalhos entre livros, teses, dissertações, artigos e comunicações, divulgados pelo grupo, a partir de sua criação em 1991. Esse trabalho ainda está inédito, aguarda as *Atas* do referido Seminário. Esse conjunto de trabalhos demonstra como a pesquisa em grupo é estimulante e enriquecedora.

O meu trabalho pessoal no PROHPOR, neste *sexto traçado* de minha trajetória de pesquisa, tem sido, sem dúvida, múltiplo e oneroso. É mais leve, mas menos gratificante e menos multiplicador, ser pesquisador individual. Além de ser responsável pelo planejamento e coordenação do trabalho do grupo, tenho sido orientadora de Mestrado e, desde 1996, de Doutorado na linha de pesquisa em que se embasa o PROHPOR – *Constituição histórica da língua portuguesa*.

Depois da organização do grupo já se tornaram Mestres sob minha orientação Therezinha Barreto, Dante Lucchesi, Tânia Lobo, Permínio Ferreira, Zenaide Carneiro, Anna Maria Macedo e Iraneide Fernandes; em início de dissertação, Sílvia Santos Silva e Américo Venâncio Filho. Em fase final de doutoramento: Rosauta Poggio e Therezinha Barreto e em início de doutoramento Sônia Costa e Anna Maria Macedo.

O meu trabalho como pesquisadora do PROHPOR tem se realizado em duas direções: uma voltada para o meu *projeto individual* e a outra, voltada para a constituição histórica do português brasileiro.

A questão da diversidade regional do português e de sua diferença em relação ao português europeu. O meu *projeto individual* no grupo – *As relações sintático-semânticas entre os verbos ser, estar, haver, ter no período arcaico do português*, continua meus estudos de variação e mudança (cf. *quinto traçado*), iniciados na década anterior. A partir do que já pesquisara sobre *ser, estar, jazer, andar* (cf. artigo de 1987), também a partir da dissertação de Mestrado de Maria do Socorro Netto *ser/estar* (1989) e, ainda, a partir do que estudara sobre *ter e haver* (cf. artigos de 1981 e de 1995, este escrito em 1986), elaborei um projeto em que conjugo o conjunto dos quatro verbos referidos que têm sua história entremeadada nas estruturas atributivas, possessivas, existenciais e com participio passado. Como os trabalhos exploratórios da década de oitenta se centraram em documentos dos séculos XIV e XV, me voltei para uma extensa e variada documentação do século XIII para verificar o que ocorria com esses verbos na primeira fase da língua portuguesa documentada pela escrita. O resultado dessa parte da pesquisa foi publicado em 1997 – *A variação no uso de ser/estar/haver/ter no português ducentista* na *Revista Estudos Linguísticos e Literários* (nº. 19). Em seguida me voltei para a documentação de 1500 em diante, com o objetivo de verificar se a variação documentada no século XIII e as mudanças em implementação nos séculos XIV e XV já estariam concluídas no século XVI.

Sobre os dados de 1500 para cá publiquei em 1996 – *Ter e haver em 1500*, na coletânea, já referida, que organizei sobre a *Carta de Caminha* e apresentei no GT sobre a *História da língua portuguesa* no Congresso da ALFAL de 1996 (Gran Canária), os resultados dessa pesquisa, ainda inéditos, na obra pedagógica de João de Barros de 1540 – *A variação ser/estar e haver/ter em 1540: fase final de mudanças em curso no português arcaico*. Sobre esse tema voltei em Mesa Redonda da ANPOLL de 1998 (Campinas), com o trabalho, que deverá sair em Belo Horizonte numa coletânea em homenagem à Doutora Ângela Vaz Leão – *Resíduos arcaizantes em 1500: a propósito do uso variável de ser/estar em estruturas atributivas e de haver/ter em estruturas possessivas no período arcaico do português*. Espero, no futuro, construir um estudo que reúna as investigações que venho fazendo sobre esse tópico, desde meados de oitenta.

A outra direção, como referido, se volta para a constituição histórica do português brasileiro.

A questão da diversidade regional do português e de sua diferença em relação ao português europeu faz parte de meus *primórdios formadores*, como relatei na *Primeira parte* deste *Memorial*, quando colaborei na fase final do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e quando iniciamos na UNB, em Brasília, a primeira fase do que teria sido o *Atlas Lingüístico de Goiás*. Quando, em 1969, me voltei para o *português kamayurá*, o objetivo foi conhecer um novo aspecto do português brasileiro, esse resultante do encontro da língua hegemônica da sociedade nacional com uma língua autóctone, falada na área multilingüe do Parque Nacional do Xingu, como desenvolvi no que chamei *terceiro traçado* na minha trajetória de pesquisa. A questão do português brasileiro também esteve sempre na cena durante o período em que trabalhei na equipe do Projeto NURC e veio a aflorar, com força, quando comecei a sistematizar a minha reflexão sobre os problemas que envolvem o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras, no contexto de nossa diversidade lingüística, como relatado no que designei neste *Memorial* de *quarto traçado* na trajetória de pesquisa.

Além disso, desde 1973, quando o Professor Nelson Rossi me indicou para, a par da disciplina *Recuperação de Português*, ministrar, como já relatado, a disciplina da graduação em Letras – *A língua portuguesa no Brasil* (LET 104/LP VI), comecei a tomar conhecimento, organizadamente, do que, até aquela data, tinha sido escrito e debatido sobre a “língua portuguesa no Brasil”, tendo como ponto de marca, definidor de novos caminhos sobre o tema, os estudos de Serafim da Silva Neto, na década de cinquenta, nomeadamente *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, cuja 1ª. edição é de 1950 e o seu último trabalho, de 1960, *A língua portuguesa no Brasil: problemas*.

No correr dos anos subseqüentes se multiplicaram no Brasil os estudos sociolingüísticos, sobretudo variacionistas, sobre a heterogeneidade social do português brasileiro, estudos que venho acompanhando em função do meu interesse pessoal sobre esse aspecto da Lingüística Histórica no seu sentido lato, mas também em função de disciplinas ministradas na pós-graduação e das orientações de dissertações que venho fazendo desde fins da década de setenta.

Contudo, só comecei de fato a sistematizar uma reflexão pessoal sobre a constituição histórica do português brasileiro na década de noventa e depois de estruturado o PROHPOR, que definiu como recorte cronológico de seu trabalho, a partir do século XVI, o português brasileiro e, nesse campo, se apresentou o projeto de Tânia Lobo sobre *Fontes para a sócio-história do português do Brasil*.

Dessa reflexão sistematizada sobre o tema complexo da formação e constituição histórica do português brasileiro, já surgiram alguns trabalhos que considero exploratórios – *Português brasileiro: raízes e trajetórias: para a construção de uma história* (1993); *A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro* (1995); *Idéias para a construção do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior* (1998) e *De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios* (1998, ainda inédito), apresentado ao II Seminário para a história do português brasileiro.

De uma maneira geral, posso afirmar que esse conjunto de trabalhos traz alguns pontos recorrentes e que devem eles, sem dúvida, a duas publicações relativamente recentes sobre o tema: ao livro de Antônio Houaiss de 1985 – *O português do Brasil* e à dissertação de Mestrado, defendida na UFRJ, em 1991, e ainda inédita, de Alberto Mussa – *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*.

O primeiro ponto recorrente, nesses meus trabalhos, se refere à minha convicção, que me parece difícil de ser contestada, de que a reconstituição histórica do passado do português brasileiro só pode ser um trabalho de natureza coletiva, devido às múltiplas faces que têm de ser investigadas para dar conta do processo histórico que resultou no plural e heterogêneo português brasileiro, expandido por todo o Brasil. Os outros pontos recorrentes se referem a dois fatores sócio-históricos que venho considerando basilares para a compreensão histórica e sincrônica do português brasileiro: a dinâmica da *demografia histórica* do Brasil, que espelha como consequência, as diversificadas situações de contacto interlingüístico que se passaram ao longo da história do Brasil colonial e pós-colonial; e a questão histórica da *escolarização* ou *letramento*, ou melhor, da sua ausência, tanto no período da colonização como subsequente, que levou a que a aprendizagem da língua da colonização, o português europeu, se passasse no âmbito da oralidade para a grande maioria da população brasileira, sem, portanto, o controle normativo da escola e, conseqüentemente, da escrita.

Quanto ao primeiro ponto referido, desde 1996 se começa a esboçar no Brasil a possibilidade de um projeto coletivo nacional, com equipes regionais, para a reconstituição histórica do português brasileiro, tendo à frente a liderança do Professor Ataliba de Castilho que, na USP, já desenvolve uma linha de pesquisa, com seus orientandos, sobre a lusitanização de São Paulo.

No início de 1997, na USP, e em início de 1998, em Campos do Jordão, ocorreram os primeiros *Seminários Nacionais* para a organização desse *Projeto*, que está em fase de elaboração. O grupo PROHPOR está nele integrado e tem participado com pesquisas próprias nesses *Seminários*. O meu trabalho, acima referido – *Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior* – foi a *Conferência de Abertura*, do primeiro *Seminário*, a convite do professor Ataliba de Castilho, coordenador deste e do volume I da Coleção “Para a história do português brasileiro” (Humanitas, FFLCH/USP), onde a conferência foi publicada. O convite para essa conferência avalio que se deve ao reconhecimento, por parte de Ataliba Castilho, de que o Grupo PROHPOR desenvolveu e desenvolve um trabalho pioneiro no campo da Lingüística Histórica e da história da língua portuguesa.

Assim sendo, o campo de estudos do PROHPOR referente ao português brasileiro se integrará ao trabalho de outras equipes que estão se articulando no Brasil para juntas tentarem a reconstrução histórica, na sua face intralingüística e na sua face sócio-histórica, do português brasileiro. No momento essas equipes em formação no Brasil (S. Paulo, Rio, Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco) deverão abordar a questão por três vias: a dos estudos gramaticais diacrônicos; a da sócio-história lingüística do Brasil e, como suporte documental, a via da edição de documentação não-literária do passado, escrita no Brasil, a partir do século XVI, para ser a base dos estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro.

Finalizando este *sexto traçado*, avalio que perspectivas interessantes e conseqüentes se abrem, no Brasil e no PROHPOR, no campo da Lingüística Histórica sobre o português em geral, porque, embora o foco hoje seja, principalmente, a história do português brasileiro, este não pode ser adequadamente interpretado sem a articulação necessária com a história do português europeu.

logo após a licenciatura em 1961, no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Bahia. **Em síntese**, busquei mostrar nesses *traçados da minha trajetória de pesquisa* que fatores circunstanciais e decisões intencionais me conduziram sempre a ter como *objeto de pesquisa* a Língua Portuguesa, entendida como fenômeno histórico e, assim sendo, sempre palmilhei caminhos da Lingüística Histórica: o caminho tradicional da *Filologia*, como disciplina interpretativa do texto, no caso textos manuscritos medievais (*primeiro traçado*); o caminho da *Lingüística Descritiva*, aplicada à documentação do passado, o que o situa no âmbito da Lingüística Histórica (*segundo traçado*); o caminho da Sociolingüística, definida como *Lingüística Histórica lato sensu*, já que trabalha com fatos e problemas datados e localizados (*terceiro e quarto traçados*); o caminho da *Lingüística Histórica stricto sensu*, ou seja, o dos estudos de mudança lingüística no tempo real e o da constituição histórica de uma língua ao longo do tempo (*quinto e sexto traçados*).

Espero ter conseguido externar nessa trajetória o que vejo como um trabalho contínuo, conexo e coerente, mesmo que por *traçados* aparentemente díspares, sobre aspectos históricos da língua portuguesa.

4 A trajetória de ensino

Tal como a trajetória anterior, que teve sempre como *objeto de pesquisa* a língua portuguesa, as minhas atividades docentes se concentraram também sempre na língua portuguesa como *objeto de ensino*.

Buscarei contextualizar, como fiz para os *traçados da pesquisa*, o meu trabalho como *professora de português* no quadro geral do desenvolvimento dos estudos lingüísticos – de filológicos para propriamente lingüísticos, esboçados no item 2 desta *segunda parte*, já que, como discípula assumida do Mestre Rossi, o ensino tradicional normativo da língua portuguesa nunca esteve na minha pauta docente, nem na do Grupo de Professores de português do IL-UFBa., a não ser para dele fazer a avaliação crítica considerada necessária.

Excluirei a minha restrita experiência no ensino de 1º. e 2º. graus que decorrem, entre 1961 e 1962, no Colégio de Aplicação da ainda Universidade da Bahia. Estruturarei, então, este item 4, focalizando as minhas primeiras atividades no ensino de nível superior,

logo após a licenciatura em 1961, no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, seguidas do meu trabalho docente, entre 1963-1965, parte de minhas tarefas como Instrutor-bolsista na Universidade de Brasília, enquanto fazia Mestrado, e da retomada dessas atividades, a partir de 1971, em Salvador, depois de cinco anos fora de sala de aula, como historiado nos *Relatos da Primeira parte deste Memorial*. Por fim, me concentrei nas atividades docentes na Graduação, a partir de 1973, no Instituto de Letras da UFBA.e, de 1976 em diante, também na pós-graduação *stricto sensu* e informarei sobre cursos de pós-graduação que tive oportunidade de ministrar em outras universidades.

Abordarei, portanto, dessa forma os *traçados* da minha trajetória de ensino.

A minha primeira experiência docente, para além daquela na primeira série ginásial e no primeiro ano do curso colegial no Colégio de Aplicação, veio imediatamente depois da Licenciatura em Letras Anglo-germânicas.

Por convênio com o centro de Estudos Afro-orientais (CEAO) da Universidade, naquela altura dirigido por seu fundador, Professor George Agostinho da Silva, chegaram a Salvador quinze bolsistas de vários países africanos para seguirem cursos universitários regulares no Brasil. O Professor Nelson Rossi foi convidado a organizar um curso, entre dezembro de 1961 e fevereiro de 1962, com o objetivo de habilitar esses estudantes em língua portuguesa, para prosseguirem seus estudos universitários no Brasil.

Organizou então o Professor Rossi uma equipe de cinco professores, além dele – Nadja Andrade, Dinah Isensee, Carlota Ferreira, Vera Lúcia Sampaio e eu, sob a sua coordenação e, com real sucesso, desenvolveu-se o curso com 260 horas-aula, das quais fui responsável por trinta e três horas em sala de aula.

Essa experiência de ensino de português para estrangeiros, falantes nativos de diferentes línguas africanas e tendo como segunda língua francês ou inglês, foi realmente única, não só porque construímos os materiais das aulas “formais”, mas também convivemos, na cidade, com os africanos nesses dois meses imersos na vida e no português de Salvador. Ao fim do tempo previsto, quase todos estavam em condições de enfrentar os cursos para os quais se destinavam em universidades brasileiras.

No ano de 1962, juntamente com Vera Lúcia Sampaio, colega licenciada também em 1961, fui contratada como *técnica especializada* pela Universidade, por indicação do Professor Rossi, para concluir a edição do *Livro das Aves* e colaborar na fase final de montagem e revisão das *Cartas lingüísticas* do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Como, nesse ano, o Professor Rossi foi convidado para constituir a equipe que implantava na UNB o Instituto Central de Letras, ficamos, Vera Lúcia Sampaio e eu, encarregadas de, sob a supervisão do referido professor, na disciplina *Língua e Filologia Portuguesa*, prosseguir, com os formandos da 4ª. série de 1962, o *Glossário* do *Livro das Aves*. Foi essa uma atividade de pesquisa integrada no ensino, num campo de trabalho de natureza filológica.

Iniciei-me, desse modo, nas atividades docentes de nível superior da língua portuguesa pela via do ensino de português como língua estrangeira e pela via dos estudos filológicos.

Entre 1963 e 1965 estive na UNB para realizar o Mestrado em Letras, área Língua Portuguesa. Cabiam aos Mestrandos, Intrutores-bolsistas na UNB, atividades de treinamento docente que variavam conforme a unidade universitária. Aqueles que faziam Mestrado em Língua Portuguesa, como era o meu caso, participaram do grupo de professores que, coordenados por Ada Natal Rodrigues, sob a supervisão de Nelson Rossi, ficaram responsáveis pelas turmas da disciplina *Recuperação de Português*, para os entrantes na UNB em 1963 que indicaram deficiência no uso escrito da língua, na seleção do Vestibular.

Além dessa atividade docente em que cada professor era responsável por turmas da *Recuperação*, participei de cursos da graduação em Letras, ministrados pelo Professor Rossi, desdobrando *aulas maiores*, que eram dadas pelos professores de nível mais alto, em *aulas menores*, de responsabilidade dos mestrando-instrutores. Assim ministrei aulas nas disciplinas *Morfossintaxe do português*, *História da língua portuguesa* (em 1964) e, em 1965, *Literatura de língua portuguesa nos séculos XV e XVI*, no primeiro semestre e, no segundo semestre, *Formação e evolução da prosa de língua portuguesa*, esta de minha inteira responsabilidade por já ter o Mestrado concluído, mas que foi interrompida, abruptamente, no mês de outubro pelos acontecimentos políticos que desestruturaram a primeira UNB, como já antes referido.

Como se pode observar pela designação dessas disciplinas, excetuando a de *Morfossintaxe*, que era de natureza descritivo-estrutural, as outras estão no âmbito dos estudos filológicos sobre a língua portuguesa do passado. O fato de o Professor Rossi me ter designado para trabalhar nessas disciplinas decorreu de estar eu, no meu Mestrado, trabalhando sobre um texto em prosa do período medieval – *O Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório – Vida de São Bento*, que veio a ser a minha dissertação de Mestrado, como já referido. Cumpria-se assim uma meta da UNB, que era a de buscar integrar a pesquisa ao ensino de graduação.

Entre fins de 1965 e inícios de 1971 estive fora de sala de aula, primeiro com bolsa de pesquisa da Fundação Calouste Gulbenkian (1966, no Brasil e 1967 e 1968, em Lisboa) e no Centro Brasileiro de Estudos Indígenas em Brasília (1969 e 1970), como já antes relatado. A partir de 1971, minha atividade docente, em nível superior, seguiu, continuamente, até os dias atuais.

Voltando a Salvador em 1971, não retornei à Universidade Federal da Bahia, apesar de ter feito um concurso, naquele ano, para Auxiliar de Ensino de Literatura Portuguesa, concurso prejudicado por arbitrariedade no julgamento, de cuja decisão recorri, recurso vitorioso pela anulação do concurso, em 1973. Nos inícios desse mesmo ano estava na UFBA., por outro concurso, este para Língua Portuguesa, como já referido na *Primeira parte* deste *Memorial*.

Em 1971, no primeiro semestre, desenvolvi atividades docentes no *Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio* (PREMEM) da Secretaria Estadual de Educação. No PREMEM preparei a programação e ministrei um curso com o objetivo de aperfeiçoar o uso escrito e oral de professores da rede estadual de ensino que se direcionavam para funções na administração escolar do Estado da Bahia. Temática semelhante ao que fizera no curso de *Recuperação de português* da UNB.

Nos anos de 1971 e 1972, voltei à graduação em Letras, mas na Universidade Católica de Salvador, onde fui responsável, naqueles dois anos, pela disciplina *História da Língua Portuguesa* e, no 2º. semestre de 1971, também ministrei uma disciplina descritivo-estrutural – *Morfossintaxe sincrônica do português – o nome*, onde, pela primeira vez,

apliquei os ensinamentos de J. Mattoso Câmara Jr. quanto à descrição estrutural da língua portuguesa. Na outra disciplina ministrada na UCSal, segui o caminho historicista, segundo os moldes em que me graduara na década de sessenta. Conjugava, assim, no ensino a antiga tradição de base filológica com as novas orientações estruturalistas que se difundiam, então, no Brasil, sobretudo a partir da obra deixada por Mattoso Câmara Jr. (falecido em 1970), sobre aspectos estruturais do português.

A volta à sala de aula, depois de cinco anos de ausência, surpreendeu-me por vir a encontrar uma população estudantil bastante distinta daquela com que convivera até 1965. A grande maioria dos estudantes não mais estava instrumentada para a leitura de textos da especialidade em língua estrangeira e, o que mais marcou, já não dominava, em grande parte, o padrão lingüístico para a língua escrita que se esperaria de um universitário. Essa questão veio a tornar-se mais evidente nos anos subseqüentes e, como referido, foi a tentativa de compreender e interpretar o que estava por detrás desse fato que me motivou para a reflexão sistemática sobre ele e que veio a constituir o que designei neste *Memorial de quarto traçado* de minha trajetória de pesquisa. Assim, foi a minha atividade de professora que me conduziu para essa vertente do meu trabalho como pesquisadora.

Em 1973 voltei a ser professora nos Cursos de Letras da UFBA., o que se interrompera em 1962.

Instituídos na UFBA., em 1973, como já referido, os cursos de *Recuperação* em Português, Matemática, Física e Química, para vestibulandos aprovados, mas considerados com *deficits* nessas matérias básicas, abriu-se o concurso para professores, em nível de *Auxiliar de Ensino*, com quatro vagas para a matéria Língua Portuguesa. Fui a primeira colocada e por ele também entraram no Departamento de Letras Vernáculas do IL-UFBA., para a equipe de Língua Portuguesa, os colegas Myrian Silva, Evandro Ubiratan e Maria da Conceição Paranhos (os dois últimos depois se transferiram, respectivamente, para a Faculdade de Educação e para o Setor de Literatura Brasileira do nosso Departamento), da qual já faziam parte Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Lúcia Sampaio Rollemberg, Suzana Cardoso e Jacyra Motta, todos sob a coordenação do Professor Nelson Rossi.

Como já se iniciava o primeiro semestre de 1973, fomos imediatamente contratados – o meu contrato se inicia a 23 de março – para começar as atividades nas dezesseis turmas do *Curso de Recuperação de Português* (LET 000), que atendia a estudantes das áreas III, IV e V da Universidade, sob a coordenação de Suzana Cardoso e Jacyra Motta.

Foram-me designadas quatro turmas e o objetivo da disciplina era, tal como no *Curso de Recuperação* da UNB e no curso dado ao PREMEM, antes referidos, aperfeiçoar o uso oral e escrito em português dos jovens universitários, que tinham uma segunda chance no semestre seguinte e, se não fossem nela aprovados, eram desligados da UFBa.

No segundo semestre de 1973, fui indicada pelo Professor Rossi para assumir uma turma na graduação em Letras, a par de três turmas do *Curso de Recuperação*, pelas quais fiquei responsável. Também nesse segundo semestre comecei a participar da pesquisa coletiva da equipe de Língua Portuguesa, que era o já referido Projeto NURC. Reintegrava-me assim à antiga equipe em que me iniciara no ensino e na pesquisa em 1962.

Do segundo semestre de 1973 até hoje sou professora da matéria Língua Portuguesa do D.L.V. do IL-UFBa., nos cursos de graduação, em regime de dedicação exclusiva (DE), a partir de setembro de 1974. Houve um breve intervalo, entre o segundo semestre de 1979 e fins de 1981, em que estive na UFRJ, pelo PICD-CAPES (Programa Institucional de Capacitação Docente), para as já referidas atividades de pós-doutoramento.

A primeira disciplina que ministrei à graduação, nesse retorno à UFBa., foi *A língua portuguesa no Brasil*, para os licenciandos. Ao significado dessa experiência já me referi, anteriormente; funcionou ela como o momento inicial de meu estudo sistemático sobre a formação histórica do português brasileiro, designação que se tornou corrente posteriormente, naquela altura sempre designado *português no Brasil*, seguindo Serafim da Silva Neto.

De 1974 em diante ministrei, como era rotina no grupo de professores de Língua Portuguesa, as disciplinas do *currículo mínimo* da matéria Língua Portuguesa na graduação e disciplinas complementares obrigatórias e optativas.

Nessa altura, diferentemente da experiência da minha formação na graduação, em que a orientação era, fundamentalmente, de natureza histórico-filológica, a estruturação desse

currículo mínimo se fundava em dois sentidos: um, na integração do ensino da língua portuguesa como *instrumento de comunicação*, nas suas várias formas de expressão – a disciplina I era *A língua portuguesa na comunicação de massas*, orientação, sem dúvida, trazida da experiência na UNB, momento em que se diversificaram e se expandiram no Brasil os *media* comunicativos e também porque, no ensino médio, a disciplina Língua Portuguesa passara a ser *Comunicação e expressão em língua portuguesa*; o outro, na análise estrutural fônica e mórfica do português, baseada, sobretudo, na obra estrutural-descritiva de J. Mattoso Câmara Jr. Além da primeira, as outras disciplinas do *currículo mínimo* de Língua Portuguesa eram, nesta ordem: *Fonologia do português*; *Fonologia diacrônica do português*; *Morfossintaxe sincrônica* e *Morfossintaxe diacrônica*, todas com embasamento estruturalista.

Passara-se, assim, ao longo da década de sessenta, uma reorientação teórica e metodológica no âmbito do ensino de português na graduação do IL-UFBa., fruto, é claro, das mudanças que ocorreram nessa época, como procurei mostrar em 2 da *segunda parte* deste *Memorial*: da orientação filológica para uma orientação nas direções apontadas pela chamada *Linguística Moderna* que aportara no Brasil só pelos anos sessenta, como já foi referido.

Nas disciplinas complementares obrigatórias e nas optativas, sobretudo nessas últimas, havia outras possibilidades de escolhas, em que predominavam, como até hoje predominam, disciplinas relacionadas à Dialectologia, orientação de pesquisa mais antiga do grupo – relembro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e, em seguida, o *Atlas Lingüístico de Sergipe*, na década de sessenta, do qual não participei por estar fora – e à Sociolingüística, vinculadas ao novo *projeto coletivo* do grupo, o NURC, iniciado em 1969. Era, portanto, e ainda é, nessas disciplinas que o grupo de professores de Língua Portuguesa busca integrar a pesquisa que faz ao ensino formativo da graduação.

Nos meados dos anos oitenta foi feita uma reformulação do *currículo mínimo* de Língua Portuguesa, sobretudo, a meu ver, para melhor adaptar-se à formação dos estudantes de licenciatura para a sua futura prática como professores de português no ensino de 1º. e 2º. graus. Nessa altura, nesses níveis de ensino, voltara a designação antiga *Língua Portuguesa* para o que na década anterior fora batizado como *Comunicação e expressão em língua portuguesa*. Nesse tempo, também, cada vez mais se tomava consciência de que os estudantes que chegavam para a licenciatura em Letras não mais dominavam, na sua maioria, a análise

básica gramatical, de cunho tradicional, que antes parecia ser assimilada ao longo das classes escolares de 1º. e 2º. graus.

O *currículo mínimo* da matéria Língua Portuguesa da graduação passou a ter, como disciplina inicial básica *Introdução ao estudo científico da língua portuguesa*, em que se revê, no contexto da diversidade lingüística do português, a tradição normativa e a análise gramatical tradicional. As três outras disciplinas que o compõem não mais partem da *Fonologia do português*, como antes, mas da sintaxe para a morfologia e a quarta e última é a análise fonológica. Diferença fundamental também dessa reformulação, em relação à anterior, é o fato de não mais serem dadas disciplinas diacrônicas no *currículo mínimo*. Para duas de 60 horas, a fonologia e a morfossintaxe diacrônicas, passou-se a oferecer apenas *Diacronia do português I*, com 75 horas, como complementar obrigatória para os licenciandos em Vernáculas. A razão dessa mudança se fundou no fato de que, para a formação dos licenciandos, futuros professores de 1º. e 2º. graus, não havia funcionalidade em investir tantas horas do exíguo currículo mínimo nos estudos histórico-diacrônicos, embora já então as pesquisas histórico-diacrônicas estivessem voltando à cena da Lingüística brasileira, como procurei mostrar em 2 desta *Segunda parte do Memorial*.

Fui encarregada de reformular as duas disciplinas diacrônicas do *currículo mínimo* antigo, em uma única, compactada em 75 horas, disciplina que, recorrentemente, venho ministrando, a par de outras da graduação; e formular duas outras optativas de caráter diacrônico (*Diacronia do português II e III*). Só neste 1º. semestre de 1999 a *Diacronia II* começou a ser oferecida. Nunca foram oferecidas antes essas duas disciplinas por privilegiar-se, por razões de funcionalidade pedagógica, as disciplinas optativas sincrônicas no âmbito da *Dialectologia* e da *Sociolingüística* e, ultimamente, também da *Análise Textual*, transfrástica, reflexo, sem dúvida, não só das necessidades práticas para a formação do professor de nível médio, como também das orientações que começam a predominar nos estudos lingüísticos brasileiros, direcionando-se para os estudos de natureza discursiva.

Será na minha atividade docente na pós-graduação que me centrarei, embora não exclusivamente, em disciplinas histórico-diacrônicas e em que tenho podido melhor integrar ensino e pesquisa.

Em 1976, iniciado o Curso de Mestrado em Letras no IL-UFBa., fui credenciada para uma das três áreas de concentração em que o Curso foi estruturado – a de *Língua Portuguesa*; as outras eram *Linguística* e *Teoria da Literatura*. Esse formato perdurou até inícios de 1990, quando foi reformulado em duas macro-áreas, *Estudos Linguísticos* e *Estudos Literários*. A primeira, com três áreas – *Língua Portuguesa*, *Linguística* e *Filologia Românica*. Em 1995 se processou a reestruturação do *Curso de Mestrado em Letras* no *Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística* (PPGLL), em três níveis – *Especialização*, *Mestrado* e *Doutorado*, organizado em três áreas de concentração – *Linguística Histórica*, *Linguística Teórica e Aplicada* e *Teorias e Crítica da Literatura*, cada uma delas com suas respectivas linhas de pesquisa.

Nesses três formatos, ao longo desses vinte e dois anos de existência da pós-graduação no IL-UFBa., ministrei disciplinas, ininterruptamente, a par do ensino constante na graduação, cabendo sempre a mim entre oito e dez horas semanais em sala de aula. Avaliarei as minhas atividades docentes na pós-graduação, considerando os três formatos por que percorreu, no IL-UFBa., a sua pós-graduação.

No primeiro formato, a área de *Língua Portuguesa*, conduzida pelo Professor Nelson Rossi, oferecia como disciplinas obrigatórias: *Fonologia do português*; *Diacronia do português*; *Dialectologia e Metodologia dos estudos dialetais*. Essa estruturação curricular refletia a formação dos professores credenciados e a orientação de pesquisa que desenvolviam sobre a língua portuguesa: Professor Rossi, responsável pelas duas disciplinas no âmbito da Dialectologia (entendida como rural e urbana); Myrian Silva, pela Fonologia, que fizera seu Mestrado e veio a fazer seu Doutorado nesse campo; e eu, pela Diacronia, pelas razões já largamente expostas neste *Memorial*.

Como já tive oportunidade de explicitar, foi nesse momento, 1977, e motivada pela disciplina por que era responsável que, para além da história da língua portuguesa, em que desde longa data (1961) começara a me especializar, me iniciei nos estudos teóricos sobre a variação e a mudança linguística, campo da Linguística Histórica. É então que registro formalmente, como a minha linha de pesquisa, no Curso de Mestrado, a *Morfossintaxe do português arcaico*, uma vez que cada professor credenciado deveria ter uma linha de pesquisa formalmente inscrita.

Logo no segundo semestre de 1979 e até fins de 1981 estive em pós-doutoramento na UFRJ. Nesse tempo compuseram o corpo docente da *área Língua Portuguesa* o Professor Rossi e Raquel Fiad Salek, contratada pela UFBA., porque também Myrian Silva saiu para doutorar-se na UFRJ. Na minha volta e na de Myrian Silva, um pouco depois, Professor Rossi propôs uma reformulação no interior das disciplinas obrigatórias da área, que passaram a ser: *Fonologia, Sintaxe, Dialectologia* e *Diacronia*, todas referentes à língua portuguesa, previstas, respectivamente, para Myrian Silva, Raquel Salek, Professor Rossi e para mim. Contudo logo Raquel Salek se transferiu para a UNICAMP e coube a mim a disciplina *Sintaxe*, além da *Diacronia*. Nessa altura, também fiquei responsável pela representação da área Língua Portuguesa no Colegiado do Mestrado, o que perdurou de 1982 a 1988, em substituição ao Professor Nelson Rossi. Entre 1982 e 1986 fui também a vice-coordenadora do Curso de Mestrado em Letras.

A responsabilidade por uma disciplina de *Sintaxe*, a nível de pós-graduação, foi, sem dúvida, um desafio inesperado, mas exigiu que eu mergulhasse no que se vinha publicando sobre teoria sintática, tanto no campo do gerativismo como de outras orientações, sobretudo porque, nessa altura, muita bibliografia renovada começou a surgir sobre estudos sintáticos da língua portuguesa. Procurei, nessa disciplina, oferecida ao longo dos anos oitenta, orientar meus cursos, combinando uma direção teórica a uma direção aplicada à sintaxe do português, com base nas publicações de que pude dispor e conjugando isso à minha experiência prática adquirida na análise da morfossintaxe e sintaxe do *corpus* trecentista, que nessa altura já estava concluída. Investi também bastante nas leituras do que os sociolinguistas no Brasil vinham pesquisando e publicando, sobre a variável sintaxe do português brasileiro.

Em 1985 o Professor Nelson Rossi se aposentou, como já referido, e, na disciplina de *Dialectologia*, foi substituído por Suzana Cardoso, ficando assim ela, Myrian Silva e eu, as responsáveis pela *área de Língua Portuguesa* no C.M.L. A partir de 1988, a representação da área no Colegiado da pós-graduação ficou com Suzana Cardoso e depois com Myrian Silva, retomando eu essa função em 1994.

No *segundo formato* do C.M.L que, sem dúvida, foi um breve período de transição que se situa entre 1990 e 1995, a área de *Língua Portuguesa* da *macro-área Estudos*

Lingüísticos passou a oferecer como disciplinas obrigatórias: *Fonologia do português; Lingüística Histórica aplicada ao português; Sociolingüística aplicada ao português; Teorias e métodos na Dialectologia e na Sociolingüística.*

Fiquei responsável pela *Lingüística Histórica* e pela *Sociolingüística aplicadas ao português*. Na minha compreensão – já ordenada neste sentido desde, pelos menos, 1987, quando, pela primeira vez a externei no estudo, já referido, *Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Lingüística Histórica no Brasil* – tanto os estudos de mudança histórica como os de variação sincrônica, que cabiam nas duas disciplinas referidas, pertencem ao campo da Lingüística Histórica. Assim, no trabalho dessas duas disciplinas, convergiram dois aspectos interligados na compreensão histórica da língua portuguesa. Cabe lembrar que, ao longo da década de oitenta (1982-1991), as duas linhas de pesquisa que tinha formalmente credenciadas na pós-graduação eram *Variação e mudança no português arcaico* e *Diversidade lingüística brasileira e política de ensino*. Estavam elas integradas ao que desenvolvia nas atividades docentes na pós-graduação. Como antes relatei (cf. 3 desta *Segunda parte*), a partir de 1991 defini uma linha de pesquisa única e abrangente designada de *Constituição histórica da língua portuguesa*.

No *terceiro formato*, que está em curso desde 1996, reformulado o Curso de Mestrado em Letras no *Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística* (PPGLL), com seleção anual, diferentemente dos anteriores com seleção de dois em dois anos, estou credenciada na área de *Lingüística Histórica*. Nela sou responsável por uma das três linhas da área, a acima referida, tendo como par a professora doutora Ilza Ribeiro, da UEFS e FACS, com credenciamento pleno no PPGLL e, no Colegiado do *Programa*, sou a representante dessa linha de pesquisa, desde a sua organização. As duas outras linhas da área são: *Diversidade lingüística do Brasil*, que envolve Dialectologia e Sociolingüística, que estão com Suzana Cardoso, Myrian Silva, Jacyra Motta e Iracema Luíza de Souza, todas do Setor de Língua Portuguesa do IL-UFBa. e *Mudanças lingüísticas na România*, sob a responsabilidade dos professores do Setor de Filologia Românica.

Nesse *terceiro formato* sou responsável pelas três disciplinas obrigatórias para os Mestrandos e opcionais para os Doutorandos na linha de pesquisa *Constituição histórica da língua portuguesa: A língua portuguesa das origens ao período arcaico; Mudanças*

morfofossintáticas e sintáticas na história do português e A constituição histórica do português brasileiro. Todas elas, portanto, no âmbito da *Linguística Histórica* no seu sentido estrito, ou seja, o estudo do fazer-se da língua portuguesa ao longo do seu tempo histórico.

Além dessas disciplinas que têm sido ministradas cada uma, nos semestres sucessivos, por mim, fiquei encarregada de coordenar os *Seminários Avançados III* do Doutorado, para as duas áreas de linguística do Programa – *Linguística Histórica e Linguística Teórica e Aplicada*. Nos três anos – 1996, 1997 e 1998 – planejei um Seminário com a temática que trata de teorias e métodos conviventes na Linguística Contemporânea, a fim de abarcar os interesses diversificados dos Doutorandos e de debater a pluralidade teórica nos estudos linguísticos desta segunda metade do século XX. Para isso tenho convidado professores visitantes do exterior e de outras universidades brasileiras, especialistas em campos diversificados da Linguística, sem excluir os professores do PPGLL. Até o momento estiveram conosco nesses Seminários, ministrando módulos de 15 horas-aula, pela ordem cronológica: Anthony Kroch, da Pennsylvania; Ataliba de Castilho, da USP (em dois semestres); Dinah Callou, da UFRJ; Mary Kato, da UNICAMP; Alan Baxter, de La Trobe, Austrália; Ana Maria Martins, de Lisboa e, do PPGLL, Ilza Ribeiro e Elizabeth Reis Texeira, além de mim, encarregada de um módulo abrangente de cobertura ou de “costura” do debate sobre o objeto plural da Linguística da atualidade.

Considerarei ainda como parte de minha trajetória docente as orientações de dissertações de Mestrado, atividade a que me dedico, desde fins da década de setenta, e de teses de Doutorado, atividade iniciada a partir de 1996, quando instaurado o Doutorado em Letras no IL-UFBa., como antes referido.

A primeira dissertação de Mestrado que orientei foi a de Ana Maria Luz, professora de *Metodologia do português*, no Mestrado de Educação da Faculdade de Educação da UFBa., que se iniciou antes do Curso de Mestrado em Letras. Quanto às dissertações orientadas em nosso Mestrado, vou agrupá-las em dois momentos: o primeiro que compreende os fins dos anos setenta aos finais de oitenta e o segundo, daí por diante.

No primeiro momento, interrompido entre 1979 e 1981, quando estive na UFRJ, orientei cinco dissertações concluídas; pela ordem cronológica foram os Mestrandos: Maria

Célia Nobre, Cid Seixas, Sônia Borba Costa, América Lúcia Santos e Lícia Creusa Portella e mais duas iniciadas, uma a de Emília Helena Monteiro, transferida para Raquel Salek, por causa da minha viagem para o Rio de Janeiro e outra, já avançada, quando a Mestranda desistiu, por razões de ordem familiar. Nessa altura minha linha de pesquisa no C.M.L. era *Morfossintaxe do português arcaico*, depois *Variação e mudança no português arcaico*, mas, nenhuma dessas dissertações do *primeiro momento* estava nessas linhas de caráter histórico-diacrônico, trataram elas ou de problemas sincrônicos do português brasileiro ou de questões de natureza mais teórica. Só nos fins dos anos oitenta é que Mestrandos vieram a se motivar para fazerem trabalhos dentro da minha orientação pessoal de pesquisa, como já antes referido.

No que chamei de *segundo momento* é que vieram a surgir dissertações no âmbito da *Linguística Histórica*, nas linhas *Variação e mudança no português arcaico*, depois *Constituição histórica da língua portuguesa*. Pela ordem cronológica, foram as de: Maria do Socorro Netto, Sílvia Rita Olinda, Therezinha Barreto, Tânia Lobo, Dante Lucchesi, Zenaide Carneiro, Perminio Ferreira, Anna Maria Nolasco e Iraneide Fernandes. Em andamento, as de Sílvia Santos Silva e Américo Venâncio Filho.

Dessas dissertações, as de Tânia Lobo e Dante Lucchesi foram defendidas no Mestrado em Linguística Histórica da Universidade de Lisboa, por razões já explicitadas antes neste *Memorial*.

Tenho hoje a satisfação e alegria de ter vários desses antigos Mestrandos como meus colegas no Setor de língua Portuguesa do IL-UFBa. Pela ordem cronológica de entrada, são eles: Sônia Borba Costa, Therezinha Barreto, Maria do Socorro Netto, América César Santos, Tânia Lobo, Dante Lucchesi, Anna Maria Nolasco, todos em processo de Doutorado, na UFBa. e em outras universidades brasileiras.

A partir de 1996 me iniciei na orientação de teses de doutoramento, na linha de pesquisa *Constituição histórica da língua portuguesa* e minhas primeiras doutorandas são Therezinha Barreto e Rosauta Poggio, ambas trabalhando sobre questões de *gramaticalização* na história do português. A primeira centrada nas *conjunções*, do período arcaico para a atualidade, e a segunda, nas *preposições*, do latim para o português. Em início de

doutoramento se encontram Sônia Borba Costa e Anna Maria Nolasco, que trabalharão sobre *gramaticalização* numa perspectiva diacrônica, a primeira com *advérbios e locuções adverbiais*, do período arcaico para a atualidade, e a segunda com as *locuções prepositivas* no português em comparação com o galego, no período medieval e contemporâneo.

Esse conjunto de orientações perfaz um total de quinze dissertações concluídas e aprovadas e duas em andamento e quatro teses, duas entregue para julgamento e duas em início. Provavelmente o total teria sido maior se a nossa pós-graduação, durante os seus primeiros vinte anos, tivesse tido seleção anual.

Com a convergência de dissertações e teses para questões histórico-diacrônicas, centradas na língua portuguesa, dispomos hoje de um conjunto de trabalhos que considero significativo para o conhecimento do português numa perspectiva histórica, de divulgação restrita, contudo, pelo fato de, em geral, não estarem publicados. Das dissertações que orientei se transformaram em livro a de Cid Seixas (*O espelho de Narciso. A linguagem como ideologia no idealismo e no marxismo*) e a de Sônia Borba Costa (*O aspecto em português. Reflexões a partir de um fragmento do corpus do Projeto NURC*), ambas do que chamei primeiro momento e do segundo, apenas a de Dante Lucchesi (*Sistema, mudança e linguagem. Um percurso da Lingüística neste século*).

Esse meu trabalho com orientações de dissertações e agora também teses tem me envolvido ao longo desses vinte anos na pós-graduação. Tem sido um trabalho sempre prazeroso, por sentir estar podendo ajudar a outros a realizarem seus projetos pessoais de pesquisa, mas, sem dúvida, também oneroso, porque tenho a consciência de não ser uma orientadora neutra e impessoal, envolvendo-me sempre não só intelectual, mas emocionalmente também, com os caminhos percorridos por meus orientandos no decurso do desenvolvimento de seus trabalhos.

Considerarei ainda como atividade docente na pós-graduação as *bancas* de avaliação de dissertações e teses de que tive oportunidade de participar.

Além daquelas em que fui *membro nato*, como orientadora, julguei um total de dezessete dissertações de Mestrado, quatro delas fora da nossa pós-graduação: as já citadas de

Dante Lucchesi e Tânia Lobo, como orientadora, na Universidade de Lisboa e ainda nessa Universidade a de Luís Prista (*Para a edição do guia de Portugal*), orientada pelo Professor Ivo Castro, em 1993; e a de Maria José Carvalho (*Do português arcaico para o moderno*), como “argüente”, na Universidade de Coimbra, orientada pela Professora Maria Clarinda de Azevedo Maia, em 1996.

Participei das bancas de doutoramento de José Lemos Monteiro (*Os pronomes pessoais no português do Brasil*), na UFRJ em 1991, orientada por Dinah Callou e a de Ilza Ribeiro (*A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*), na UNICAMP, orientada por Charlotte Galves. Participei ainda das bancas de qualificação para doutorado de Afrânio Gonçalves, na UFRJ em 1997 e, em 1998, no PPGLL-UFBa., nas de Therezinha Barreto e Rosauta Poggio, na condição de orientadora.

Considerarei, em seguida, também como atividade docente, as bancas de seleção para a pós-graduação de que participei no Curso de Mestrado em Letras para a área Língua Portuguesa do IL-UFBa. nos anos de 1975, 1977, 1983, 1989 e no Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística do IL-UFBa., para a área de Lingüística Histórica, tanto para o nível de Mestrado como de Doutorado, nas seleções de 1995, 1996 e 1998.

Além dessas atividades docentes, sobretudo concentradas, mas não exclusivamente como visto, na pós-graduação do IL-UFBa., tive a oportunidade de ministrar alguns cursos, a nível de pós-graduação, em outras universidades, sempre no âmbito das minhas linhas de pesquisa.

Na UFRJ, durante o pós-doutoramento, no primeiro semestre de 1980, ministrei um curso completo de quinze seminários para o doutorado, a convite do Professor Celso Cunha – *A prosa medieval portuguesa*. Nesse tempo, participei de parte dos cursos ministrados pelo referido professor: no segundo semestre de 1980, cinco seminários no Curso *Escripologia e edições críticas*; no primeiro semestre de 1981, para o Mestrado, cinco seminários no Curso *A língua da poesia trovadoresca*; no segundo semestre de 1981, cinco seminários no Curso *Primitiva prosa medieval*. Essas atividades docentes se vincularam a minha experiência de pesquisa descrita anteriormente, neste Memorial, como primeiro e segundo traçados da trajetória de pesquisa.

Terceira parte: outras atividades várias

Em março-abril de 1993, ministrei no Mestrado em Linguística e Educação da Universidade de Lisboa, um curso de 30h – *O papel da escola perante a norma*, que deu origem ao livro *Contradições no ensino do português* (1995), por convite do professor Ivo Castro, vinculado o tema do curso à minha linha de pesquisa *Diversidade lingüística brasileira e política de ensino do português*, meu quarto traçado na trajetória de pesquisa.

Em junho de 1996, por convite de Dinah Callou, na UFRJ, ministrei um módulo de quinze horas na disciplina *História da língua portuguesa*, para Mestrandos e Doutorandos sobre o tema *O estudo da língua portuguesa no tempo real de longa duração: onde lingüística e filologia se encontram*, curso vinculado às atividades do Programa para a história da língua portuguesa e, portanto, ao meu sexto traçado na trajetória de pesquisa.

Espero ter espelhado nessa avaliação da minha trajetória docente na universidade – descontinua entre 1962 e 1972 e contínua e concentrada no IL-UFBa. de 1973 até hoje na graduação e, a partir de 1976, convivendo com as atividades de pós-graduação – a integração possível entre as direções da pesquisa e o ensino nos dois níveis, o que se faz mais inteiramente no nível da pós-graduação. Essas atividades, na medida do possível interrelacionadas, se constituem em um processo permanente de inter-alimentação, uma vez que a pesquisa do professor enriquece e fundamenta o seu ensino e o convívio na sala de aula é fonte permanente de enriquecimento e acuidade, já que as questões postas pelos estudantes, mesmo muitas daquelas que parecem improcedentes, são fontes para novas reflexões.

Acabo, aliás, esta *Segunda parte*, retomando o diálogo com que comecei este *Memorial* e posso imaginar que, quando fiz, em 1959, aquela pergunta ao Professor Rossi, reviu ele, pacientemente, o que tinha exposto, para tornar mais convincentes para uma aluna, provavelmente desatenta, os argumentos que desejava transmitir.

Terceira parte: outras atividades várias

1 Explicação

Os trabalhos acadêmico-universitários nos planejamentos institucionais prevêm, como sabido, atividades docentes, de pesquisa, de extensão e de administração. Tenho plena consciência de que, nesses quase vinte e seis anos seguidos, como docente no Instituto de Letras da UFBA., minhas atividades se concentraram no ensino, na pesquisa e na produção dela conseqüente, como pode ser claramente avaliado neste *Memorial*.

Tenho, contudo, realizado outras atividades de vária natureza que apresentarei nesta *Terceira parte*, organizada nos seguintes tópicos: *Atividades administrativas* (2); *Representações acadêmicas* (3); *Comissões acadêmicas* (4); *Comissões editoriais* (5); *Consultorias* (6); *Participação em associações científicas* (7); *Participação em associação sindical* (8). Conferências, palestras, seminários, coordenação e participação em Mesas redondas, comunicações a congressos, no âmbito da minha especialidade e em instâncias fora da minha especialidade, estão arrolados, cronologicamente, no *Curriculum Vitae* que acompanha este *Memorial*.

2 Atividades administrativas

Tive a oportunidade de poder concentrar minhas atividades na UFBA., no ensino contínuo na graduação e na pós-graduação, também na pesquisa, como circunstanciadamente relatado e avaliado na *Segunda parte* deste *Memorial*. Não tenho perfil nem estrutura para dirigir, presidir, administrar, mandar. Assim procurei desdobrar-me no ensino e na pesquisa, atividades em que, por escolha consciente e possível, se concentraram os meus trabalhos na UFBA.

Entretanto assumi, durante duas gestões sucessivas, a vice-coordenação do Curso de Mestrado em Letras: do segundo semestre de 1982 a 1984, quando coordenava o Mestrado a professora Celina Scheinowitz e do segundo semestre de 1984 a 1986, sendo coordenadora a professora Evelina Hoisel.

Avalio essa minha atividade não apenas como substituta eventual do Coordenador, mas como um trabalho quotidiano a quatro mãos em que, a fundo, me envolvi nas questões relativas à pós-graduação no IL-UFBA. Nessa altura nos empenhamos em implementar e fazer criar raízes a *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, que estava nos seus inícios e sofria, como ainda sofre, das dificuldades financeiras que prejudicam a periodicidade necessária à manutenção das publicações académicas. A *Revista Estudos*, que começou a ser planejada em 1982, teve o seu primeiro número publicado em 1984 e mantém-se, apesar das dificuldades referidas, já no vigésimo número, sem descontinuidade, o que, posso avaliar, é raro em publicações desse género, sobretudo na área de Letras, em que testemunhamos o nascer e morrer de muitos periódicos especializados. Desde o seu segundo número, também de 1984, faço parte da *Comissão editorial da Revista*, que busca veicular, principalmente, a produção docente do IL-UFBA.

Na gestão da professora Celina Scheinowitz, planeamos os *Seminários Livres de Pesquisa*, atividade não-obrigatória, organizada semestralmente, pensada como espaço de divulgação e debate do que se produzia no IL-UFBA. Esses *Seminários* ficaram sob minha responsabilidade e se realizaram enquanto estive na vice-coordenação do C.M.L. Considero essa uma atividade significativa, como tentativa de “quebrar os muros” de intercomunicação entre os vários setores dos quatro departamentos que compõem o IL-UFBA. e de possibilitar o inter-conhecimento do que se realizava no seu interior.

Outra atividade de carácter administrativo, de natureza estruturalmente secundária, foi a coordenação do Setor de Língua Portuguesa, que assumi entre julho de 1993 e fevereiro de 1995. Essa é uma tarefa de rodízio entre os professores do Setor, instituída no interior do Departamento de Letras Vernáculas, sem papel decisório, daí considerá-la estruturalmente secundária, com a finalidade de propor o planeamento académico semestral e de discutir questões relacionadas ao desenvolvimento dos trabalhos, sobretudo docentes, da matéria Língua Portuguesa.

3 Representações académicas

Em instâncias externas ao IL-UFBA., representei, como suplente eleita, o Instituto de Letras no *Conselho de Coordenação da UFBA.*, entre 1985 e 1989. Sendo eu suplente da

titular Suzana Cardoso, de conhecida e reconhecida presença e atuação, apenas a substituí nas suas férias regulares, nesses anos referidos.

Em instâncias internas ao IL-UFBa., fui eleita representante dos Professores Adjuntos na *Congregação* do Instituto de Letras, entre 1990 e 1994 e, nela, também representante eleita do Departamento de Letras Vernáculas nos anos de 1995 e 1996. Nesses seis anos de membro participante da Congregação do IL-UFBa., tive, como Diretores, os professores Suzana Longo Sampaio e Aurélio Lacerda.

Eleita para o *Colegiado do Curso de Mestrado em Letras*, fui nele representante da área Língua Portuguesa, de 1982 a 1988 e depois, novamente eleita para esse Colegiado em 1994, fui, nesse ano, representante da ainda área de Língua Portuguesa da macro-área de Estudos Lingüísticos e, a partir de fins de 1995, no *Programa de pós-graduação em Letras e Lingüística*, até o momento, responsável pela linha de pesquisa *Constituição histórica da língua portuguesa*, da área de Lingüística Histórica. Nesse Colegiado tive por coordenadores, por ordem cronológica, as professoras Celina Scheinowitz, Evelina Hoisel, Serafina Pondé, Elizabeth Hazin e Célia Telles.

Assim sendo, desde 1982 tenho tido atividades de representação no interior do IL-UFBa., cumprindo nelas as tarefas que a mim couberam.

4 Comissões acadêmicas

Considerarei neste item apenas as *Comissões* que avaliei como relevantes para este *Memorial*, excluindo as múltiplas comissões do cotidiano da universidade, decorrentes das exigências da burocracia acadêmica, tanto na esfera do Departamento de Letras Vernáculas, como na do Colegiado da pós-graduação.

Como *comissão externa* ao IL-UFBa., destaco a minha atividade como membro da *Comissão de Avaliação da Pós-graduação da CAPES-MEC* para a área de Letras. Esse trabalho se desenvolveu durante cinco anos – 1985 a 1989; para ele fui indicada pelos pares da pós-graduação em Letras no Brasil, primeiro por dois anos e depois por mais três anos.

Nela participei tanto das reuniões gerais de avaliação em Brasília, como acompanhei vários processos vinculados a essa atividade.

No interior do IL-UFBa., no âmbito da pós-graduação, fui indicada pelo seu Colegiado, em fins de 1982, para participar da *Comissão para o credenciamento* do Curso de Mestrado em Letras no sistema nacional de pós-graduação, já que estava ele até aquele momento sem o reconhecimento da CAPES, considerado em fase de implantação, iniciado que foi em 1976. O credenciamento inicial ocorreu durante a coordenação da professora Celina Scheinowitz. Cinco anos depois, em 1987, sendo necessário, conforme as regras da CAPES-MEC, o recredenciamento do C.M.L., fui, mais uma vez, indicada pelo Colegiado para compor a *Comissão de recredenciamento*, sendo Coordenadora do Curso, nessa altura, a professora Serafina Pondé. Obtivemos o credenciamento com avaliação B e o recredenciamento com avaliação A, o que indicou, nesse período, o crescimento e a qualidade do C.M.L.

Avalio que foi na década de oitenta que estive mais envolvida com questões externas relativas à pós-graduação na área de Letras.

Outra Comissão significativa, que aqui destaco, foi a organizada em 1985, no interior do Instituto de Letras, da qual participaram representantes de professores, funcionários e estudantes para a elaboração de uma *Exposição de motivos ao Ministério da Educação* sobre a precária situação das instalações do Instituto de Letras no velho, mas querido, prédio da Avenida Joana Angélica. Necessitava ele de reformas estruturais para não ameaçar a grande comunidade que por ali circulava, o que veio a culminar com o acontecimento de setembro de 1986, que atingiu fisicamente e quase fatalmente uma estudante, o que levou a comunidade de Letras a alojar-se na Biblioteca Central da UFBa., até 1991, quando ficou pronto o “prédio novo”, no qual, a partir de então, estamos. Nesse processo, publicamente conhecido, de transferência física do Instituto de Letras estive profundamente envolvida e cheguei a escrever uma *Carta Aberta ao Ministro da Educação Jorge Bornhausen*, publicada no periódico *A Tarde* em 24 de setembro de 1986.

5 Comissões editoriais

Esse tipo de atividade venho exercendo desde 1984, como membro de *Comissões de periódicos especializados* locais, nacionais e estrangeiro. Atividade que talvez possa ser considerada de extensão universitária. Tratarei aqui, em ordem cronológica, dessas comissões de que tenho participado, considerando primeiro os periódicos locais, depois os nacionais e o estrangeiro.

Periódicos locais:

A primeira Comissão Editorial de que participei foi a da *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, periódico, como já referido, da nossa pós-graduação e do IL-UFBa. Nela participo desde o seu segundo número, quando ainda era editora a professora Heliana Simões, seguida pela professora Celina Scheinowitz que, à frente da *Revista*, permaneceu até o número 20 de 1998. Nessa *Revista* que tem números *temáticos* e números *abertos*, propus os *números temáticos* 7 (1998), sobre *Literatura oral e popular*, linha de pesquisa que se desenvolve no DLV-IL-UFBa. e o número temático 11 (1991), sobre o Projeto NURC, pesquisa que também se desenvolve no DLV-IL-UFBa.; organizei a parte lingüística do *número temático* 13 (1992), sobre os 500 anos da descoberta da América e me responsabilizei, organizando-o, o *número temático* 19 (1997) sobre *Lingüística Histórica e história da língua portuguesa*, com trabalhos elaborados por colaboradores estrangeiros, nacionais e locais, estes do *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR).

Entre 1985 e 1998 pertenci ao *Conselho Editorial e Didático da UFBa.*, quando era sua presidente a professora Eliane Azevedo, na condição de Vice-reitora, durante a gestão do Reitor Germano Tabacof. Nesse *Conselho Editorial* representava a área IV da UFBa., ou seja, a de Letras. Nele participei também da *Comissão Editorial da Revista Universitas*, periódico da UFBa., iniciado em começos da década de setenta e que deixou de circular depois de 1988.

De 1992 a 1995 participei da *Comissão Editorial dos Cadernos CRH*, do centro de Recursos Humanos da UFBa., vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, quando era sua editora a professora Inaiá Carvalho.

De 1995 até o momento, participo da *Comissão Editorial da Revista Quinto Império, Revista de cultura e de literaturas de língua portuguesa*, por indicação do seu editor, professor José Carlos Sant'ana, periódico publicado pelo Gabinete Português de Leitura de Salvador.

Entre 1992 e 1995, circulou o *Jornal Universitário da UFBA.*, realizado na esfera da Pró-reitoria de extensão da UFBA. Perdurou enquanto foram pró-reitores de Extensão os professores Pasqualino Magnavita e Armindo Bião, nos reitorados de Eliane Azevedo e Felipe Serpa, enquanto *pro-tempore*. Nessa Comissão participava como representante dos professores.

Periódicos nacionais:

De 1984 a 1986 pertenci ao *Conselho Editorial da Revista Ciência e Cultura*, periódico oficial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), por indicação do sociólogo e professor José Albertino Rodrigues, então Vice-presidente dessa associação científica nacional.

De 1991 até o momento, participo do *Conselho Editorial da Revista D.E.L.T.A.*, periódico da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), publicada em S. Paulo, por indicação do professor Fernando Tarallo, um dos fundadores da revista.

A partir de 1993, faço parte do *Conselho Consultivo* do periódico *Cadernos Pedagógicos e Culturais* do Centro Educacional de Niterói, por indicação de seu editor, professor Alencar Guimarães Lima.

De 1996, ano da sua criação, até o momento, participo do *Conselho Editorial da Revista de Filologia e Lingüística Portuguesa* de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a convite de sua editora, a professora Ieda Maria Alves.

A partir de 1997, ano de sua criação, participo do *Conselho Editorial da Revista Scripta* do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-

brasileiros da PUC-Minas Gerais, a convite de sua editora, a professora Lélia Parreira Duarte. Neste ano fui convidada pelo professor José Carlos Santana para participar do *Conselho Consultivo da Quarteto Editora*, recente editora e distribuidora de livros de Salvador.

Periódico estrangeiro: em dar pareceres especializados para as solicitações de vários tipos encaminhadas ao CNPq que estejam relacionadas a meu campo de pesquisa, projetos

Em fins de 1988 o professor Luis Felipe Lindley Cintra me convidou para participar em Lisboa de um Seminário Internacional com o objetivo de criar uma revista, financiada pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa. No ano seguinte saía o primeiro número da *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (RILP), publicada em Lisboa e dirigida por Maria Helena Mira Mateus, com um *Conselho Editorial* em que participam representantes de Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e Brasil. Representando o Brasil, estamos o Professor Ataliba de Castilho e eu. A RILP está em seu número 17 (1997) e através dela tenho tido a oportunidade de fazer circular trabalhos no âmbito da Linguística sobre a língua portuguesa de autores brasileiros e também no campo das Literaturas de língua portuguesa.

Pesquisa: As atividades desenvolvidas nesses conselhos editoriais de que tenho participado têm sido de natureza diversificada. Destaco como *atividade atuante contínua* a participação na

Revista Estudos Lingüísticos e Literários, a partir de 1984 e na *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, a partir de 1988, em ambas tenho participado do planejamento e implementação de cada número; a atividade na *Revista D.E.L.T.A.*, a partir de 1991, tem sido no sentido de dar pareceres especializados sobre os trabalhos enviados para publicação; no trabalho no *Conselho Editorial e Didático da UFBA*. (1985-1988), efetivamente avaliávamos e decidíamos, em reuniões formais, o que se publicaria pelo CED-UFBA.; o trabalho no *Jornal Universitário* (1992) exigiu uma participação constante, com reuniões formais para a elaboração de cada número e envolvia problemas de política interna à UFBA.; nos *Cadernos CRH*, colaborei nas reuniões regulares de planejamento e avaliação de trabalhos para cada número. Nos outros cinco periódicos, a participação tem sido, sem dúvida, da natureza mais passiva e nominal.

Outra associação de minha especialidade a que pertencço é a *Associação Portuguesa de Linguística* (APL), de que sou sócia desde 1986, logo após a sua fundação por Maria Helena Mira Mateus. A filiação a esta Associação estrangeira tem me permitido estar mais

6 Consultorias

Como *pesquisador-bolsista* do CNPq, desde 1990, tenho uma atividade conseqüente à de bolsista, a de *consultor ad hoc* para processos da área de Lingüística. Esse trabalho de *consultor ad hoc* se concentra em dar pareceres especializados para as solicitações de vários tipos encaminhadas ao CNPq que estejam relacionadas a meu campo de pesquisa: projetos para bolsa-pesquisa; auxílio-viagem; projetos para auxílio integrado; acompanhamento de bolsistas no exterior.

Na CAPES, depois de ter participado da Comissão de Avaliação da Pós-graduação, entre 1985 e 1989 (cf. 4), tenho recebido, eventualmente, como *consultor ad hoc*, processos sobre cursos de pós-graduação na minha área, para emitir pareceres avaliativos.

Na *Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão* da UFBA. (FAPEX), a partir de 1993, tenho também sido solicitada, como *consultor ad hoc*, para emitir pareceres relacionados à minha área. Em fins de 1996 fui por ela indicada para participar da *Comissão para o Prêmio Pesquisador do Ano*, da UFBA., que seria, naquele ano, concedido à Área IV-Letras.

7 Participação em associações científicas

Em 1969, no II Congresso da Associação de Filologia e Lingüística da América Latina (ALFAL), fundou-se a Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN). Estando eu nesse Congresso, não só fiquei, desde então, sócia da ALFAL, como me tornei sócia fundadora da ABRALIN.

Na ABRALIN, além de sempre participar de seus congressos anuais, pertenci a seu Conselho, de 1985 a 1989, como membro eleito por meus pares e não como membro-nato, o que ocorre com os que foram seus presidentes. Desde 1991, como referido em 5, pertenço ao Conselho Editorial da *Revista D.E.L.T.A.*, periódico de nossa Associação.

Outra associação de minha especialidade a que pertenço é à *Associação Portuguesa de Lingüística* (APL), de que sou sócia desde 1986, logo após a sua fundação por Maria Helena Mira Mateus. A filiação a essa Associação estrangeira tem me permitido estar mais

informada sobre os desenvolvimentos da Lingüística em Portugal. Tendo sido por ela convidada a apresentar uma *Comunicação Convidada* no *Congresso Internacional sobre o português*, realizado em Lisboa em 1994 e, em 1995, para apresentar outra *Comunicação Convidada* no seu Congresso semestral, este realizado em Braga.

Outras associações a que pertenço, não diretamente ligadas à minha área, são a SBPC e a ABA.

Da SBPC sou sócia desde 1975, quando era a Sociedade para o Progresso da Ciência uma das primeiras trincheiras contra a Ditadura. Pertenci, como referido em 5, entre 1984 e 1986, ao Conselho Editorial da sua revista *Ciência e Cultura*. Tenho participado das atividades da SBPC, não só por considerá-la um forum respeitável de natureza não só científica, mas de natureza política e de política científica, essencial, à meu ver, no quadro sócio-político brasileiro, mas também porque, sendo a ABRALIN filiada à SBPC, em suas *Reuniões Anuais*, sempre ocorre o Congresso da ABRALIN.

Da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) sou sócia desde 1974, não só por considerar a Antropologia área significativamente afim à Lingüística, mas também porque motivada pelo meu *traçado* de pesquisa sobre o português de contacto na aldeia kamayurá do Alto-Xingu, como referido na *Terceira parte* deste *Memorial*. Além disso, desde os anos sessenta, por razões de ordem pessoal, tenho convivido permanentemente com a “questão indígena no Brasil”.

8 Participação em associação sindical

Embora seja este um *Memorial* acadêmico para concurso de professor titular da matéria Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, não posso deixar de registrar aqui que, desde 1977, sou sócia da Associação de Professores Universitários da Bahia (APUB), depois transformada em sindicato, filiado ao Sindicato Nacional de Docentes do Ensino Superior (ANDES).

Considero-me, nessa Associação, uma militante de base, participante constante do movimento em defesa da universidade pública e gratuita brasileira. Desde 1982, tenho

participado ativamente dos movimentos de greve, mesmo que, em muitos pontos, discordante dos encaminhamentos nacionais, por considerar esses momentos críticos como lugares de encontro para discussão e melhor compreensão do que se passa na política educacional do Brasil para o ensino em geral e, especificamente, para o Ensino Superior Público.

Como militante de base, nunca ocupei cargos nem posições em comandos de greve, mas sempre externei, publicamente, meus pontos de vista em reuniões e assembléias de natureza política, ao longo desses incertos anos para a Sociedade e para a Universidade brasileiras.

Fui, contudo, convidada a participar de alguns eventos organizados pela APUB que considero significativos na minha trajetória acadêmica e, assim, passo a nomeá-los: em julho de 1984 coordenei um debate sobre *Financiamento de Pesquisa*; em maio de 1986, participei da Mesa Redonda sobre *Democratização e Competência na Universidade Brasileira*; em 1990, no Seminário *Avaliação da Universidade*, apresentei em Mesa Redonda o tema: *Que UFBA.? Avaliação para quê?*. Também publiquei artigos sobre questões referentes à Universidade: em 1984, no *Jornal A Tarde* (8 de abril) – *Não apenas reestruturação da Universidade*; em 30 de junho desse mesmo ano – *Falência declarada ou falência imposta?*. Em 1985, no *Boletim APUB*, *O sistema de créditos – bom ou mau?*. Em 1987, na *Tribuna da Bahia* (21 de outubro) *Discute-se a universidade graças à eleição para Reitor*. Em 1989, *Que autonomia?* no *S.O.S Universidade*, publicado pela APUB naquele ano.

Apesar de ter concentrado meu percurso universitário no ensino graduado e pós-graduado, na pesquisa e sua conseqüente produção, considero que essas ***Outras atividades várias*** podem refletir a diversidade participativa em que estive envolvida, tanto no interior do Instituto de Letras e no interior da UFBA., como em instâncias externas de natureza acadêmico-científica, mas também de natureza acadêmico-política.

Além disso, nestes anos seguintes, tenho de levar avante quatro orientações de Doutorado em curso na minha linha de pesquisa e outras que venham a surgir nas próximas relações e três dissertações de Mestrado já iniciadas. Na linha de pesquisa referida, abocamo-se perspectivas interessantes, com a possibilidade de alargar o âmbito dos pesquisadores, com os Doutoramentos previstos para serem concluídos, a partir de 1999, de seis professores-

Perspectivas

Na última parte deste *Memorial* apontarei, de maneira sintética, o que vejo como *Perspectivas* de trabalho nos anos próximos. Com base nos *Relatos* lineares e cronológicos da *Primeira parte*, nas trajetórias interpretadas da *Segunda parte* e nas atividades variadas, enumeradas e avaliadas da *Terceira*, pinçarei *Perspectivas* possíveis de serem alcançadas.

Certamente continuarei nas minhas atividades sempre dominantes, ou seja, o ensino na graduação e na pós-graduação e a pesquisa e seus subseqüentes resultados.

Na *graduação* se esboçam no horizonte reformulações prováveis decorrentes dos novos *parâmetros curriculares* implementados pelo MEC, o que talvez leve a modificações no quadro das disciplinas regularmente oferecidas até o momento no âmbito da matéria Língua Portuguesa. Independente desses fatores externos, já neste primeiro semestre de 1999, passei a ministrar uma nova disciplina optativa, que nunca foi oferecida, embora do rol das disciplinas de Língua Portuguesa – *Diacronia do português II* – por solicitação dos licenciandos que se sentem hoje motivados por estudos histórico-diacrônicos, o que é novo no panorama da graduação, que, como referido (cf. 4 da *Segunda parte*), privilegiou, por serem mais funcionais para o ensino de 1º. e 2º. graus, as disciplinas de caráter sincrônico.

Na *pós-graduação*, reformulações já apontam também no horizonte, com as novas proposições do IV *Plano Nacional* para a pós-graduação, recentemente veiculado pela CAPES-MEC. Independente desses fatores externos, provavelmente continuarei com as disciplinas vinculadas à linha de pesquisa que me orienta – *Constituição histórica da língua portuguesa* e, se o Colegiado julgar conveniente, continuarei com a coordenação dos *Seminários Avançados III*, para o Doutorado, das áreas de Lingüística Histórica e Lingüística Teórica e Aplicada.

Além disso, nesses anos seguintes, tenho de levar avante quatro orientações de Doutorado em curso na minha linha de pesquisa e outras que venham a surgir nas próximas seleções e três dissertações de Mestrado já iniciadas. Na linha de pesquisa referida, esboçam-se perspectivas interessantes, com a possibilidade de alargar o âmbito dos orientadores, com os Doutoramentos previstos para serem concluídos, a partir de 1999, de seis professores-

pesquisadores do Grupo de Pesquisa que coordeno: Therezinha Barreto, Rosauta Poggio, Tânia Lobo, Dante Lucchesi, Sônia Borba Costa e Anna Maria Macedo, todos professores do IL-UFBa.

Dos projetos do Grupo de Pesquisa PROHPOR, até o fim de 1999, estaremos empenhados na conclusão do atual *Projeto Coletivo*, que deverá resultar em uma coletânea de estudos morfossintáticos e sintáticos do português quinhentista; nele estão envolvidos, além de mim, Ilza Ribeiro, Therezinha Barreto, Tânia Lobo, Sônia Borba Costa, Zenaide Carneiro e Anna Maria Macedo, com possibilidade, não formalizada, de publicação, como livro, na *Coleção Filologia*, coordenada pelo professor Ivo Castro, na IN-CM de Lisboa.

O projeto de um sub-grupo do PROHPOR sobre fontes documentais para a história do português brasileiro - edição de cartas oficiais da 2ª. metade do século XVIII, sob a responsabilidade de Tânia Lobo, Permínio Ferreira e dos bolsistas de iniciação científica, Klebson Oliveira e Uilton Gonçalves, com a minha supervisão e assessoria - deverá estar concluído, em forma de edição paleográfica-interpretativa, ainda no primeiro semestre de 1999, com possibilidade de tornar-se livro, no conjunto de publicações planejadas no *Projeto para a história do português brasileiro*, pela editora Humanitas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, graças aos professores Ataliba Castilho e Heitor Megale, da USP.

Desses dois projetos referidos deveremos dar conta, ainda neste ano, ao CNPq, quando encerra o auxílio integrado para eles solicitado.

Participante que é o grupo PROHPOR das equipes que se estão constituindo no Brasil para um projeto temático coletivo de abrangência nacional, em função da história do português brasileiro, temos como perspectiva para os próximos anos um direcionamento de pesquisa mais voltado para o passado do português brasileiro, sem contudo deixar de pesquisar um passado mais remoto da língua portuguesa, que é o seu trânsito do período arcaico para o moderno, que se situa pelos meados do século XVI, direcionamento a que tem se dedicado o grupo PROHPOR nesses últimos anos.

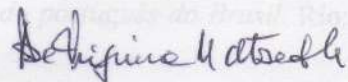
No plano individual, acabei de concluir a organização e apresentação das *Atas* do II *Seminário para a história do português*, tarefa para que fui indicada nesse Seminário, que

serão publicadas em forma de livro pela editora Humanitas do FFLCH/USP. Devo, ainda, levar adiante ^{o meu} projeto individual no PROHPOR sobre *As relações semântico-sintáticas entre os verbos ser, estar, haver, ter no português arcaico* (sécs. XIII ao XVI). E, por convite do professor Ivo Castro, devo elaborar, até o ano 2000, um novo livro sobre o português arcaico, com base nos meus livros *O português arcaico: fonologia* (1991) e *O português arcaico: morfologia e sintaxe* (1994), ampliando-os para abarcar um estudo sobre o léxico medieval e para atualizá-los com os resultados de novas pesquisas sobre esse período realizadas ultimamente, para publicá-lo na *Coleção Filologia*, já referida, da IN-CM de Lisboa.

Como me considero uma profissional envolvida nos acontecimentos do seu Instituto, da sua Universidade e da Universidade Pública brasileira em geral, certamente me empenharei nos acontecimentos circunstanciais e nos previsíveis que se esboçam e já começam a definir-se nos horizontes das Universidades Públicas do Brasil.

Em conformidade com a *Resolução 01/1997* do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, na sua seção VIII, procurei construir este *Memorial de forma discursiva e circunstanciada, descritiva e analítica e em perspectiva histórica*, para dar conta da *trajetória percorrida* na minha vida profissional de docente-pesquisador. Nessa trajetória tenho buscado realizar, da melhor maneira possível, o que julguei capaz de planejar e fazer e de integrar, no geral dos meus planos, as circunstâncias que a Vida me apresentou.*

Salvador, janeiro-abril de 1999



Rosa Virgínia Mattos e Silva

* Agradeço, muito especialmente, a Klebson Oliveira, que digitou de meus manuscritos e editou o *Curriculum e o Memorial* e a Rosauta Poggio, pela revisão feita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Autores e obras referidos neste Memorial:

- ALTMAN, C. (1998) *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- PASCAL, M. e BORGES NETO, J. (1991) *De que trata a Lingüística afinal? Histoire. Epistemologie. Langage*. Paris. 13(1): 13-50
- HOUAISS, A. (1985) *O português no Brasil*. Rio: UNIBRADE – Centro de Cultura.
- KATO, M. (1994) Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. *Actas do Congresso internacional sobre o português*. v. II. Lisboa: Colibri. p. 209-237.
- LUCCHESI, D. (1994) Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12: 17-28.
- LYONS, J. (1968) *Introduction to theoretical linguistics*. Londres e New York: Cambridge University Press.
- MAIA, M.C. de Azevedo (1986) *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MAINGUENEAU, D. (1990) L'unité de la linguistique. *Revista DELTA*. São Paulo. 6 (2): 127-138.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J (1954) *Princípios de lingüística geral. Como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 2. ed. Rio: Acadêmica.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J (1956) *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio: MEC-Casa de Rui Barbosa.
- MEILLET, A. (1928) *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 6. ed. Paris: Hachette.
- MEILLET, A. e COHEN, M. (1952) *Les langues du monde*. 2. ed. Paris: Champion.
- MUSSA, A. (1991) *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Rio: UFRJ. Dissertação de Mestrado (mimeo).
- ROSSI, N. et alii (1963) *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio: Instituto Nacional do Livro.
- ROSSI, N. et alii (1965) *Livro das aves*. Rio: Instituto Nacional do Livro.
- SAUSSURE, F. de (1955) *Cours de linguistique générale*. 5. ed. Paris: Payot.
- SILVA NETO, S. da (1956) *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio: MEC-Casa de Rui Barbosa.
- SILVA NETO, S. da (1960) *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio: Acadêmica

- SILVA NETO, S. da (1957) *Manual de filologia portuguesa*. Rio: Acadêmica.
- SILVA NETO, S. da (1986) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio: Presença.
- WEINREICH, U. (1968) *Languages in contact. Finding and problems*. The Hague-Paris: Mouton.
- WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin-London: University of Texas Press. p. 99-195.
- 2 Publicações minhas destacadas na *Segunda Parte* deste Memorial, nos itens 2 *Da Filologia para a Lingüística* e 3 *Os traçados da trajetória de pesquisa*:

Item 2 *Da Filologia para a Lingüística*: — 7 itens

- 1983 Reencontro da lingüística e da filologia nos estudos diacrônicos. *Linguagem*. Rio de Janeiro. 1: 74-82.
- 1988 Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. *Revista DELTA*. São Paulo. 4 (1): 85-114.
- 1993a Lingüística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português. *Atas do IX Congresso internacional da ALFAL*. v. II. Campinas: UNICAMP. p. 181-202.
- 1993b Nos territórios da língua (lingüística histórica e filologia hoje: redefinindo fronteiras). *Atas do III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética*. João Pessoa: Idéia. p. 45-55.
- 1997a Desenvolvimentos recentes no Brasil dos estudos históricos diacrônicos sobre o português. *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. v. II. Lisboa: APL. p. 567-580.
- 1997b Orientações atuais da lingüística histórica brasileira. *Lingüística*. Publicação anual da ALFAL. Caracas. 23p. (no prelo).
- 1998 Sobre desencontros e reencontros: filologia e lingüística no Brasil no século XX. *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*. 21. 15p (no prelo).
- 1985 Observações sobre fatos fonéticos em um dialeto de transição. *Boletim ALFAL*, 1: 141-155. (com a colaboração de MYRIAN SILVA).

No item 3 *Os traçados da trajetória de pesquisa:*

Primeiro traçado:

- 1964 *Diálogos de São Gregório – Livro II (Vida de São Bento). Edição crítica segundo os três mss. portugueses conhecidos.* Brasília: UNB. Dissertação de Mestrado. 244 p. (mimeo).
- 1965 *Livro das aves. Edição crítica.* Rio de Janeiro: INL. 80 p. (como colaboradora).
- 1971 *A mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório'. Edição crítica.* 4 v. (v. I Introdução; v. II Leitura crítica; v. III Aparato crítico; v. IV Índice geral das palavras lexicais). São Paulo: USP. 1031 p. (mimeo; aceito para publicação pela IN-CM/Lisboa em 1983).

Segundo traçado:

- 1989 *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico.* Lisboa: IN-CM. 870 p.
- 1991 *O português arcaico: fonologia.* São Paulo/Salvador: Contexto/CED-UFBA. 101p.
- 1994 *O português arcaico: morfologia e sintaxe.* São Paulo/Salvador: Contexto/CED-UFBA. 138 p.

Terceiro traçado:

- 1972 Informação preliminar sobre o português falado na aldeia Kamayurá. *Revista de Antropologia.* São Paulo. XXVIII-XX: 77-92.
- 1976 Aculturação no plano lingüístico: notícia sobre pesquisa entre os kamayurá do Alto-Xingu, Brasil. *Actas do III Congresso da ALFAL.* Puerto Rico: Instituto de Lingüística. p. 159-170. (com a colaboração de PEDRO AGOSTINHO)
- 1977 Fatos sintáticos do português kamayurá. *Comunicação ao XV Congresso internacional de lingüística e filologia românicas.* Rio de Janeiro. (com a colaboração de MYRIAN SILVA e MARIA DEL ROSARIO ALBÁN).
- 1982 Manifestações do processo de simplificação em um dialeto de contacto. *Boletim de Filologia.* Lisboa. XXVI: 125-137. (com a colaboração de MYRIAN SILVA).
- 1983 Observações sobre fatos fonéticos em um dialeto de transição. *Boletim ABRALIN*, 5: 141-155. (com a colaboração de MYRIAN SILVA).

- 1983b A formação de uma área dialetal do português. *Ciência e Cultura*. São Paulo. 35 (6): 735-742.
- 1985 Um traço do português kamayurá (Um momento no processo de aquisição do português). *Universitas Ciências*. Salvador. 34: 93-107. (com a colaboração de MYRIAN SILVA).
- 1988a *Sete estudos sobre o português kamayurá*. Salvador: CED-UFBa./PROED. 163 p. (organizadora e autora, com a colaboração de PEDRO AGOSTINHO, MYRIAN SILVA e MARIA DEL ROSARIO ALBÁN).
- 1988b Língua portuguesa: novas fronteiras, velhos problemas. *Revista Lusitana (Nova Série)*. Lisboa. 8: 5-21.
- Quarto traçado:*
- 1985 Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil. Reflexões sobre a língua portuguesa e seu ensino. *Actas do Congresso internacional sobre a situação da língua portuguesa no mundo*. v. I. Lisboa: IN-CM. p. 360-375.
- 1986 Diversidade lingüística, língua de cultura e ensino do português. *Atas do Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil*. Salvador: UFBa.-IL-CNPq. p. 259-266.
- 1989a Diversidade lingüística brasileira e ensino do português: proposições comentadas. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*. Lisboa. 1: 28-36.
- 1989b *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto. 68 p.
- 1990 Falar, ouvir, escrever, ler no ensino da língua portuguesa. *Hyperion-Letras*. Salvador. 1: 47-52.
- 1991 Que gramática ensinar, quando e por que? Entre teorias e realidades. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa. 4: 153-171.
- 1995 *Contradições no ensino do português: a língua que se fala X a língua que se ensina*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBa. 94 p.
- 1996a Variação, mudança e norma e a questão do ensino do português no Brasil. *Anais do Seminário nacional sobre a diversidade lingüística e o ensino da língua materna*. Salvador: EDUFBa. p. 19-43.
- 1996b Alfabetização hoje no Brasil. *Boletim ABRALIN*, 18: 76-90.
- 1996c O português são dois: variação, mudança, norma e a questão do ensino do português no Brasil. *Actas do Congresso internacional sobre o português*. v. II. Lisboa: Colibri/APL. p. 375-402.

1998 O que corrigir no português de nossos alunos? O fator escolarização na compreensão histórica do português brasileiro (*a sair* nas *Actas* do V Congresso internacional de didáctica da língua e da literatura. Coimbra).

Quinto traçado:

1980 Sobre a mudança lingüística: uma revisão histórica. *Boletim de Filologia*. Lisboa. XXVI: 83-92.

1981 Um aspecto do auxiliar no português arcaico. *Tulane studies in romance languages and literature*. Tulane. 10: 93-109.

1984 *Pero e porén*: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*. Lisboa. XXIX: 129-151.

1986 Sintaxe e grafia: contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses. *Actas do Colloque de critique textuelle portugaise*. Paris: Centre Culturel Portugais/Fundação Calouste Gulbenkian. p. 85-98.

1987 *Ser, estar, jazer, andar* no português trecentista. *Arquivo do Centro Cultural Português*. Paris-Lisboa: XXIII: 31-47.

1990 Rastros de velho mistério! Sobre estudos de variação e mudança na fase arcaica do português. *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador. 10: 153-177.

1994 Para uma caracterização do português arcaico. *Revista DELTA*. São Paulo. 10 (nº. especial): 247-276.

1995 *Ter* ou *haver* em estruturas de posse: variação e mudança no português arcaico. In PEREIRA, C. e PEREIRA, P. (orgs.) *Miscelânea 'in memoriam' de Celso F. Cunha*. Rio: Nova Fronteira. p. 288-298.

1998 A concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico. *Atas do IX Congresso internacional da ALFAL*. v. IV. Campinas: IEL-UNICAMP. p. 165-175.

Sexto traçado:

1993 Português brasileiro: raízes e trajetórias (Para a construção de uma história). *Discursos*. Lisboa. 3: 75-92.

1995 A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro. *Boletim ABRALIN*. 17: 73-85.

1996a *A 'Carta de Caminha': testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBa./UEFS/EGBa. 284 p. (como organizadora e autora).

- 1996b A 'Carta de Caminha' no tempo da língua portuguesa. In MATTOS e SILVA, R.V. (org.) *A 'Carta de Caminha': testemunho lingüístico de 1500*. p. 17-27.
- 1996c A variação *haver/ter*. In MATTOS e SILVA, R.V. (org.) *A 'Carta de Caminha': testemunho lingüístico de 1500*. p. 182-195.
- 1996d A variação *ser/estar* e *haver/ter* em 1540: fase final de mudanças em curso no português arcaico. *Comunicação* ao GT "História da língua portuguesa" no IX Congresso da ALFAL-Gran Canária. 22 p. (inédito).
- 1997a A variação no uso de *ser/estar/haver/ter* no português ducentista. *Revista Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 270-285.
- 1997b Contribuição do programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) para a renovação dos estudos histórico-diacrônicos do português. *Atas do III Seminário do GT de Sociolingüística da ANPOLL*. 21 p. Curitiba. (no prelo).
- 1998a Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior. In ATALIBA DE CASTILHO (org.) *Para a história do português brasileiro*. v. I (*Primeiras idéias*). São Paulo: Humanitas. p. 21-52.
- 1998b De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. *Comunicação* ao II Seminário nacional para a história do português brasileiro. 25 p. (*a sair* no v. II de *Para a História do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas).
- 1998c Resíduos arcaizantes em 1540: a propósito do uso variável de *ser/estar* em estruturas atributivas e de *ter/haver* em estruturas possessivas no período arcaico do português. 20 p. (*a sair* na *Coletânea* em homenagem a Ângela Vaz Leão. PUC-MG.).